



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Georgie Alexánder Echeverri Vásquez

**Ecosistemas digitais e mobilização coletiva: as redes sociais como
campo de expressão do pensamento social**

Rio de Janeiro

2020

Georgie Alexánder Echeverri Vásquez

Ecossistemas digitais e mobilização coletiva: as redes sociais como campo de expressão do pensamento social



Tese apresentada, como requisito para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Área de concentração: Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Moura Coelho Pecly Wolter

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

V335 Vásquez, Georgie Alexánder Echeverri.
Ecossistemas digitais e mobilização coletiva: as redes sociais como campo de expressão do pensamento social / Georgie Alexánder Echeverri Vásquez. – 2020. 152 f.

Orientador: Rafael Moura Coelho Pecly Wolter.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Redes Sociais On-line. – Teses. 3. Conflitos – Teses. 4. Afeto - Teses. I. Wolter, Rafael Moura Coelho Pecly. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

es CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Georgie Alexánder Echeverri Vásquez

**Ecossistemas digitais e mobilização coletiva: as redes sociais como campo de expressão
do pensamento social**

Tese apresentada, como requisito para a obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Área de concentração: Psicologia Social..

Aprovado em: 17 de março de 2020.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rafael Moura Coelho Pecly Wolter
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ana Raquel Rosas Torres
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof.^a Dr.^a Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar
Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Prof.^a Dr.^a Regina Glória Nunes Andrade
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Prof.^a Dr.^a Patrícia Sobral de Miranda
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Rio de Janeiro

2020

Ubi enim est thesaurus tuus, ibi erit et cor tuum.

Mateus 6,21

• AGRADECIMENTOS

O processo de pesquisa e elaboração da presente tese não teria sido possível sem o apoio do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da minha amada Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ): a ambas as instituições apresento meus mais profundos agradecimentos.

Expresso minha gratidão sincera a Rafael Moura Coelho Pecly Wolter, meu orientador, cujo acompanhamento constante, tanto teórico como metodológico, fez com que eu descobrisse horizontes novos de pesquisa no campo da Psicologia Social. Agradeço, igualmente, as observações dos professores Fábio Luiz Malini de Lima e Ricardo Vieiralves de Castro, realizadas na banca de qualificação, porque foram basilares na construção do texto final.

O meu agradecimento estende-se também às professoras Ana Raquel Rosas Torres, Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar, Regina Glória Nunes Andrade e Patrícia Sobral de Miranda, por terem aceito fazer parte da minha banca examinadora de tese, o que representa uma honra e um desafio para mim do ponto de vista acadêmico.

Agradeço a todos os pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), especialmente à socióloga Marianne Malini, pelo seu apoio irrestrito. Igualmente, a todos os participantes da pesquisa, especialmente Ana Bia Monteiro, Ana Gabrielle de Souza Silva, Aurelio Fernandes, Bruno da Costa Lugão, Caroline Silva Cassimiro, Fernando Ribeiro Arantes, Gabriel Delphino de Araújo, Gerson Vinícius Bouzin Junior, João Falk, José Genilson Fraante, Matheus Fazol Dutra, Mayara Natiellen de Oliveira Ferreira, Thaís da Silva Ferreira, Thiago de Oliveira, Thiago Guedes Silveira e William Luiz Vítor.

Agradeço a meus amigos e colegas Rosane Pinto Rodrigues, Thamiris Marques da Silva e Álvaro Rafael Santana Peixoto pelo seu apoio e camaradagem. À minha família do Museu do Samba (SomcdrsnB!), meu lar aos pés do morro da Mangueira, onde esta tese nasceu. Aos membros da minha família, tanto quanto aos meus amigos da Colômbia, que torcem por mim e fazem suas as minhas conquistas. Aos meus estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Ao Deus da Vida que me trouxe até o Brasil, país a que pertence a metade do meu coração. Por fim, agradeço à Dandara, a minha gatinha colombo-brasileira, que acompanhou de forma curiosa e silenciosa cada passo na construção desta tese!

• **RESUMO**

ECHEVERRI VÁSQUEZ, Georgie Alexánder. **Ecosistemas digitais e mobilização coletiva**: as redes sociais como campo de expressão do pensamento social. 2020. 152 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

A presente tese analisa a forma como o pensamento social se expressa em uma rede social digital face a fenômenos de mobilização coletiva. Foram realizados três estudos independentes, a partir de dois acontecimentos pontuais, a saber, a ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro, por parte dos estudantes secundaristas em 2016 e o fenômeno de disseminação de *fake news*, durante a campanha presidencial do Brasil em 2018. O primeiro estudo visou analisar a ocupação das escolas do Rio de Janeiro como sistema representacional, no quadro da abordagem estrutural das representações sociais. O segundo estudo se concentrou na geração, circulação e reprodução do pensamento social, a partir das narrativas construídas e difundidas pelos jovens nas páginas do *Facebook* das escolas ocupadas. Já o terceiro estudo extrapolou a dinâmica de antagonismo das redes sociais digitais entre eleitores de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro a um exercício de interação conversacional face a face, levando em consideração a abordagem dialógica das representações sociais e a retórica, entendida como arte prática da argumentação. Do ponto de vista psicossocial, os estudos permitiram concluir que, em contextos caracterizados por relações de tensão/conflito, as redes sociais digitais operam a modo de campos representacionais, ativados pelo afeto como vetor mobilizador, e configurados a partir de três princípios: i) campo como ecossistema; ii) campo como relação biunívoca entre práticas e representações; e iii) campo como tensão dialógica. Os resultados da pesquisa também sugerem rotas possíveis para abordar os ecossistemas digitais como campos comunicacionais, por meio de perspectivas teórico-metodológicas integradoras.

Palavras-chave: Internet. Redes Sociais Digitais. Pensamento Social. Afeto. Conflito.

ABSTRACT

ECHEVERRI VÁSQUEZ, Georgie Alexánder. **Digital ecosystems and collective mobilization:** social media as a field of expression of social thought. 2020. 152 f. Tese. (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

This dissertation analyzes the way in which social thought is expressed in a social media, in the face of collective mobilization phenomena. Three independent studies were carried out based on two specific events, namely, the occupation of schools in the state of Rio de Janeiro by high school students in 2016 and the phenomenon of spreading *fake news* during Brazil's presidential campaign in 2018. The first study aimed to analyze the occupation of schools in Rio de Janeiro as a representational system in the frame of the structural approach of social representations. The second study focused on the generation, circulation and reproduction of social thought based on the narratives created and disseminated by the students on *Facebook*. Finally, the third study extrapolated the dynamics of antagonism of social media between voters of Fernando Haddad and Jair Bolsonaro to a face-to-face conversational interaction exercise, taking into account the dialogical approach of social representations and rhetoric as a practical art of argumentation. From a psychosocial point of view, studies have concluded that in contexts characterized by tension / conflict relationships, social media operate as representational fields, activated by affect as a mobilizing vector and based on three principles: i) field as ecosystem; ii) field as a two-way relationship between practices and representations; and iii) field as a dialogical tension. The results of the research also suggest possible routes to approach digital ecosystems as communicational fields from integrating theoretical and methodological perspectives.

Key-words: Internet. Social Media. Social Thought. Affect. Conflict.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Elementos que compõem o efeito de campo proposto por Rouquette	26
Figura 2 – Do modelo <i>órganon</i> de Brühler à epistemologia interacional de Moscovici	33
Figura 3 – Primeira postagem do movimento de ocupação das escolas do Rio de Janeiro	49
Figura 4 – Manual de ocupação das escolas difundido pelo C.E. Mendes de Moraes	51
Figura 5 – Interpretação de uma análise prototípica.....	58
Figura 6 – Práticas comunicacionais que os participantes sempre realizam	62
Figura 7 – Práticas comunicacionais que os participantes nunca realizam	63
Figura 8 – Análise de similitude do termo indutor ocupação fornecido pelo Iramuteq	65
Figura 9 – Árvore máxima com cognemas associados à ocupação.....	66
Figura 10 – Hierarquia das formações cognitivas	74
Figura 11 – Arquitetura do pensamento social de Rouquette (2009)	75
Figura 12 – Casos prototípicos de objetos a partir da antinomia cognição-afeto.....	77
Figura 13 – Agrupamento de postagens por intervalos de frequência	80
Figura 14 – Fases da análise de conteúdo desenvolvida	82
Figura 15 – Categorias definidas para a análise inferencial	82
Figura 16 – Postagem com maior engajamento nas ocupações do Rio.....	88
Figura 17 – Análise global das categorias segmentadas por fonte empírica	95
Figura 18 – Análise global das categorias baseada na frequência de unidades de registro.....	96
Figura 19 – Análise de unidades de registro segundo valor absoluto de compartilhamento....	97
Figura 20 – Análise global unidades de registro segundo valor absoluto de engajamento	98
Figura 21 – Formación de la imagen en un espejo esférico convexo.....	99
Figura 22 – Imagem das ocupações das escolas do Rio mais compartilhada no <i>Facebook</i> ...	102
Figura 23 – Arquitetura do pensamento social adaptada a uma rede social digital	103
Figura 24 – Relações de tensão dialógica na tríade <i>Ego-Alter-Objeto</i>	110
Figura 25 – Delineamento do estudo sobre dialogicidade e fake news.....	113
Figura 26 – Proposta de integração regional de Fernando Haddad.....	115
Figura 27 – Proposta de integração regional de Jair Bolsonaro	116
Figura 28 – Grade de observação para discurso interativo.....	117
Figura 29 – Tensão dialógica de um ecossistema digital	124
Figura 30 – Ecossistemas digitais como campo de pesquisa psicossocial e comunicacional	134
Figura 31 – Vinte competências para uma cultura democrática.....	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Critérios de seleção das escolas dos participantes	57
Tabela 2 – Análise prototípica do termo indutor ocupação	64
Tabela 3 – Unidades de registro segundo tríplice critério da fonte empírica	81
Tabela 4 – Unidades de registro segundo categoria / tipologia de postagem.....	84
Tabela 5 – Concentração de focos semânticos na tipologia texto	84
Tabela 6 – Pauta do movimento presente nas tipologias texto, cartaz e artigo	85
Tabela 7 – Concentração de focos semânticos na tipologia artigo.....	86
Tabela 8 – Concentração de focos semânticos na tipologia fotografia	87
Tabela 9 – Concentração de focos semânticos tipologias vídeo editado e vídeo espontâneo ..	91
Tabela 10 – Concentração de focos semânticos nas tipologias cartaz e gif	93
Tabela 11 – Intencionalidade comunicativa das postagens analisadas.....	94
Tabela 12 – Topoi identificados no exercício conversacional dos grupos focais	118
Tabela 13 – Ativação de <i>topoi</i> a partir de uma mesma postagem	120
Tabela 14 – Cruzamento de <i>topoi</i> com fonte de informação das postagens ativadoras	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tradições teóricas da comunicação segundo Craig (1999)	41
Quadro 2 – Eventos mais destacados da ocupação das escolas do Estado do Rio de Janeiro..	50
Quadro 3 – Propriedades dos sistemas central e periférico de uma representação social	53
Quadro 4 – Técnicas utilizadas na abordagem estrutural das representações sociais	56
Quadro 5 – Práticas de produção e consumo de informação.....	60
Quadro 6 – Critérios para seleção de termos da choix-par-bloc.....	61
Quadro 7 – Páginas do Facebook das escolas ocupadas selecionadas para o estudo.....	78
Quadro 8 – Sequência interacional grupo focal A: Fernando Haddad.....	114
Quadro 9 – Sequência interacional grupo focal B: Jair Bolsonaro.....	114
Quadro 10 – Sequência interacional grupo focal C: grupo misto.....	115
Quadro 11 – Premissas psicossociais vs. estudos desenvolvidos.....	129

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	INTERNET: A REVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO	15
1.1	Premissa 1: A sociedade como sistema de comunicação e pensamento	17
1.1.1	<u>A teoria de sistemas de Niklas Luhmann</u>	18
1.1.2	<u>A sociedade em rede de Manuel Castells</u>	21
1.1.3	<u>O pensamento social como sistema</u>	23
1.2	Premissa 2: As práticas como agentes transformadores das representações	27
1.3	Premissa 3: Conhecimento social e Internet	31
1.3.1	<u>A rede como campo psicossocial e comunicacional</u>	36
1.3.2	<u>Redes sociais digitais e configuração do campo de pesquisa</u>	39
2	INTERNET E MOBILIZAÇÃO COLETIVA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO EM 2016	44
2.1	Introdução	44
2.2	Ocupação das escolas do Rio de Janeiro	48
2.3	Abordagem estrutural das representações sociais	52
2.4	Método	56
2.4.1	<u>Técnica de associação livre de palavras (TALP)</u>	57
2.4.2	<u>Práticas de consumo de informação</u>	59
2.4.3	<u>Análise de similitude (<i>choix-par-bloc</i>)</u>	60
2.5	Resultados	62
2.6	Discussão	67
3	REDES SOCIAIS DIGITAIS E CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS: O CASO DA OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO	70
3.1	Introdução	70
3.2	Pensamento social e hierarquização cognitiva	72
3.3	Afetos e mobilização coletiva	75
3.4	Método	77
3.5	Resultados	82
3.5.1	<u>Análise de conteúdo por tipologia e fonte empírica</u>	82
3.5.1.1	Tipologia 1 – Texto simples.....	84
3.5.1.2	Tipologia 2 - Artigo jornalístico.....	85

3.5.1.3	Tipologia 3 - Fotografia	86
3.5.1.4	Tipologias 4 e 5 - Vídeos espontâneos e vídeos editados	89
3.5.1.5	Tipologias 6 e 7 - Cartazes e gifs	92
3.5.2	<u>Análise global das categorias</u>	95
3.6	Discussão	98
3.6.1	<u>Construção do pensamento social</u>	98
3.6.2	<u>Dinâmica comunicacional do pensamento social</u>	99
3.6.3	<u>Estrutura do pensamento social</u>	101
4	REDES SOCIAIS DIGITAIS E TENSÃO DIATÓPICA: UM ESTUDO COM ELEITORES DE HADDAD E BOLSONARO	105
4.1	Introdução	105
4.2	Dialogicidade como base da comunicação	108
4.3	Retórica: a arte prática do discurso	111
4.4	Método	113
4.5	Resultados	117
4.5.1	<u>Vetor de análise 1: Construção verbal do objeto</u>	117
4.5.2	<u>Vetor de análise 2: Relação de alteridade</u>	121
4.6	Discussão	124
4.6.1	<u>Rede social digital e representação social intergrupos</u>	125
4.6.2	<u>Tensão diatópica como fenômeno comunicacional</u>	126
	EPÍLOGO	129
	REFERÊNCIAS	140
	APÊNDICE A - Estudo 1: aplicação de questionário	150
	APÊNDICE B - Matriz de cruzamento de distâncias análise de similitude	152

INTRODUÇÃO

Enquanto a escrita da presente tese concluía, os veículos mais importantes da imprensa internacional faziam uma retrospectiva das mobilizações acontecidas ao redor do planeta em 2019: Argélia, Bolívia, Catalunha, Chile, Colômbia, Equador, Egito, França, Geórgia, Guiné-Conakri, Hong Kong, Iraque, Irã, Líbano, Reino Unido...todas, independentemente da sua motivação específica, se caracterizavam por serem, nas palavras utilizadas pelo *Financial Times*, *leaderless rebellions*, isto é, movimentos de protesto sem lideranças visíveis, diretamente ligados às redes sociais digitais como plataformas de coordenação e organização coletiva.

No quadro dessas mobilizações chama a atenção a fala de uma mulher chilena¹ que protesta nas ruas de Santiago, convidando os chilenos a desligarem a televisão porque, segundo ela, a mídia mente; a senhora, evidentemente emocionada, acrescenta: “informem-se nas redes sociais”. Nada mais expressivo do que essa fala para apresentar o nosso objeto de pesquisa, a saber, as redes sociais digitais como campo de geração, circulação e reprodução do pensamento social.

Nessa perspectiva, formulamos uma grande pergunta de pesquisa (como se produz o pensamento social em uma rede social digital face a eventos de mobilização coletiva?) e tentamos respondê-la por meio da realização de três estudos independentes sobre dois fenômenos de mobilização acontecidos no Brasil, nomeadamente, a ocupação das escolas do Rio de Janeiro por parte dos estudantes secundaristas em 2016, e o segundo turno da campanha presidencial de 2018, disputado pelos candidatos Fernando Haddad e Jair Bolsonaro.

Optamos por realizar o delineamento teórico-metodológico dos três estudos partindo, respectivamente, de três premissas que são consideradas princípios axiomáticos no campo da teoria das representações sociais: i) a sociedade é um sistema de pensamento; ii) as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das representações sociais; e iii) o conhecimento social é um processo interacional que se constrói na tríade *Ego-Alter-Objeto*.

Essas premissas se tornaram tanto o arcabouço estruturador como o fio condutor da tese *Ecossistemas digitais e mobilização coletiva: as redes sociais como campo de expressão do pensamento social*, desenvolvida no quadro da linha de pesquisa *Processos sociocognitivos e*

¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ErXT8a4LIQI>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

psicossociais do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Trata-se, então, de uma tese que aborda as redes sociais digitais associadas a fenômenos de mobilização coletiva, assunto que, por ser de absoluta relevância na contemporaneidade, demanda a construção de marcos explicativos de referência, que sirvam de orientação teórica tanto quanto de estímulo para a pesquisa continuada. No nosso caso específico, propomos uma articulação entre a teoria das representações sociais como perspectiva psicossocial integradora, e a comunicação como metadiscurso teórico, diretamente atrelado a essa perspectiva psicossocial, no intuito de pensarmos esses ecossistemas digitais, acima de tudo, como campos representacionais e comunicacionais.

Nessa ordem de ideias, o(a) leitor(a) encontrará a seguinte estrutura textual: em primeiro lugar, um capítulo teórico que problematiza a *Internet* como fenômeno comunicacional à luz das premissas psicossociais supracitadas; logo depois, três estudos, formulados e apresentados a modo de artigos científicos independentes; e, finalmente, um epílogo, que retoma os achados mais importantes dos três estudos, apresentando uma reflexão sobre as redes sociais digitais como ecossistemas ativados pela lógica tensional do conflito.

O capítulo inicial, cujo título é *Internet: a revolução da comunicação*, encontra-se estruturado em três partes. Na primeira delas abordamos a comunicação como elemento basilar nas teorias sociológicas de Niklas Luhmann sobre o *sistema social* e de Manuel Castells sobre a *sociedade em rede*, construindo uma ponte com a psicossociologia do conhecimento, inaugurada por Serge Moscovici a partir da teoria das representações sociais. Na segunda parte nos concentramos nos diferentes tipos de comunicação que coexistem em uma sociedade em rede e as mudanças decorrentes desse fenômeno. Por fim, na terceira parte do capítulo, abordamos os ecossistemas digitais como universos consensuais nos quais prevalece a lógica do pensamento social, apontando para um possível diálogo entre a epistemologia interacional e a comunicação como metadiscurso teórico.

O primeiro estudo, denominado *Internet e mobilização coletiva: representações sociais da ocupação das escolas do Rio de Janeiro em 2016*, analisa, do ponto de vista da abordagem estrutural das representações sociais, o fenômeno da ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro em 2016, aproximando-se das práticas de produção e consumo de informação por parte dos estudantes secundaristas e da representação socialmente construída em torno da ocupação.

O segundo estudo, intitulado *Redes sociais digitais e construção de narrativas: o caso da ocupação das escolas do Rio de Janeiro*, analisa a dinâmica de geração, circulação e reprodução do pensamento social nas páginas do *Facebook* das escolas ocupadas durante esse

fenômeno de mobilização coletiva, concentrando-se no cruzamento de elementos advindos da abordagem estrutural das representações sociais, tais como a arquitetura do pensamento social, com as condições de produção desse pensamento socialmente construído, comumente trabalhadas na abordagem sociogenética.

O terceiro estudo, cujo título é *Redes sociais digitais e tensão diatópica: um estudo com eleitores de Haddad e Bolsonaro*, analisa a dinâmica comunicacional ativada por conteúdos falsos ou *fake news*, que circulam nas redes sociais digitais em momentos de mobilização coletiva, partindo da dialogicidade como base da construção social do conhecimento e da retórica como arte prática da argumentação.

Com o propósito de atravessar a fronteira da Psicologia Social, fizemos questão de construir um texto com uma linguagem simples, que favorecesse a compreensão por parte de pesquisadores de outras áreas do conhecimento, especialmente da Comunicação, de conceitos frequentemente utilizados na teoria das representações sociais, e vice-versa. Almejamos que, ao chegar na última palavra do epílogo, o(a) leitor, além de ter tido uma experiência de leitura prazerosa, fique incentivado a enriquecer a discussão sobre a relação entre ecossistemas digitais e mobilização coletiva no quadro do que poderíamos denominar educação para uma cidadania digital.

1 INTERNET: A REVOLUÇÃO DA COMUNICAÇÃO

O presente capítulo se propõe a problematizar a *Internet*, do ponto de vista psicossocial, como fenômeno de comunicação nas sociedades contemporâneas interconectadas, partindo de três premissas que são consideradas princípios fundamentais no campo da teoria das representações sociais, a saber: i) a sociedade é um sistema de pensamento; ii) as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das representações sociais; e iii) o conhecimento social é um processo interacional que se constrói na tríade *Ego-Alter-Objeto*. Essas premissas, que operarão a modo de prismas de análise, nos conduzirão, finalmente, à grande pergunta de pesquisa que norteia a presente tese, isto é, como se produz o pensamento social em uma rede social digital face a eventos de mobilização coletiva.

Na primeira parte do capítulo, no quadro da premissa segundo a qual *a sociedade é um sistema de pensamento*, abordaremos a comunicação como elemento basilar nas teorias sociológicas de Niklas Luhmann sobre o *sistema social* e de Manuel Castells sobre a *sociedade em rede*, construindo uma ponte com a psicossociologia do conhecimento, inaugurada por Serge Moscovici a partir da teoria das representações sociais.

Na segunda parte do capítulo, partindo da premissa segundo a qual *as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das representações sociais*, concentraremos a nossa atenção nos diferentes tipos de comunicação que coexistem em uma sociedade em rede e as mudanças decorrentes dessa coexistência, especialmente no que diz respeito a uma nova concepção do espaço público e aos movimentos sociais que nele emergem.

Já na terceira parte do capítulo, que segue a premissa segundo a qual *o conhecimento social é um processo interacional que se constrói na tríade Ego-Alter-Objeto*, abordaremos os ecossistemas digitais como universos consensuais nos quais prevalece a lógica do pensamento social, apontando para um possível diálogo entre a epistemologia interacional e a comunicação como metadiscurso teórico.

*

Em 2003, um filme alemão do diretor Wolfgang Becker, cujo nome era *Good-bye, Lenin!* ou *Adeus, Lênin!* na tradução brasileira, tornou-se o melhor filme do *Bundesfilmpreis* ou *Prêmios Lola*, os mais importantes do cinema alemão. A tragicomédia, que acontece na República Democrática Alemã (RDA) em 1989, se desenvolve ao redor da relação de Alexander (Daniel Brühl) com sua mãe Christiane (Kathrin Sass), uma professora devotada ao regime de

orientação soviética. Christiane sofre um ataque cardíaco ao ver seu filho em uma manifestação contra o regime socialista e fica em coma durante oito meses, tempo durante o qual ocorre a reunificação e o sistema capitalista começa a se alastrar pela então Alemanha Oriental. Quando a mãe desperta do coma, o filho, com o propósito de preservá-la do choque, idealiza estratégias para que ela perceba que ainda vive no regime socialista e que a gloriosa República Democrática Alemã continua em pé.

Do ponto de vista psicossocial, fazer referência a esse filme é ilustrativo porque nos permite entender como um evento histórico marcante pode transformar as práticas cotidianas de uma sociedade; a queda do Muro de Berlim representou não só o declínio de um sistema econômico, senão também a reconfiguração simbólica das relações dos cidadãos com outro tipo de Estado, diferente do existente até então nos países da Cortina de Ferro.

É possível traçar um paralelo entre esse evento e o surgimento e popularização da *Internet* nas sociedades contemporâneas, toda vez que se trata de fatos marcantes que acontecem no quadro de processos que acabam transformando o modo como as pessoas se relacionam, assim como os esquemas de pensamento que lhes permitem orientar-se no mundo. Um caso pontual, que vale a pena lembrar e que abordaremos mais adiante, é a forma como a dinâmica geopolítica da Guerra Fria incidiu na maneira como os franceses da década de 1950 pensavam e falavam da psicanálise, sendo considerada pela mídia de esquerda, por exemplo, como uma ciência burguesa de orientação capitalista. É nesse contexto que Moscovici (1961) formula o conceito de representação social para se referir a quadros dinâmicos de interpretação da realidade que se constroem a partir da comunicação e que são compartilhados pelos grupos humanos nas interações da vida cotidiana.

Se esse mesmo estudo sobre a psicanálise como objeto na sociedade francesa fosse feito hoje, quase 50 anos após ser formulada a teoria seminal das representações sociais, além dos 1640 artigos de 230 revistas e jornais franceses que Moscovici (1961/2012) pesquisou, a autora teria que levar em consideração mais outros formatos de comunicação próprios de uma sociedade em rede. No entanto, a sua proposta de abordar um objeto a partir de um campo de fenômenos “mistos”, que são ao mesmo tempo individuais e sociais (Moscovici, 2003), cobra ainda maior vigência, especialmente ao levarmos em consideração, como explicam Moya e Herrera (2015), que as relações da comunicação social com o advento da *Internet* caracterizam-se por ser horizontais, multidirecionais, reticulares e interativas, e não mais mediatizadas por veículos corporativos.

É nessa perspectiva integradora de uma Psicologia Social que estuda a realidade social articulando níveis de explicação psicológicos e sociológicos (Álvaro & Garrido, 2006), que este

capítulo problematiza a *Internet* como fenômeno de comunicação nas sociedades contemporâneas, abordando-o a partir de três premissas que têm se tornado basilares no campo da pesquisa em representações sociais ao longo dos últimos anos, e que foram escolhidas propositalmente como fio condutor desta tese de doutorado. A primeira premissa tem a ver com a concepção da sociedade como sistema de pensamento; a segunda aborda a relação entre representações sociais e práticas sociais; e a terceira concentra-se na interação como base da construção do conhecimento social.

No que diz respeito à concepção da sociedade como sistema de pensamento, problematizaremos o conceito de sistema à luz da teoria de Luhmann, criando uma ponte com o modelo de *sociedade em rede* proposto por Castells, com o propósito de fazer uma aproximação inicial do pensamento social em entornos interconectados por dispositivos tecnológicos. No que tange à segunda premissa, que aborda a relação biunívoca entre representações sociais e práticas, nos concentraremos na forma como a *Internet* tem transformado os processos de comunicação social e seus efeitos na construção do que denomina-se espaço público. Por fim, ao nos enfocarmos na terceira premissa, que aponta para a interação como base da construção do conhecimento social, analisaremos os ecossistemas digitais criados pela *Internet* como um possível campo de convergência da psicossociologia do conhecimento proposta por Moscovici com a teoria da comunicação como campo (Craig, 1999; 2009; Craig & Muller, 2007), face à pergunta de pesquisa que norteia a presente tese, isto é, como se produz o pensamento social em uma rede social digital em momentos de mobilização coletiva, entendendo essa produção como processo de geração, circulação e reprodução.

1.1 **Premissa 1: A sociedade como sistema de comunicação e pensamento**

Problematizar o impacto da *Internet* como fenômeno comunicacional do ponto de vista psicossocial implica, em primeiro lugar, abordar a sociedade a partir da teoria sociológica contemporânea (Sell & Martins, 2017), isto é, uma teoria que aponte para “concepções gerais que dizem respeito à natureza das ações, relações, processos e estruturas sociais em sentido amplo e da sociedade moderna em particular” (p.4). Nessa ordem de ideias, abordaremos uma *Gessellschaftstheorie* ou teoria da sociedade, partindo de dois autores que consideram a comunicação como um elemento basilar de suas propostas: Niklas Luhmann (1927-1998) e sua metateoria do *sistema social* (Luhmann, 1984, 1997, 1998) e Manuel Castells (1942-), com seu conceito de *network society* ou *sociedade em rede* (Castells, 2000a, 2001, 2009). Uma vez apresentados os pressupostos mais importantes de ambos os autores, abordaremos a sociedade

como sistema de pensamento, a partir do estudo seminal sobre a teoria das representações sociais desenvolvido por Serge Moscovici (1976, 1984, 1961/2012).

Antes de nos aproximarmos da forma como Luhmann concebe a sociedade, é importante frisar que este autor, considerado junto a Jürgen Habermas como um dos mais proeminentes da sociologia alemã (Mathis, 2004), começou sua carreira acadêmica na década de 1960 na Universidade de Harvard ao lado de Talcott Parsons (1902-1979), daí que seja procedente, então, fazermos referência inicialmente à *ação social* do ponto da teoria sistêmica estrutural-funcional (Parsons, 1984), para depois nos debruçarmos no que Luhmann (2005) definiu como teoria sistêmica funcional-estrutural.

Parsons (1984), no quadro do que ele denomina ação, classifica os objetos em sociais, físicos e culturais. Um *objeto social* pode ser um ator individual (*Alter*), um ator que se toma a si próprio como referência (*Ego*) ou uma coletividade; um *objeto físico*, por sua vez, seria um meio ou condição da ação do *Ego* que não interage nem responde a ele; e um *objeto cultural*, por fim, seria um elemento simbólico que o *Ego* define como situacional e que não faz parte da estrutura de sua personalidade, e.g. as crenças. A organização desses objetos leva Parsons a explicar que “os fins da teoria da ação são, acima de tudo, uma função da relação do ator com sua situação e a história dessa relação no sentido de ‘experiência’” (Parsons, 1984, p. 7.).

Nessa ordem de ideias, Parsons (1984) concebe o sistema social como uma pluralidade de atores individuais que interagem em um ambiente físico, visando obter uma gratificação condizente com suas expectativas, e cuja interação estaria mediada por símbolos culturalmente estruturados e compartilhados. A unidade desse sistema social, segundo o sociólogo norte-americano, seria o *ato*, que é a base do processo de interação; ora, do ponto de vista macroscópico, criar-se-ia uma estrutura de relações, uma trama ou urdidura tecida a partir de uma unidade mais complexa, o *status/rol*, que cumpriria uma função orientadora: o *status* corresponderia à posição do ator na trama e o *rol* diria respeito à atuação desse ator perante os outros no quadro da interação cotidiana.

1.1.1 A teoria de sistemas de Niklas Luhmann

Luhmann (2005), ao se referir à teoria sociológica de Parsons, a denomina *estrutural-funcional* porque ela pré-ordena a estrutura à função, concentrando-se nas operações dos sistemas e nas relações entre as partes e o todo, e privando-se assim “da possibilidade de problematizar estruturas e de indagar, em geral, o *sentido* da formação estrutural, de acordo com o sentido da formação sistêmica” (p. 74). Luhmann, professor da Universidade de

Bielefeld, propõe uma teoria sistêmica *funcional-estrutural* —inversa à do seu mentor—, que entende o sistema social como “uma conexão de sentido das ações sociais, que se referem umas às outras e se podem delimitar de um meio ambiente de ações não pertinentes” (Luhmann, 2005, p.76).

Como aponta Menezes (2008), focar-se nessa conexão de sentido levará Luhmann a uma renovação da Teoria dos Sistemas, porque o cerne não será mais a distinção do todo (a sociedade) e as partes (os sujeitos), mas sim a diferenciação entre o sistema, embasado na comunicação, e seu meio ambiente (*Umwelt*). Nas palavras de Luhmann (1991), “sem diferença em relação ao meio não haveria auto-referência, porquanto, a diferença é a premissa para a função de todas as funções de todas as operações” (p. 39)

Um elemento fundamental da teoria de Luhmann é a função de apreensão e redução da complexidade que ela comporta: “os sistemas sociais servem para mediação entre a extrema complexidade do mundo e a capacidade muito menor, dificilmente alterável por razões antropológicas, do homem para a elaboração consciente da vivência” (Luhmann, 2005, p. 180). Para Luhmann, o mundo (*Welt*) não é um sistema, mas uma referência suprema à complexidade, entendida como totalidade dos possíveis acontecimentos e circunstâncias.

Entre a extrema complexidade do mundo e a consciência humana, como comentam Neves e Neves (2016), existe uma lacuna onde os sistemas sociais assumem a função de reduzir a complexidade; esses sistemas, como explicado acima, se constituem a partir da diferenciação com o entorno, caracterizando-se por serem autopoieticos, auto-referenciais e operacionalmente fechados.

O principal fator em comum entre os sistemas sociais é o fato de que a sua operação básica é a comunicação. Mathis (2004), após estudar a obra de Luhmann, afirma que a comunicação é a única operação genuinamente social, e que ela é autopoietica porque “pode ser criada somente no contexto recursivo das outras comunicações, dentro de uma rede, cuja reprodução precisa da colaboração de cada comunicação isolada” (p.5). Aqui vale a pena, então, nos determos a analisar o que significa comunicação e autopoiesis para Luhmann, porque são dois conceitos que se tornam eixos de sua teoria da sociedade.

Luhmann (1997) define a comunicação como a síntese de três seleções, a saber, mensagem, informação e compreensão da diferença entre mensagem e informação². Mathis (2004) o explica de uma forma ilustrativa: “Comunicação é o fato que *Ego* compreende que *Alter* transmitiu uma informação, e que essa informação pode ser atribuída ao *Alter*” (p.10).

² Os textos em inglês que se referem à teoria de Niklas Luhmann, falam em *information, utterance e understanding* (Maurer, 2010).

Nessa perspectiva, para Luhmann, a “informação não é o resultado de uma transmissão —como no entendimento corriqueiro da comunicação— que passou de um (que deixou de tê-la) para outro (que passou a tê-la), mas sim, produto da *construção de uma seleção específica*” (Mathis, 2004, p. 10).

Já o conceito de autopoiesis, que Luhmann incorpora na sua teoria, provém das pesquisas desenvolvidas por Maturana e Varela (1984) no campo da biologia. Conforme explicam Rodríguez e Torres (2003), a autopoiesis —ou auto-reprodução— descreve o fenômeno circular da vida, no qual as moléculas orgânicas formam redes de reações que produzem as mesmas moléculas das quais estão constituídas, de acordo com uma auto-organização interna que estabelece limites.

Esse conceito de Maturana é extrapolado por Luhmann aos sistemas sociais, referindo-se à reprodução autopoietica do sistema “não como uma repetição idêntica do mesmo, senão como a criação constante de novos elementos vinculados aos precedentes” (Urteaga, 2010, p. 314). Por outras palavras, e Urteaga (2010) o define com clareza: para Luhmann, o sistema social reproduz a comunicação do mesmo modo que os sistemas vivos reproduzem a vida e os sistemas psíquicos reproduzem a consciência.

Nessa linha de vinculação do fenômeno social ao comunicativo, de dependência sistêmica entre sociedade e comunicação, Luhmann aborda as sociedades modernas a partir da diferenciação de seus sistemas em subsistemas, sendo cada um deles autopoietico e fechado de acordo com suas próprias operações: “a sociedade pode ser descrita como funcionalmente diferenciada quando forma seus principais subsistemas na perspectiva de problemas específicos que deveriam ser resolvidos no quadro de cada sistema funcional” (Luhmann, 1999, p.43). Essa diferenciação permite entender que existem, como explica Urteaga (2010), ao menos dez subsistemas que dão resposta a problemas específicos, nomeadamente, político, econômico, científico, religioso, artístico, mediático, educativo, familiar e jurídico.

Tendo em vista que chegamos na teoria sistêmica de Luhmann com o propósito de problematizar a *Internet* como fenômeno de comunicação nas sociedades interconectadas, resulta interessante a reflexão de Asencio-Guillén e Navío-Marco (2017), que se propuseram a aplicar esse enfoque sistêmico ao ciberespaço como fato social, no intuito de determinar se era possível entendê-lo como um sistema social, com as características supracitadas, ou apenas como um entorno ou ambiente. Após a construção do que eles denominaram *mapa luhmanniano*, com as premissas mais importantes do sistema social desenvolvido pelo sociólogo alemão, concluíram que a *Internet*, entendida como base tecnológica do ciberespaço, opera a modo de sistema, toda vez que funciona como conjunto fechado de intercâmbios

comunicativos acoplado a um entorno técnico; nessa ordem de ideias, o ciberespaço, como espaço social ou relacional, funciona como hipersistema, porque além de abranger a dimensão tecnológica, também opera como entorno de outros subsistemas estruturalmente acoplados.

1.1.2 A sociedade em rede de Manuel Castells

Ao nos concentrarmos na dimensão tecnológica do ciberespaço e nas *Gesellschaftstheorien* ou teorias da sociedade que nos auxiliam na compreensão do impacto comunicacional da *Internet* nas sociedades contemporâneas, os estudos do sociólogo Manuel Castells, diretor do *Internet Interdisciplinary Institute (IN3)* da Universidade Aberta de Catalunha, nos são de grande utilidade, toda vez que esse autor faz referência a um modelo de sociedade em rede. No entanto, para entender de que se trata, é importante dimensionar o que a *Internet* é.

A gênese da *Internet* provém do desenho de uma arquitetura de rede sem controle central, integrada por redes autônomas, que foi criada pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), uma agência ligada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e cujo objetivo era evitar que a União Soviética sabotasse as comunicações americanas. Em 1 de setembro de 1969, em meio ao clima da Guerra Fria³, a *Arpanet* iniciou suas operações com quatro nós: a Universidade de Califórnia em Los Angeles, o *Stanford Research Institute* e a Universidade de Califórnia em Santa Bárbara, e a Universidade de Utah (Castells, 1996).

Essa arquitetura, que emergiu como uma estratégia militar, ligada aos centros de pesquisa mais importantes dos Estados Unidos, aos poucos foi tornando-se a base de novas formas de produção e consumo, de dominação e de exercício de poder, que Castells ilustrou na célebre trilogia *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (1996, 2000a), e que o levou a formular o conceito de *sociedade em rede* (Castells, 2009), entendida como uma sociedade composta por redes ativadas por tecnologias digitais da comunicação e da informação, baseadas na microeletrônica: “entendo por estrutura social aqueles acordos organizativos humanos relacionados à produção, o consumo, a reprodução, a experiência e o poder expressos através de uma comunicação significativa codificada pela cultura” (p. 51).

Castells (2000b) explica que a emergência de essa nova estrutura social, embasada na flexibilidade e na possibilidade de descentralização de uma rede, está diretamente ligada à redefinição do tempo e do espaço como fundamentos materiais da vida, e em decorrência disso,

³ É importante lembrar que no final da década de 1950 a União Soviética tinha lançado ao espaço o seu primeiro *Sputnik* ou satélite.

à formação de uma “virtualidade real” como sistema de intercâmbio simbólico, no qual o tempo é atemporal e o espaço é um *space of flows* ou espaço de fluxos, definidos como “sequências de intercâmbio e interação determinadas, repetitivas e programáveis entre as posições fisicamente desconectadas que os atores sociais mantêm nas estruturas econômicas, políticas e simbólicas da sociedade” (Castells, 1996, p. 78).

Para melhor entender esses espaços de fluxos ou suportes das práticas sociais na sociedade em rede, o sociólogo catalão propõe descrevê-los por meio de três *overlapped layers* ou camadas sobrepostas: i) o circuito de impulsos eletrônicos; ii) as cadeias de interação eixos-nós; e iii) a organização espacial das elites. Na primeira camada, encontra-se o suporte material dos fluxos, formado pelo *circuito de impulsos eletrônicos* baseados nas tecnologias da informação, a saber, microeletrônica, telecomunicações, processamento informático, sistemas de radiodifusão e transporte de alta velocidade. Segundo Castells (1996), trata-se de uma reconfiguração espacial na qual os lugares não desaparecem, mas ficam absorvidos na rede, “da mesma forma que as estradas de ferro definiram as regiões econômicas e os mercados nacionais na economia industrial” (p. 489).

A segunda camada ou dos *eixos-nós* corresponde a cadeias de interação, hierarquizadas, nas quais os eixos desempenham um papel de *coordenação*, enquanto os nós desenvolvem *funções estratégicas* para o cumprimento da missão da rede. A modo de exemplo que ilustra o funcionamento desta camada, Castells (1996) cita o modelo de tomada de decisões do sistema financeiro global, a fabricação de tecnologia de ponta e a rede de produção e distribuição de drogas ilícitas.

A terceira camada, por sua vez, corresponde à organização espacial das elites gestoras dominantes, que definem as diretrizes relacionadas à articulação desse espaço. Segundo Castells (1996), essa capacidade organizativa das elites se contrapõe à capacidade de desorganização dos grupos da sociedade que não veem seus interesses representados, o que acaba estabelecendo uma lógica de dominação em termos de *articulação das elites/desorganização das massas*.

Ao fazer referência às camadas, isto é, ao suporte material dos circuitos, às cadeias funcionais de interação e à organização das elites dominantes, Castells (2009) ilustra a sociedade contemporânea como uma grande fonte de estruturação das relações de poder, que emana da capacidade de programação da rede a partir da *comunicação do discurso*:

Na sociedade em rede, os discursos se geram, se difundem, se debatem, se internalizam e por fim se incorporam na ação humana, no âmbito da comunicação socializada, construída em torno das redes locais-globais de comunicação digital

multimodal, que inclui os meios de comunicação e a Internet. O poder na sociedade em rede é o poder da comunicação (Castells, 2009, p. 85).

Neste ponto é importante frisar as características dessas redes de comunicação digital multimodal. Para Castells (2009), uma rede caracteriza-se i) pela flexibilidade ou capacidade de reconfiguração em função das mudanças do entorno; ii) pela adaptabilidade, isto é, a capacidade de expandir-se ou reduzir-se com poucas alterações; e iii) pela supervivência, quer dizer, pela possibilidade de resistir a ataques através da reprodução das instruções contidas nos códigos e nos múltiplos nós.

Seguindo esse vetor de análise, tem mais outro elemento que vale a pena destacar na teoria de Castells (2009), porque nos permite conectá-lo, do ponto de vista psicossocial, com a sociedade como sistema de pensamento, que é o cerne deste subcapítulo, construído ao redor da *Internet* como fenômeno comunicacional: o autor afirma que “os discursos na nossa sociedade moldam a mente através de uma tecnologia concreta: as redes de comunicação que organizam a comunicação socializada” (p. 85), e faz referência a um construto, que ele denomina “mente pública”, entendido como o conjunto de valores e quadros que têm uma grande visibilidade na sociedade e que influenciam o comportamento individual e coletivo.

Será possível, então, falarmos em “mente pública” como equivalente ao conceito de “pensamento social” elaborado na vertente europeia da Psicologia Social? A resposta a esta pergunta é sim, e para argumentá-la será necessário entender em que consiste a psicossociologia do conhecimento.

1.1.3 O pensamento social como sistema

A psicossociologia do conhecimento como campo teórico-metodológico foi inaugurada por Serge Moscovici (1925-2014). Considerado uma das figuras mais importantes da Psicologia Social contemporânea, este pesquisador de origem romena —que realizou sua carreira acadêmica na França, aonde chegou como refugiado na década de 1940— desenvolveu uma perspectiva socialmente orientada da Psicologia Social. Como explica Sá (2015), Moscovici propôs uma psicossociologia do conhecimento, que considera tanto os comportamentos individuais como os fatos sociais e que leva em consideração a concretude e singularidade históricas. Farr (1987), ao se referir a essa forma explicitamente social da psicologia social, inaugurada por Moscovici, afirma que ela “constitui uma importante crítica da natureza individual de muito da psicologia social na América do Norte e Grã Bretanha” (p. 346).

Contextualizada do ponto de vista histórico, a crítica à que faz alusão Robert Farr, o maior impulsionador de Moscovici na língua inglesa, enquadra-se no que veio a se denominar

crise das ciências sociais na década de 70 (Álvaro & Garrido, 2006), que no caso específico da psicologia social obedeceu à necessidade de repensar o campo, onde até então imperava, como aponta Guareschi (2007), um paradigma epistemológico embasado no materialismo cientificista e no individualismo cartesiano da psicologia experimental.

Moscovici (1988) afirma que, da mesma forma como a sociedade é tratada como um sistema político ou econômico, deve ser considerada também como um *sistema de pensamento*, e eis aqui um ponto de convergência conceitual com Luhmann e Castells, toda vez que esse sistema de pensamento estaria fundamentado na comunicação. A perspectiva psicossocial moscoviciana de uma sociedade pensante (Moscovici, 1984; Sá, 2015) permite entender o indivíduo não apenas como uma ‘caixa preta’, que processa informações e as transforma em julgamentos e opiniões —uma visão psicologista—, ou como um mero portador ou reproduzidor de ideologias ou crenças coletivas —uma visão sociologista—, senão como um pensador ativo que se localiza nos processos comunicacionais de interação social da vida cotidiana, e é nessa linha que aparece e se formula o conceito de representação social.

Como explica Sá (2015), a origem do conceito de representação social provém da sociologia de Durkheim, que aborda as *representações coletivas* como fatos sociais que se constroem de forma acumulativa sedimentando-se ao longo do tempo; os indivíduos, nessa perspectiva, acabariam sendo usuários e portadores dessas representações coletivas. Contudo, Moscovici (1984) evidencia que o conceito de Durkheim, ao se referir a formas de conhecimento muito abrangentes, estáticas e irredutíveis do ponto de vista explicativo, não dava conta de modalidades específicas de conhecimento que eram construídas na cotidianidade perante fenômenos concretos; nas palavras de Sá (2015), de “conhecimento mobilizado pelas pessoas comuns na comunicação informal da vida cotidiana” (p. 188).

No que tange a essa mobilização do conhecimento é importante levar em consideração a coexistência de dois *universos de pensamento* aos que Moscovici (1976, 1984) se referia: um *universo reificado*, caracterizado pelo rigor lógico e metodológico do pensamento erudito, e um *universo consensual*, que corresponde às atividades intelectuais da interação social cotidiana. É nessas atividades intelectuais que se produzem as representações sociais, entendidas como “teorias do senso comum, ‘ciências coletivas’ *sui generis* pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais” (Moscovici, 1976, p. 48).

Como explicam Moscovici e Hewstone (1981), trata-se de um senso comum que se apropria de imagens, noções e linguagens, que a ciência está inventando constantemente e que aparecem na *arte da conversação* das pessoas. E é justamente aqui que convém citar a pesquisa de Moscovici (1976, 1961/2012) sobre a socialização e apropriação da psicanálise na França da

década de 1950, que abriu o campo para o que ele denominava psicossociologia do conhecimento:

A psicanálise é um acontecimento cultural que, ultrapassando o estrito circuito das ciências, da literatura ou da filosofia, afeta o conjunto da sociedade. Observa-se ao mesmo tempo o nascimento de um novo senso comum que não poderia ser entendido em termos de vulgarização, de difusão ou de distorção da ciência. Para analisar esse acontecimento e esse fenômeno, a contribuição da sociologia e da história seria indispensável. Não obstante, a psicologia social apreende aspectos essenciais através do estudo das representações sociais e das comunicações (Moscovici, 2012, p. 25).

A partir de um método que incluía, dentre outras técnicas, a análise de conteúdo de 1.640 artigos de 230 revistas e jornais franceses, Moscovici (1961/2012) inferiu que esses veículos operavam guiados por três lógicas interpretativas diferentes: a difusão, a propagação e a propaganda.

A imprensa de massa operava sob a *lógica da difusão* de informação sobre a psicanálise, agindo por vezes como reprodutora da voz dos especialistas, sem uma orientação específica, mantendo uma distância do objeto e evitando um envolvimento direto. Os veículos reconhecidos como católicos, por sua vez, acomodavam ou integravam parcialmente os conceitos freudianos ao quadro de pensamento grupal cristão, omitindo ou contestando informações relacionadas à sexualidade, o que Moscovici associou a uma *lógica da propagação*. Por fim, a mídia da esquerda comunista militante operava sob a *lógica da propaganda*, rotulando a psicanálise de “ciência burguesa” associada ao capitalismo norte-americano, no quadro do antagonismo ideológico gerado pelas relações conflituosas da Guerra Fria, que tinha começado a se configurar após a Segunda Guerra Mundial.

A realização deste estudo permitiu entender que cada grupo possuía uma representação social diferente da psicanálise, uma lógica interpretativa que Moscovici (1976) e Guimelli (1999) definem como *metassistema*, e cuja função é canalizar, modificar e orientar as operações cognitivas a partir dos modelos, as crenças, as normas e os valores de um grupo. Por outras palavras, como explica Doise (2014), é possível diferenciar o sistema do metassistema, toda vez que o primeiro faz referência a operações cognitivas tais como associações, inclusões, discriminações e deduções, e o segundo tem a ver com as *funções normativas do grupo* que se fundamentam na comunicação.

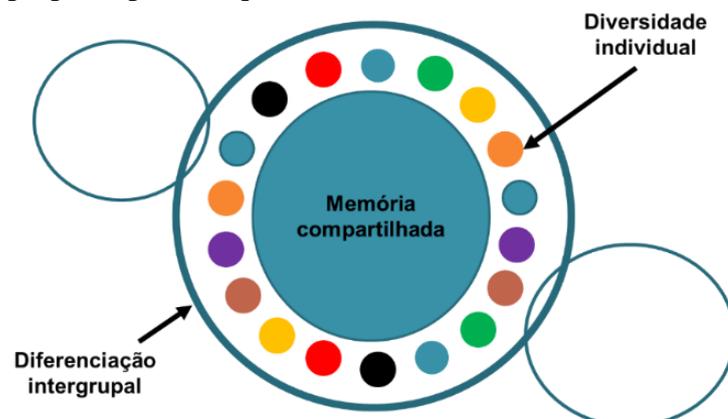
A pesquisa seminal de Moscovici sobre representações sociais abriu a trilha para estudar o pensamento social como o *pensamento cotidiano*, que se expressa nas conversações, na evocação das lembranças, na transmissão dos rumores e nas paixões das multidões e que, como afirmava Rouquette (1996, 1998), está associado a uma posição social específica dos grupos. O pensamento social seria aparentemente irracional, distorcido ou enviesado se comparado com

o pensamento científico, que se caracteriza pela lógica do raciocínio, a submissão à prova dos fatos, a existência de uma regulação institucional forte e a exigência de reprodutibilidade.

Rouquette (1994), no livro *Sur la connaissance des masses*, faz referência a quatro elementos característicos desse pensamento que é socialmente construído e que vale a pena destacar, porque permitem dimensioná-lo e diferenciá-lo do pensamento científico-racional: i) no pensamento social são amplamente praticadas assimilações e equivalências com base em um princípio de analogia fraca, isto é, a semelhança toma o lugar do argumento e a comparação se torna correta; ii) este tipo de pensamento é caracterizado por uma baixa preocupação pela coerência, justapondo julgamentos ou categorizações logicamente incompatíveis; iii) é um pensamento marcado por uma elaboração conceitual fraca, ou seja, um baixo grau de formalização; e iv) opera a partir da “ética social da designação” e não da ética metódica da ciência, isto é, o fato de nomear algo parece autossuficiente e faz com que a presunção de realidade esteja no léxico e no seu uso compartilhado.

No entanto, Rouquette (1998) propõe abordar a construção do pensamento social para além do sentido dos conteúdos que “designam” um determinado objeto, e concentrar-se no *effet de champ*, entendido como “apreensão temporária ou duradoura de um objeto temático em um dispositivo de sociabilidade geral” (Rouquette, 1998, p. 41). Como mostra a Figura 1, esse dispositivo de sociabilidade geral, segundo o autor, teria três dimensões: a referência a uma memória compartilhada reforçada pelas instituições, que se evidencia na herança de hábitos cognitivos e valores do grupo; uma diferenciação intergrupual marcada pela alteridade ou posição do outro; e a diversidade de julgamentos individuais dentro do grupo, entendida como a liberdade que este concede à expressão individual.

Figura 1 – Elementos que compõem o efeito de campo proposto por Rouquette



Fonte: Elaboração do autor a partir de Rouquette (1998)

Ao abordarmos a metateoria sistêmica funcional-estruturalista de Luhmann e a teoria da sociedade em rede de Castells, o fizemos com o propósito de analisar se existia, à luz dos seus postulados sobre a configuração do social e das sociedades contemporâneas, uma congruência teórica com a psicossociologia do conhecimento proposta por Moscovici, a partir da formulação da teoria das representações sociais. Uma vez aplicado o prisma de análise, foi possível identificar um ponto central de confluência que permite ler a *Internet* como fenômeno social: trata-se da comunicação, que para Luhmann é uma *conexão de sentidos*, que permite a configuração e reprodução dos sistemas sociais em entornos complexos; para Castells —que a denomina comunicação socializada— é a *estruturadora das relações de poder* em um entorno reticular; e para Moscovici é a *base da produção, circulação e reprodução* do pensamento socialmente construído.

Esse ponto de análise será levado em consideração no epílogo da presente tese, ao fazermos uma discussão geral dos resultados obtidos nos três estudos que a compõem. No entanto, é importante continuar problematizando o fenômeno comunicacional da *Internet* nas sociedades interconectadas, mas dessa vez situando-nos no segundo princípio que norteia este capítulo, a saber, que as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, operam como agente transformador das primeiras.

1.2 Premissa 2: As práticas como agentes transformadores das representações

Será possível mapear as mudanças da vida e do pensamento social através dos usos e conotações das palavras? Tentando responder a esta pergunta foi que Raymond Williams (1291-1988) começou sua obra *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*, publicada inicialmente em 1952. Este novelista galês e estudioso do conceito de cultura, argumentava que existe um “padrão geral de mudança”, mapeado por ele nas últimas décadas do século XVIII, ligado ao desenvolvimento e impacto de fatos históricos marcantes, e evidente no uso da língua inglesa (Williams, 2011). O autor era taxativo ao afirmar que existiam cinco palavras ou pontos-chave a partir dos quais poderia ser desenhado o mapa dessa mudança, nomeadamente *indústria, democracia, classe, arte e cultura*.

A importância dessas palavras, na nossa estrutura moderna de significados, é óbvia. As mudanças em seu uso, naquele período crítico, revelam uma mudança geral nas nossas maneiras características de pensar sobre nossa vida comum: sobre nossas instituições sociais, políticas e econômicas; sobre os objetivos que essas instituições são destinadas a representar; e sobre as relações com essas instituições e os objetivos de nossas atividades no aprendizado, na educação e nas artes. (Williams, 2011, p.15)

Da mesma forma que o adjetivo “industrial” começou a adquirir uma conotação institucional, com o auge da manufatura na Inglaterra das últimas décadas do século XVIII, ou que “democrata” mudou o viés pejorativo —ligado ao jacobinismo⁴— após o impacto de revoluções como a Americana e a Francesa (Williams, 2011), poder-se-ia afirmar que algo semelhante aconteceu no final da segunda metade do século XX, quando popularizou-se a palavra *Internet*, com o poder de transformação semântica e prática do conceito de comunicação que lhe é inerente.

É bem provável que os leitores dos livros de Alvin Toffler (1928-2016), no início da década de 1980 —*A Terceira Onda*, por exemplo (1980)—, tenham ficado curiosos ao imaginar como fosse um mundo dominado pelas tecnologias da robótica, a mecatrônica e a telemática. Hoje, quase cinquenta anos depois da criação da *Internet*, esses leitores deparam-se com uma realidade que vai para além do previsto por aquele futurista: um mundo interconectado, que permite a comunicação instantânea do qualquer canto do planeta.

Mas, a que tipo de comunicação estamos fazendo alusão? No contexto de uma sociedade em rede como a contemporânea, Castells (2009) se refere à coexistência ou “articulação em um hipertexto integrado” (p.54) de três tipos de comunicação: i) interpessoal, ii) comunicação de massas e iii) autocomunicação de massas ou *mass self-communication*. O primeiro tipo de comunicação é aquele baseado na interação de duas categorias de sujeitos —emissor e receptor—, que constroem uma relação circular em torno do *feedback*. A comunicação de massas, por sua vez, pode ser interativa, mas é, acima de tudo, unidirecional, e está relacionada aos veículos tradicionais de difusão de informação. Por fim, ele define a *autocomunicação de massas* como uma forma de comunicação que contém tanto um potencial de alcance global (de massas) do ponto de vista da audiência, quanto características de produção individuais, no que diz respeito à geração e direcionamento do conteúdo e ao *feedback* que ele pode ter.

A coexistência desses três tipos de comunicação próprios da *Internet* nos leva a analisar, nas palavras que Williams (2011) utilizava para se referir aos eventos marcantes do século XVIII, as “nossas maneiras características de pensar sobre nossa vida comum” (p. 15), isto é, como os indivíduos e os grupos apreendem os objetos que fazem parte dessa vida *comum* e desenvolvem práticas cotidianas ao redor deles, no quadro dos ecossistemas digitais. Mais uma vez, esse imperativo nos conduz de novo à teoria das representações sociais como formas do pensamento social.

⁴ Refere-se ao movimento radical e revolucionário, formado por pequenos burgueses contrários à monarquia francesa, que inicialmente reuniam-se no convento de São Tiago (*Jacobus* em latim) dos dominicanos.

As representações sociais, ao serem construídas pelos grupos, justamente no quadro do senso *comum*, possuem um caráter eminentemente prático. Jodelet (1984), que é considerada uma continuadora do trabalho iniciado por Moscovici, fazia referência a elas como “modalidades do pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal” (p. 361). Contudo, a mais comum das definições de representação social é a formulada por ela mesma nos seguintes termos: “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, tendo uma *função prática* e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22).

Essa função prática, que Jodelet destaca em ambas as definições, é basilar porque evidencia que os sistemas de interpretação que os grupos constroem ao redor de um objeto determinado, como abordado no subcapítulo anterior, estão diretamente vinculados à forma como esses objetos atravessam a experiência. Como explicam Wolter e Sá (2013), a ideia segundo a qual a prática pode alterar a relação entre a pessoa e o objeto não é nova; porém, pode ser negligenciada ou esquecida ao se privilegiarem apenas os elementos cognitivos de uma representação social. Daí que seja importante destacar o que Rouquette (2000) denominava “quatro aspectos de uma prática”, a saber: i) prática como passagem da teoria à ação; ii) prática como ação reiterativa ou recorrente; iii) prática como modo de fazer ou *modus operandi*; e iv) prática como cálculo de uma ação.

Zapata-Vallejo (2019), ao fazer referência a processos de comunicação popular comunitária, prefere se referir a esses aspectos citados por Rouquette como *práticas comunicativas* que se enquadram na experiência social, esclarecendo que uma mesma ação pode ser analisada a partir de vários aspectos, a modo de prisma que refrata os feixes de luz e cria um desvio angular. Nessa ordem de ideias, é possível fazer alusão ao impacto comunicacional da *Internet* nas sociedades contemporâneas interconectadas identificando as práticas que o advento desse dispositivo tem desencadeado.

Embora para 3,9 bilhões de pessoas (53% da população mundial) uma sociedade interconectada ainda seja um mundo ideal (UNESCO-ITU, 2016), parece impossível, ao menos para a parcela do planeta que está conectada, conceber a vida sem acesso à *Internet*, especialmente as pessoas mais jovens, cujas vidas estão perpassadas pelo auge da tecnologia. Segundo *Digital News*, o relatório anual elaborado pelo Instituto Reuters e a Universidade de Oxford (Levy *et al.*, 2017), em um estudo realizado com 70 mil pessoas de 36 países, dentre eles Argentina, Brasil, Chile e México, 64% dos jovens entre 18 e 24 anos acessa às notícias através da *Internet*, e 33% o faz só através das redes sociais.

Esse dado do *Digital News 2017* sobre o acesso dos jovens às notícias, à luz da classificação de Rouquette, pode ser lido como uma prática reiterativa ou como uma prática performativa ou modo de fazer, aspectos que estão associados à forma como os jovens se identificam e relacionam simbolicamente com seu entorno, tanto material quanto virtual.

Sodré (2014), face à influência das tecnologias da comunicação na interação cotidiana, fala em *midiatização* ou orientação da realidade por meio da mídia, fenômeno que dá lugar à construção de um *bios virtual* ou forma de vida paralela, caracterizada pela intensificação da tecnologia audiovisual conjugada ao mercado. Essa forma de vida comporta uma percepção subjetiva do espaço e do tempo, caracterizada por um efeito que o autor denomina SIG (simultaneidade, instantaneidade e globalidade):

O que muda na sociedade contemporânea é a profunda afetação da experiência do atual pela acessibilidade imediata das novas tecnologias da comunicação, que acaba transformando a “ferramenta” (o dispositivo técnico) numa espécie de morada permanente da consciência. O tempo da existência se inscreve na causalidade maquinal da eletrônica. Assim, a temporalidade se acelera, criando efeitos de simultaneidade e sensações de imediatismo dos acontecimentos (Sodré, 2014, p. 115).

Do ponto psicossocial, esse efeito de simultaneidade, instantaneidade e globalidade tem uma relação direta com dois elementos ligados à dinâmica da *Internet* como fenômeno que engloba práticas específicas: o primeiro, refere-se à multiplicidade de narrativas —construções interpretativas coerentes sobre um fato específico—, que podem ser veiculadas sem recorrer à figura de um mediador (Malini & Antoun, 2013); e, o segundo, está relacionado à forma como essas narrativas configuram um novo espaço público.

A gênese do público no Ocidente está ligada ao crescimento do capitalismo e da burguesia europeia em fins do século XVII e alvares do século XVIII. A história faz referência às casas de café de Londres, os salões de Paris e as *Tischgesellschaften* ou sociedades de mesa da Alemanha (Price, 1992) como espaços fundantes da opinião pública, toda vez que eram frequentados por pessoas letradas, contrárias ao modelo de Estado absolutista imperante, e cujas ideias eram plasmadas na incipiente imprensa escrita da época. Hoje, com a *Internet*, “não se trata mais de dispositivos de formação da opinião pública (...) mas da constituição de formas de percepção comum e de formas de organização e de expressão da inteligência comum” (Lazzarato & Negri, 2001, como citados por Malini & Antoun, 2013, p.20).

Nessa ordem de ideias, o termo *Öffentlichkeit*, que Habermas utilizava para se referir tanto à opinião gerada sobre assuntos públicos, quanto ao *locus* onde ela era abertamente construída e divulgada (Vallespín, 2001), parece ganhar hoje uma nova significação, face a movimentos como a Primavera Árabe no Oriente Médio e no Norte da África em 2010; o

Occupy Wall Street e o Movimento dos Indignados da Espanha (o 15-M) em 2011; e o mesmo Movimento *Passe Livre* no Brasil em 2013, o que faz com que seja possível falar em configuração de uma *nova morfologia do espaço público*, a partir das redes sociais digitais (Castells, 2013).

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada. Começou nas redes sociais da *Internet*, já que estas são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas –que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder (Castells, 2013, p. 6).

Castells (2013) explica que os movimentos sociais, embora estejam conectados às redes sociais digitais como estratégia de comunicação, também precisam construir um espaço público, de modo a serem visibilizados nos lugares da vida social, e a ocupação é uma estratégia para consegui-lo. Segundo o autor, esta estratégia tem sido historicamente efetiva por três motivos: i) porque cria comunidade baseada na proximidade, o que permite superar o medo; ii) porque o controle do espaço simboliza o controle da vida das pessoas; e iii) porque cria um espaço público de deliberação política, no qual as assembleias recuperam seu poder de representação.

Entender as dinâmicas próprias desse *espaço público híbrido* que a *Internet* propicia, e que nas palavras de Castells (2013, p.13) cria “comunidades instantâneas de *prática transformadora*”, é fundamental ao abordar as redes sociais digitais como campo de geração, circulação e reprodução do pensamento social em momentos de mobilização coletiva, porque essas dinâmicas estão atreladas tanto à construção do pensamento social —que se materializa na narrativa— como às práticas, entendidas em toda a sua dimensão comunicacional, especialmente como passagem da teoria à ação, como ação recorrente e como modo de fazer.

1.3 Premissa 3: Conhecimento social e Internet

No exercício de problematização da *Internet* como fenômeno de comunicação próprio de entornos interconectados, conseguimos abordar até agora, em primeiro lugar, a sociedade como um sistema de pensamento, achando pontos de convergência com teorias que explicam a forma como funcionam as sociedades contemporâneas. Em segundo lugar, concentramos a atenção nas práticas sociais digitais, como indicadores de um novo modelo de interação que acaba transformando a maneira como os grupos dimensionam a mobilização coletiva,

especialmente no que diz respeito à uma nova concepção do espaço público. Finalmente, este subcapítulo visa analisar a forma como a *Internet*, ao propiciar a formação de ecossistemas digitais, dialoga com o modelo triádico de construção do conhecimento, desenvolvido por Moscovici no campo da teoria das representações sociais.

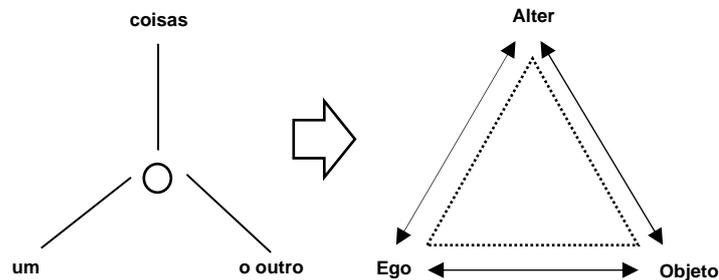
Ao nos referirmos à sociedade como sistema de pensamento no segundo subcapítulo, fizemos ênfase na forma como Moscovici se distanciou da psicologia experimental (Farr, 1987, 1998; Guareschi, 2007), porque considerava que seu enfoque dualista não levava em consideração a dinâmica relacional dos sujeitos; nessa perspectiva, propôs uma psicossociologia do conhecimento a partir do triângulo semiótico *Ego-Alter-Objeto*, que é a base de teorias como a inovação das minorias ativas (Moscovici, 2011) e as representações sociais (Moscovici, 1976, 1961/2012). Castorina (2016) interpreta esse enfoque relacional triádico quando explica que as representações sociais são “construídas pelo sujeito e pelo outro (indivíduo, grupo, classe, etc.) face a um objeto, pela *ação comunicativa* de interlocutores em um contexto social e dentro de um horizonte temporal” (p.86).

Ivana Marková (2016), ao fazer alusão a esse conhecimento “mediado” pelo outro, que se constrói no quadro de uma relação dialógica, remete-se à forma como Moscovici desenvolveu o triângulo supracitado, partindo do modelo da função representacional (*Darstellung*) de Brühler (1934), que afirmava que a constituição da mente era decorrente da matriz social da linguagem e não do ato individualmente relacionado da fala.

Segundo Marková (2016), a unidade semiótica do conhecimento social proposta por Brühler⁵ se diferenciava radicalmente da unidade conhecedor-objeto das epistemologias tradicionais, porque não podia ser desintegrada em seus constituintes; contudo, mesmo sendo uma unidade, não dava conta “da tensão como sendo a força da mudança” (p. 212), talvez porque — como aponta Marková— não era essa a intencionalidade de Brühler. Foi assim como Moscovici propôs uma tríade dialógica, intrinsecamente dinâmica, que levava em consideração as relações de assimetria e tensão entre *Ego-Alter-Objeto*, e que continuava a ser uma unidade que funcionava como um todo orgânico (vide Figura 2).

⁵ O ponto de partida desta teoria está no Crátilo de Platão, onde Sócrates é questionado por dois homens (Crátilo e Hermógenes) sobre a natureza da linguagem, entendida como *organon* (ferramenta em grego). Eis a razão pela qual é comum se referir a esta teoria como o *organon de Brühler*.

Figura 2 – Do modelo *órganon* de Brühler à epistemologia interacional de Moscovici



Fonte: Elaboração do autor a partir de Marková (2016)

Essa é a razão pela qual, como explica Castorina (2016), a formulação dos problemas por parte dos psicólogos sociais da teoria das representações sociais parte de uma epistemologia relacional ou interacional, que permite pensar sua gênese, suas transformações e a articulação com as práticas sociais: “a unidade de análise não é a mera relação entre sujeito e objeto, mas a conexão semiótica entre sujeito-objeto-outro” (p. 88), o que nos leva a inferir que a epistemologia interacional proposta por Moscovici também é aplicável ao ciberespaço como entorno virtual.

Em fins da década de 1990, Pierre Lévy (1956-) prenunciava o que de fato hoje vem acontecendo: “a perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e memória da humanidade a partir do próximo século” (Lévy, 1999, p.93). Este filósofo tunisiano, sociólogo e pesquisador em ciências da informação, descrevia à época o ciberespaço⁶ como sendo um novo meio de comunicação que surgia da interconexão mundial dos computadores e que se caracterizava por possuir i) uma infraestrutura material da comunicação digital; ii) um “universo oceânico” de informação; e 3) seres humanos que navegavam e alimentavam esse universo (Lévy, 1999).

O ciberespaço se constrói em sistema de sistemas, mas, por esse mesmo fato, é também o sistema do caos. Encarnação máxima de transparência técnica, acolhe, por seu crescimento incontido, todas as opacidades do sentido. Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal, um labirinto com o qual o próprio Dédalo⁷ não teria sonhado. Essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de “universal sem totalidade” (Lévy, 1999, p. 111).

⁶ O termo ciberespaço aparece pela primeira vez em *Neuromancer*, o livro de ficção científica de William Gibson (Gibson, 1984).

⁷ Dédalo foi, no quadro da mitologia grega, o arquiteto encarregado de construir o Labirinto a pedido do rei Minos, uma construção complexa onde se ocultava o Minotauro, um monstro com corpo humano e cabeça de touro, que anualmente devorava sete rapazes e sete donzelas; foi Dédalo quem orientou Teseu, herói de Atenas, para que conseguisse matar o monstro e libertasse o seu povo.

Esse “universal sem totalidade” acaba constituindo a *cibercultura*, entendida como neologismo, que abrange técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, valores e modos de pensamento. Cabe aqui destacar, especialmente, o conceito de *inteligência coletiva*, que tornar-se-ia para o autor um dos princípios de crescimento do ciberespaço, junto à interconexão e à criação de comunidades virtuais, e que ele associava à possibilidade de construção de novas formas de comunicação, organização e relações entre indivíduos e coletivos.

No seu livro *Inteligência coletiva* (2004), Lévy aborda o conceito de espaços antropológicos, entendidos como espaços comuns de significação que se constroem através da interação. O autor refere-se a quatro espaços, nomeadamente, i) a *Terra* antes do aparecimento da escrita; ii) o *Território* que se configura a partir de um Livro Sagrado —seja qual for—, estabelecendo um modelo vertical de conexão com a transcendência; iii) o espaço da *Mercadoria* ou da tecnociência onde o conhecimento é fragmentado e midiaticizado sob a premissa da circulação em rede; e iv) o espaço *do Saber* ou “lugar de dissolução das separações, habitado e animado por intelectos coletivos que usam a imaginação em uma reconfiguração dinâmica permanente” (p. 85), espaço que o autor reconhece como sendo utópico.

No entanto, ao se referir a esse espaço do saber do ponto de vista epistemológico, Lévy traz à baila um conceito que caberia associar hoje aos ecossistemas digitais: trata-se da *cosmopédia* como forma de organização dos conhecimentos, que surge das possibilidades oferecidas pela convergência tecnológica:

Estamos perante um espaço multidimensional de representações dinâmicas e interativas; à imagem fixa e o texto, característicos da enciclopédia, a *cosmopédia* opõe um grande número de formas de expressão: imagem fixa, imagem em movimento, som, simulações interativas, mapas interativos, sistemas inteligentes, ideografias dinâmicas, realidades virtuais, vidas artificiais. Em última instância, a *cosmopédia* contém tantas semióticas e tipos de representações como o mesmo mundo tem (Lévy, 2004, p. 129).

Ao falar em *cosmopédia*, Lévy (2004) nos propõe, então, pensar o ciberespaço não apenas a partir dos suportes da informação, senão como a *relação social* que surge quando entram em contato “modos originais de criação a partir da navegação no conhecimento” (p. 74), o que reforçaria o conceito de ecossistema que estamos utilizando para nos referirmos à possibilidade de construção social do conhecimento em entornos digitais.

Embora na década de 1960 já fosse comum falar em *Media Ecology* como uma escola teórica, que analisava as mídias como ambientes a partir da estrutura, os conteúdos e o impacto nos receptores (Canavilhas, 2013), foi o desenvolvimento acelerado das tecnologias da comunicação e a informação baseadas na eletrônica, que levou à utilização da metáfora do ecossistema inspirado na ecologia biológica.

Canavilhas (2011, 2013) propõe um paralelo entre os ecossistemas biológicos e os digitais mediante a separação de fatores bióticos, que ele denomina fatores intermediáticos, e fatores abióticos, que divide em tecnoambientais e contextuais. Os fatores *intermediáticos* fazem referência à incorporação de elementos próprios dos novos meios aos meios tradicionais e vice-versa, integração que lhes permite sobreviver no ecossistema midiático; os fatores *tecnoambientais*, por sua vez, referem-se às interfaces, usabilidade e ação do consumidor no sistema; e os fatores *contextuais*, por fim, correspondem ao ambiente de recepção e interpretação da mensagem.

Para Canavilhas (2013), essa diferenciação é importante toda vez que permite entender a dinâmica da *narrativa transmídia* do ponto de vista conceitual e jornalístico, tendo em vista que “as mídias estimulam a interação social e promovem a discussão em torno de temas importantes para a sociedade” (p.60).

Na perspectiva da epistemologia interacional do *Ego-Alter-Objeto*, proposta por Moscovici, essa diferenciação entre fatores intermediáticos, tecnoambientais e contextuais de João Canavilhas, tanto quanto o conceito de inteligência coletiva de Pierre Lévy, acrescentam pistas de análise sobre o contexto onde acontece a relação triádica, especialmente no que diz respeito à mediação no processo de construção social do conhecimento. Os ecossistemas digitais, nos utilizando das palavras de Moscovici (1976), poderiam ser considerados, então, universos consensuais onde prevalece a lógica do pensamento social, que é dinamizada pela comunicação dialógica.

Trata-se de uma leitura psicossocial de um fenômeno comunicacional. Contudo, será possível falar em leitura comunicacional de um fenômeno psicossocial? Rouquette (1998) explica que não se pode estudar o pensamento social sem estudar a comunicação social, porque justamente o primeiro corresponde ao lado cognitivo da segunda; por outras palavras, trata-se da cara e da coroa de uma mesma moeda:

Considerado de forma abstrata, a noção de "pensamento social" abrange dois lados complementares: designa, de um lado, a possível especificidade do pensamento quando toma como objeto a realidade social sob um ou outro aspecto; por outro lado, refere-se à intervenção de fatores sociais na realização comum do pensamento. Neste duplo sentido, e na medida em que o conhecimento é manifestado publicamente, construído ou corrigido através de trocas e leva a marca do grupo, o pensamento social corresponde ao *lado cognitivo da comunicação social* (Rouquette, 1998, p. 33).

Pensar nessa relação biunívoca dos fenômenos, isto é, levar em consideração elementos psicossociais de um lado e elementos comunicacionais do outro, nos permite construir quadros de explicação mais consistentes e integradores sobre esses fenômenos, como acontece com a

Internet, por exemplo, e especificamente com as redes sociais digitais, em cujo entorno será desenvolvida a presente pesquisa.

1.3.1 A rede como campo psicossocial e comunicacional

Após abordarmos a *Internet* do ponto de vista conceitual como um fenômeno associado à epistemologia, bem vale a pena nos concentrarmos, agora, na *Internet* móvel como um dos dispositivos tecnológicos que maiores impactos têm gerado nos últimos anos. De acordo com Rheingold (2000, 2002), criador do conceito de *comunidade virtual*, é possível evidenciar esses impactos em três níveis: no nível individual, no qual emergem elementos cognitivos e identitários ligados à personalidade; no nível das redes sociais imediatas, onde aparecem novas formas de entender o espaço e o conceito de comunidade; e no nível societal, porque o uso individual do dispositivo móvel acaba transformando o *Zeitgeist*, os valores e as estruturas de poder de uma sociedade organizada, de uma cultura e de uma civilização.

Resulta interessante fazer um paralelo entre a forma como Rheingold evidencia os impactos da *Internet* móvel e o que Doise (2002) denomina níveis de pesquisa no campo da Psicologia Social. Para este autor, que desenvolveu o que veio a se chamar *abordagem sociodinâmica* das representações sociais, esses níveis seriam os seguintes: i) *intraindividual*, que focaliza a forma como os indivíduos organizam suas experiências com o meio ambiente; ii) *interindividual*, que ilustra a forma como os indivíduos interagem no quadro de redes de comunicação; iii) *posicional*, que remete às posições que os grupos ocupam no tecido das relações sociais; e iv) *ideológico*, entendido como sistema de crenças, representações, avaliações e normas sociais, que orientam o pensamento e comportamento dos grupos.

No entanto, tem um elemento que vale a pena frisar, toda vez que ao falarmos em rede, o conceito tradicional de grupo pode se tornar um pouco difuso ou, pelo menos, difícil de localizar e apreender. Como explica Wellman (2001), o foco seria centrar a atenção não nos grupos, mas nas redes, toda vez que é nelas que se encontra o conceito de *comunidade*.

Eu defino ‘comunidade’ como redes de vínculos interpessoais que fornecem sociabilidade, apoio, informação, sentido de pertencimento e identidade social. Não limito a minha forma de pensar sobre a comunidade somente a bairros ou aldeias; trata-se de uma premissa que funciona para qualquer época e é especialmente pertinente para o século XXI (Wellman, 2001, p. 228).

Wellman (2001) argumenta que nas sociedades contemporâneas prevalece o conceito de *redes individualizadas* em lugar de comunidades solidárias, e explica que a estrutura e composição de uma *community network* ou comunidade em rede afeta tanto o controle que as

pessoas têm sobre suas vidas como o acesso a diferentes tipos de recursos; em decorrência disso, o autor afasta-se do conceito de ciberespaço e propõe falar em *ciberlugares* (*cyberplaces*), onde as pessoas se conectam a partir de relações de compromisso e apoio, gerando-se, assim, uma dinâmica *online* de construção de significados, pertencimentos e identidades: por outras palavras, Wellman estava prenunciando o que hoje conhecemos como *social media* ou redes sociais digitais.

Do ponto de vista computacional, como definida por Boyd e Ellison (2008), uma rede social digital ou SNS (*Social Network Site*) é um serviço que faz com que os indivíduos i) construam um perfil em um sistema limitado; ii) articulem uma lista de usuários que compartilham uma conexão; e iii) cruzem sua lista de conexões com mais outras dentro do sistema. Ao se tratar de uma rede social, nela também operam os princípios de *homofilia* e *segregação*, próprios da sociometria, que Rouquette (1998) explica da seguinte forma: quando alguém tem a escolha, afetiva ou cognitiva, prefere se afiliar com outros semelhantes e não se juntar aos mais diferentes.

Como explicar, então, um fenômeno de mobilização coletiva que se tece nos interstícios das redes sociais digitais, tendo em vista que elas são, parafraseando Lazzarato e Negri (2001), formas de percepção e de organização da inteligência comum? Malini (2017) propõe uma abordagem teórico-metodológica denominada *análise perspectivista de rede*, que estuda os rastros ou pontos de vista coletivos a partir das ações que efetuam os usuários de uma rede social digital, identificando tanto a topologia dos perfis, isto é, sua posição no contexto da rede, como a temporalidade dos laços ou duração das conexões no tempo dessa rede: “a tarefa do pesquisador de rede é a de compreender as disputas, posições, parcerias, controvérsias, associações, isto é, as perspectivas inscritas nessas relações em rede” (Malini, 2017, p. 91).

Malini (2017) parte dos conceitos de *pessoa* e *agência*, propostos pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2012, 2013), no quadro da teoria do perspectivismo ameríndio, e constrói um diálogo com a teoria ator-rede de Bruno Latour (2007, Latour *et al.*, 2012) e com conceitos advindos da teoria de grafos, tais como *clusterização*, *modularidade*, *centralidade* e *densidade*, com o propósito de cartografar e explicar a aglutinação de perfis humanos e não humanos ao redor de conceitos e convicções dentro de uma rede. Ao se referir à teoria do antropólogo brasileiro, Malini (2017) esclarece que não se trata de transpô-la para o ambiente digital, mas de utilizá-la como instrumental filosófico para analisar perfis nas redes sociais digitais:

Essa emulação se justifica, primeiro, porque estamos dentro de um mesmo problema teórico que é estudar as redes a partir da noção de simetria (Latour, 1991), o que

significa mapear as interações de humanos e não humanos (*bots*, algoritmos classificadores de interações como os de *Facebook* e do *Google*, e uma diversidade de formas subjetivadas maquinalmente na *Internet* e no mundo dos *games*), as relações anonimáveis e nomináveis virtualmente, e as aglutinações grupais, cujos nomes próprios interessam bem menos do que as conexões que se formam para expressar um pensamento comunitarista em rede. Segundo, porque o perspectivismo coloca em primeiro plano o outrem como relação (Malini, 2017, p. 90).

A expressão *pensamento comunitarista* que Malini utiliza, no contexto da análise perspectivista de rede, de alguma maneira pode estar associada ao pensamento socialmente construído da epistemologia interacional moscoviciana, tendo em vista que ambas as teorias abordam fenômenos sociais que se desenvolvem a partir de uma ação comunicativa e em um horizonte temporal específico.

Contudo, é importante destacar, em sintonia com Toret (2013), coordenador do estudo *Tecnopolítica: a potência das multidões conectadas*, que a rede em si própria vai para além do contexto: “as redes não serviram —se referindo ao 15-M ou Movimento dos Indignados da Espanha em 2011— apenas para construir e coordenar a ação coletiva, senão, sobretudo, para *tecer o sentido* da própria ação e criar um impulso constituinte no quadro da ação, do pensamento e da estruturação social” (Toret, 2013, p. 19).

O estudo supracitado, desenvolvido pela equipe de pesquisadores do grupo *Datanalysis15M* do *Internet Interdisciplinary Institute (IN3)*⁸, apresenta o conceito de *multidão conectada*, entendida como a capacidade de vincular, agrupar e sincronizar os cérebros e corpos de um grande número de sujeitos, através de dispositivos tecnológicos e comunicativos e ao redor de objetivos específicos. Toret (2013), ao fazer alusão a fenômenos como o 15-M, que abrange sequências de tempo, espaço, emoções, comportamentos e linguagens, aduz que não se trata de inventar um esquema conceitual *ex nihilo* para explicar a sua complexidade, senão de ancorar uma nova teoria, partindo de eixos filosóficos e sociológicos pré-existentis:

O nosso objetivo era traçar uma série de coordenadas capazes de guiar a reflexão sobre um fenômeno singular e fazê-lo, precisamente, a partir da originalidade e complexidade do objeto de estudo (...) tivemos que conectar conceitos de campos e contextos diversos —das disciplinas tradicionais até o mesmo 15-M— com ferramentas e métodos experimentais —grande parte tomados da engenharia de dados e sistemas, assim como dos estudos de mídia e etnografia virtual— para dar conta de um fenômeno como esse (Toret, 2013, p. 17)

Ao nos determos nas reflexões teórico-metodológicas de Malini (2017) e Toret (2013) sobre as redes sociais digitais, e tendo em vista que a presente tese em Psicologia Social aborda, justamente, esses dispositivos como *campo* de produção, circulação e reprodução do

⁸ O *Internet Interdisciplinary Institute (IN3)* foi fundado por Manuel Castells (vide numeral 1.1.2 do presente capítulo).

pensamento social face a eventos de mobilização coletiva, vem à tona o questionamento sobre qual seria o alcance real de uma pesquisa como essa, se a leitura de fenômenos de mobilização vem se fazendo a partir de enfoques interdisciplinares. Embora a epistemologia interacional de Moscovici jogue pistas sobre as *redes sociais digitais como objeto*, o cerne mesmo da pesquisa seria abordá-las como *campo comunicacional*, o que contribuiria não apenas para sua delimitação, mas também para a articulação de diferentes níveis de explicação à luz da Psicologia Social.

A psicologia social não é definida por seu objeto de estudo, que é o mesmo que o de outras ciências sociais, mas pelo enfoque pelo qual esse objeto é analisado, devendo ser entendida, portanto, como um ponto de vista ou uma perspectiva para estudar a realidade social. E este ponto de vista consiste na articulação de níveis de explicação psicológicos e sociológicos. Por isso, junto às teorias psicossociais de procedência psicológica, é necessário prestar atenção a outros enfoques, que procedem da sociologia e que podem nos ajudar a formar uma forma de entender a psicologia social como uma perspectiva integradora (Álvaro & Garrido, 2006, p. 23).

Essa perspectiva integradora ao redor de um *campo comunicacional*, no caso específico da presente pesquisa de doutorado, nos leva a concentrar a atenção nas premissas mais importantes formuladas por Robert T. Craig (1949-), pesquisador da University of Colorado Boulder, a partir do seu ensaio *Communication Theory as a Field*, publicado em 1999, no intuito de construir um possível diálogo com a psicossociologia do conhecimento.

1.3.2 Redes sociais digitais e configuração do campo de pesquisa

O primeiro elemento a ser levado em consideração no que diz respeito a *uma teoria da comunicação como campo* é que ela não existe (Craig, 1999; Craig & Muller, 2007), devido aos critérios de “fragmentação produtiva” com que as pesquisas em comunicação têm sido desenvolvidas. Craig (1999), a modo de exemplo, cita a pesquisa que fizera Anderson (1996), segundo a qual foi possível identificar 249 “teorias” em sete livros sobre teoria da comunicação. Utilizando-se de uma metáfora geopolítica, Craig (1999) compara a pesquisa em comunicação a “um Taiwan intelectual que se diz uma China quando de fato é apenas uma ilha isolada” (Craig, 1999, p. 122)⁹.

Nessa perspectiva, o pesquisador da University of Colorado Boulder explica que o potencial da comunicação como campo pode se alcançar, não através de uma teoria unificada,

⁹ Com a vitória da Revolução Chinesa em 1949, liderada por Mao-Tsé Tung, a China ficou dividida, hostilidade que permanece até hoje: a República Popular China (parte continental) e a China Nacionalista (parte insular), localizada na ilha Formosa (Taiwan).

mas por meio de uma *matriz disciplinar dialógico-dialética*, que estaria orientada por dois princípios: o primeiro seria um *metamodelo* de comunicação voltado à interação dos modelos teórico-práticos da comunicação; e, o segundo, seria um *metadiscurso teórico*, isto é, um discurso do discurso, que se concentre na forma prática como a comunicação é apreendida na cotidianidade. Por outras palavras, Craig (1999) propõe uma teorização da comunicação como *prática social*.

Eu visiono a teoria da comunicação como um *campo aberto de discurso* engajado com os problemas da comunicação como uma prática social, um metadiscurso teórico que emerge, se estenda e lhe dê forma ao metadiscurso prático. No quadro dessa visão, a nossa tarefa não é *desconstruir* a teoria da comunicação. Qual seria o objetivo disso se ela já é uma confusão? Em lugar disso, devemos *reconstruir* a teoria da comunicação como um metadiscurso teórico que dialogue com o metadiscurso prático da vida cotidiana (Craig, 1999, p. 129).

O campo operaria, então, a modo de uma matriz na qual confluiriam ao menos sete tradições teóricas da comunicação, gerando-se complementaridades e tensões entre elas. Note-se que, em lugar de se remeter a teorias específicas, Craig faz alusão a *tradições teóricas*, por vezes opostas e contraditórias, que Littlejohn e Foss (2009, 2011) reconhecem como linhas norteadoras que permitem abordar os diferentes elementos de um processo de comunicação, do mais básico, como o papel do emissor e a formulação da mensagem, passando pela conversação, o grupo e a organização, até chegar na mídia e seu papel na cultura.

As setes tradições inicialmente propostas por Craig (1999) foram: i) tradição retórica; ii) tradição semiótica; iii) tradição fenomenológica; iv) tradição cibernética; v) tradição sociopsicológica; vi) tradição sociocultural e vii) tradição crítica. Posteriormente, Craig (2009) acrescenta mais uma oitava tradição, que denominou pragmática. O Quadro 1 mostra o escopo específico de cada tradição teórica e alguns pressupostos advindos do senso comum (*commonplace beliefs*), que o autor leva em consideração porque fazem parte do que ele denomina metadiscurso prático.

No que diz respeito à taxonomia das tradições, é importante fazer ênfase em dois aspectos. O primeiro tem a ver com o viés, aparentemente psicologista, da tradição sociopsicológica, que se concentra apenas nos processos individuais ‘contextualizados socialmente’, o qual é compreensível porque o paradigma experimental, como explicamos no início do presente capítulo, é hegemônico nos Estados Unidos, e Robert Craig não é alheio a esse entorno de pesquisa acadêmica. Contudo, isso não representa um problema, porque o autor, ao se referir a um metamodelo teórico, que opera como matriz dialético-dialógica, deixa em aberto a possibilidade de discutir e problematizar esse viés individualista, o que poderia ser feito à luz da epistemologia interacional que propõe a psicossociologia moscoviciana.

Quadro 1 – Tradições teóricas da comunicação segundo Craig (1999)

Tradição teórica	Escopo	Conexão com ideias do senso comum
1. Retórica	Entende a comunicação como arte prática do discurso voltada para a persuasão, na qual intervêm tanto a emoção quanto a lógica racional.	<ul style="list-style-type: none"> • No que diz respeito à opinião, sempre é bom ouvirmos diferentes lados de uma questão antes de criarmos um julgamento próprio. • As palavras são menos importantes que as ações. • A opinião não é conhecimento.
2. Semiótica	Faz alusão à comunicação como mediação intersubjetiva através dos signos, que aborda problemas concretos de (re)apresentação e transmissão dos significados.	<ul style="list-style-type: none"> • A comunicação é mais fácil quando partilharmos uma linguagem comum. • As palavras podem significar coisas diferentes para pessoas diferentes. • Os significados se podem comunicar por meio de elementos sutis do comportamento. • Uma imagem vale mais que mil palavras.
3. Fenomenológica	Teoriza a comunicação como diálogo ou experiência de alteridade (<i>otherness</i>) cujo maior problema seria a impossibilidade de um diálogo autêntico entre as pessoas.	<ul style="list-style-type: none"> • Podemos e devemos tratar o outro como uma pessoa e não como uma coisa. • É importante reconhecer e respeitar as diferenças.
4. Cibernética	Teoriza a comunicação como processamento de informação e explica como todos os sistemas complexos, vivos ou não, são capazes de funcionar.	<ul style="list-style-type: none"> • Os grupos e as organizações também pensam.
5. Sociopsicológica	Teoriza a comunicação como um processo de expressão, interação e influência.	<ul style="list-style-type: none"> • As nossas formas de comunicar e as nossas reações às comunicações dos outros variam de acordo com a personalidade de cada indivíduo.
6. Sociocultural	A comunicação é um processo simbólico que produz e reproduz modelos socioculturais compartilhados.	<ul style="list-style-type: none"> • Os indivíduos são produto de seu ambiente social. • Os grupos desenvolvem normas particulares, rituais e visões do mundo.
7. Crítica	Uma autêntica comunicação acontece no quadro de um processo de reflexão discursiva que visa gradativamente à emancipação.	<ul style="list-style-type: none"> • A autoridade, a tradição e as crenças tradicionais representam uma distorção da razão ao serviço do capitalismo, o racismo e o patriarcado.

Fonte: Elaboração do autor a partir de Craig (1999)

O segundo aspecto a destacar provém da reflexão que Craig (2009) fez dez anos após a formulação de sua proposta de integração metateórica e metadiscursiva. O autor reconhece que o esforço de ‘dar o pontapé inicial’ para um diálogo no campo da comunicação parece ter desencadeado não mais do que algumas faíscas, porque “a teoria da comunicação permanece em um estado de “fragmentação produtiva” sem aparente movimento direcionado ao problema central que é a coerência dialógico-dialética visionada de forma ideal no começo” (p.7).

Nessa linha de visão idealista, a maior crítica que Craig encontra no campo acadêmico tem a ver com o metamodelo teórico, que reduziria tradições filosoficamente incompatíveis de pensamento a uma série de perspectivas relativizadas. Craig (2009) se refere a três questionamentos específicos associados ao mapeamento do campo da comunicação a partir das

tradições supracitadas: o primeiro tem a ver com a dificuldade dos *scholars* ou estudiosos de se verem refletidos em categorias gerais, que organizam o campo do ponto de vista procedimental; o segundo diz respeito à permanência de *gaps* ou lacunas entre tradições, que vão na contramão da abrangência que pretende o metamodelo, o que lhe impede de dar conta de fenômenos teóricos complexos como o pós-estruturalismo, por exemplo; e o terceiro, refere-se à impossibilidade dos pesquisadores de se circunscreverem a uma *tradição*, toda vez que esse conceito de tradição é uma construção retrospectiva, e o afazer da pesquisa é sempre *forward-looking*, isto é, voltado para o futuro.

Contudo, a proposta de Craig sugere-se instigadora, especialmente face aos desafios que supõe abordar as redes sociais digitais como *campo* de produção, circulação e reprodução do pensamento social em momentos de mobilização coletiva, na medida em que permite elaborar uma cartografia metateórica para explicar esses fenômenos a partir do diálogo entre a psicossociologia do conhecimento, desenvolvida por Moscovici, e tradições teóricas da comunicação, que podem enriquecê-la e torná-la um marco referencial útil para analisar a dinâmica dos ecossistemas digitais contemporâneos.

Nessa perspectiva e com o intuito de analisar *como se produz o pensamento social em uma rede social digital face a eventos de mobilização coletiva*, apresentaremos a seguir os resultados de três estudos cujo delineamento teórico e metodológico partiu, precisamente, das três premissas que nortearam o presente capítulo introdutório, que problematizou a *Internet*, do ponto de vista psicossocial, como fenômeno de comunicação nas sociedades contemporâneas interconectadas.

O primeiro estudo, intitulado *Internet e mobilização coletiva: representações sociais da ocupação das escolas do Rio de Janeiro em 2016*, parte da primeira premissa, segundo a qual a sociedade é um sistema de pensamento. Nessa perspectiva, se concentra no fenômeno da ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro como um sistema representacional cujos elementos cognitivos estão relacionados e internamente hierarquizados.

O segundo estudo, denominado *Redes sociais digitais e construção de narrativas: o caso da ocupação das escolas do Rio de Janeiro*, desenvolve a segunda premissa de acordo com a qual as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das representações sociais. Para tal fim, enfoca-se na dinâmica comunicacional de construção da narrativa colaborativa como materialização da relação biunívoca entre representações sociais e práticas de ocupação.

Finalmente, o terceiro estudo, intitulado *Redes sociais digitais e tensão diatópica: um estudo com eleitores de Haddad e Bolsonaro*, analisa a dinâmica comunicacional ativada pelas

fake news, que circulam nas redes sociais digitais em momentos de mobilização coletiva, à luz da tríplice estrutura do discurso interativo, isto é, a linguagem verbal, a paralinguagem e a cinésica, e do princípio da dialogicidade, no qual se fundamenta a epistemologia interacional. Este último estudo enquadra-se, então, na terceira premissa, segundo a qual o conhecimento social é um processo interacional que se constrói na tríade *Ego-Alter-Objeto*.

2 INTERNET E MOBILIZAÇÃO COLETIVA: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO EM 2016

Resumo. O presente estudo analisou o fenômeno da ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro, acontecido no primeiro semestre de 2016, como um sistema representacional do ponto de vista da abordagem estrutural das representações sociais. Por meio da aplicação de um questionário em 119 estudantes, provenientes de quatro escolas ocupadas em diferentes pontos do estado do Rio de Janeiro, o estudo se propôs a desenvolver dois objetivos específicos: i) identificar práticas associadas à produção e consumo de informação por parte dos estudantes das escolas ocupadas; e ii) analisar a representação social da ocupação através da relação entre os elementos cognitivos que a compunham, fazendo uso de duas técnicas complementares, a saber, a análise prototípica a partir da associação livre de palavras (TALP) e a análise de similitude *choix-par-bloc*. O estudo concluiu que i) os estudantes desenvolvem práticas de consumo de informação, na sua grande maioria, associadas ao modelo de autocomunicação de massas; e ii) que existem, pelo menos, duas possíveis representações sociais sobre a ocupação: uma delas estruturada a partir da centralidade do cognema *luta*, e a outra a partir dos cognemas *desleixo-matar aula-bagunça*. Em ambas as representações prevalecem elementos avaliativos, afetivos e de julgamento, o que nos levou a inferir seu caráter predominantemente normativo.

Palavras-chave: pensamento social; abordagem estrutural; representação social; análise prototípica; análise de similitude.

2.1 Introdução

O presente estudo analisa, do ponto de vista da abordagem estrutural das representações sociais, o fenômeno da ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro em 2016 como um sistema representacional. Para tal fim, além de se aproximar das práticas de produção e consumo de informação por parte dos estudantes secundaristas de quatro escolas ocupadas, em diferentes pontos do estado do Rio de Janeiro, identifica a representação socialmente construída ao redor desse fenômeno por meio de duas técnicas complementares, a *análise prototípica*, que se concentra na relação objeto-cognema, e a análise de similitude ou *choix-par-bloc*, que se enfoca na relação cognema-cognema.

O texto começará fazendo uma aproximação de fenômenos de mobilização coletiva no quadro de uma sociedade em rede, à luz do conceitos de espaço público híbrido e autocomunicação de massas. Logo depois, contextualizará historicamente a ocupação das escolas do Rio de Janeiro como microfenômeno de mobilização dinamizado pelas redes sociais digitais. Finalmente, far-se-á um apanhado da abordagem estrutural das representações sociais, concentrando-se nas propriedades dos sistemas central e periférico e nas dimensões que podem ser identificadas a partir das relações entre elementos cognitivos presentes nesses sistemas.

*

Ocupar, resistir, lutar para garantir, foram palavras de ordem utilizadas pelos estudantes secundaristas durante a ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro em 2016, que nos remetem, do ponto de vista da teoria política, ao conceito de ação não-violenta, entendida como método de luta (Sharp, 1973, 2003), isto é, como um conjunto de técnicas específicas de protesto, de não-colaboração ou de intervenção direta, que se utilizam no quadro de um conflito e que visam mudar o comportamento de um adversário. Como explica López (2006), uma ação não-violenta possui semelhanças com um conflito militar, porque exige sabedoria na escolha das estratégias e das táticas, além de ‘soldados’ dotados de coragem e capacidade de sacrifício.

Hoje em dia, ao fazermos referência aos movimentos sociais e à nova morfologia do espaço público, configurada a partir da *autocomunicação de massas* (Castells, 2009), é possível evidenciar que essa escolha de estratégias e táticas de pressão pode ter um alcance maior, tendo em vista que estamos fazendo alusão, como abordado no primeiro capítulo, a um espaço público híbrido, que combina a capacidade de organização das redes sociais digitais com a ocupação física de lugares simbólicos, no intuito de gerar, não apenas visibilidade para as reivindicações específicas do movimento, senão também legitimação social e demonstração de poder do ponto de vista da ação coletiva.

Convém trazer à tona aqui a reflexão de Howard e Hussain (2013), ao se referirem à Primavera Árabe. Para eles, não foi nem o *Twitter* nem o *Facebook* o que derrubou Hosni Mubarak no Egito, após quase trinta anos de governo repressivo, mas um milhão de pessoas nas ruas dispostas a morrer pelo que acreditavam. “A mídia digital teve um papel causal na Primavera Árabe, no sentido de ter fornecido a própria estrutura, que estabeleceu profundos laços de comunicação e capacidade organizacional entre grupos de ativistas antes que o protesto maior acontecesse” (p. 120).

Ao estudarem a relação entre ação coletiva e redes sociais digitais no quadro da Primavera Árabe, Wolfsfeld, Segev e Sheaffer (2013) são mais céticos que Howard e Hussain, pois evitam falar em papel causal da mídia digital. A partir de dados de 20 países árabes e da Autoridade Nacional Palestina, os pesquisadores israelenses mostram que o uso de tecnologias da comunicação, antes que preceder o desencadeamento dos eventos de mobilização da Primavera Árabe de 2010, incrementou-se a partir deles; por outras palavras, para eles não é possível compreender o papel das redes sociais digitais, no quadro de uma ação coletiva, sem primeiro levar em conta o entorno político, o contexto específico no qual elas operam.

Hoje, vistas em perspectiva ambas as posturas, e levando em consideração mais outros eventos de mobilização coletiva que se inspiraram na Primavera Árabe, como o *Movimento 15-M* na Espanha (2011), o *Occupy Wall Street* (2011) e o *Movimento Passe Livre* no Brasil (2013), o foco da discussão deve concentrar-se na dinâmica comunicacional das redes sociais digitais no quadro dessas ações de ocupação e no impacto político que elas têm na vida das pessoas. Como diz Castells (2013), “quanto mais rápido e interativo for o processo de comunicação, maior será a probabilidade de formação de um processo de ação coletiva enraizado na indignação, propellido pelo entusiasmo e motivado pela esperança” (p.16).

Nessa ordem de ideias, em primeiro lugar é importante frisar, como explica Castells (2013), que os movimentos sociais, do ponto de vista individual, são acima de tudo emocionais, isto é, as pessoas que aderem a eles fazem-no movidas por uma emoção: “a insurgência não começa com um programa ou uma estratégia política. Isso pode vir depois, quando surge a liderança (...) Mas o *big bang* de um movimento social começa quando a emoção se transforma em ação” (p. 14).

Para que essa emoção se torne ação, segundo Castells (2013), deve gerar-se um processo de comunicação que conecte as experiências individuais, de modo a fazer com que uma emoção negativa, como o medo, se torne uma emoção positiva, como o entusiasmo. “Em termos concretos, se muitos indivíduos se sentem humilhados, explorados, ignorados ou mal representados, eles estão prontos a transformar sua raiva em ação tão logo superem o medo” (p. 15).

No seu livro *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*, Castells (2013) se questiona sobre quais seriam os aspectos comuns que teriam mobilizações tão diferentes como a da Islândia em 2009, quando o país saiu às ruas a protestar contra o governo que quis aplicar medidas de austeridade exigidas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), e a da Tunísia em 2011, que durou mais de um mês, e que fez com que Ben Ali renunciasse e abandonasse o país, após 23 anos no poder. Castells (2013) conclui que o fio comum dessas mobilizações foi a sensação de *empoderamento*: elas tornaram-se possíveis “pela superação do medo, mediante a proximidade construída nas redes do ciberespaço e nas comunidades do espaço urbano” (p. 19).

O caso específico da Tunísia, que desencadeou a supracitada Primavera Árabe, é particularmente interessante, porque confirma a tese de Castells segundo a qual o *big bang* de um movimento social é quando uma emoção se torna ação. Considerado hoje um herói nacional, Mohamed Bouazizi (1984-2011) foi o estopim dos protestos nesse país do norte da África. O jovem, formado em engenharia, apenas conseguia sustentar sua mãe e suas duas irmãs como

vendedor ambulante de frutas e legumes; humilhado pelo confisco de sua banca de frutas por parte da polícia e após recusar-se a pagar propina, optou pela autoimolação por fogo em 17 de dezembro de 2010, em frente da sede do governo municipal de Sidi Bouzid, uma pequena cidade no interior da Tunísia.

A ação de Bouazizi foi gravada no celular pelo seu primo e difundida pelas redes sociais, gerando-se uma onda de indignação, ódio e repúdio, que chegou no seu nível máximo quando o então presidente, Bem Ali, o visitou no hospital e ousou tirar uma foto ao lado da cama dele, estando Bouazizi inconsciente e com seu corpo totalmente queimado. Bouazizi morreu 18 dias depois, em 4 de janeiro de 2011, e mais outras autoimolações começaram a acontecer em diferentes pontos do território tunisiano, desencadeando uma onda irrefreável de protestos, que fez com que Ben Ali e sua família finalmente deixassem a Tunísia para se refugiarem na Arábia Saudita.

Além do elemento emocional, ressaltado por Castells e evidente no caso de Bouazizi, que foi homenageado de forma póstuma em 2011 com o *Prêmio Sakharov* para a Liberdade do Pensamento do Parlamento Europeu, é importante destacar um segundo aspecto, também associado a esse espaço público em rede: trata-se do exercício político de deliberação por meio de assembleias soberanas, que visam recuperar o direito de representação, particularmente evidente no 15-M ou Movimento dos Indignados da Espanha em 2011, que nasceu e cresceu como uma onda de protesto contra o sistema financeiro e contra a classe política tradicional. Como explica Castells (2013), “políticos de todos os partidos, parlamentares e governos foram cúmplices dos banqueiros, cujos interesses defenderam mais do que os dos cidadãos que representavam” (p. 80), daí que o slogan mais popular fosse, precisamente, *No nos representan* (eles não nos representam).

O impacto do 15-M na Espanha, do ponto de vista da ocupação dos espaços digital, midiático e físico —o emblemático acampamento na praça Puerta del Sol, por exemplo—, levou autores como Toret (2013), a proporem o conceito de *tecnopolítica* para se referirem ao uso tático e estratégico das ferramentas digitais para a organização, comunicação e ação coletiva.

A tecnopolítica pode se descrever como a capacidade das multidões conectadas, dos cérebros e corpos conectados em rede, de criar e automodelar a ação coletiva. A tecnopolítica pode abranger sim o ciberativismo em tanto ação coletiva que se limita à esfera digital; no entanto, no sentido pleno, a tecnopolítica é uma capacidade coletiva de utilização da rede para inventar formas de ação que podem surgir na rede, mas que não se reduzem a ela (Toret, 2013, p. 20).

É no quadro dessas novas formas de ação, que se forjam no espaço digital-urbano, fomentadas pela *autocomunicação de massas*, isto é, pela forma de comunicação que contém tanto um potencial de alcance global, do ponto de vista da audiência, quanto características de produção individuais, que o primeiro estudo da presente tese aborda um fenômeno acontecido em 2016, conhecido como a ocupação das escolas do Rio de Janeiro, no intuito de analisá-lo à luz da abordagem estrutural da teoria das representações sociais. A seguir, realizaremos uma contextualização histórica do fenômeno e uma explicação teórica dessa abordagem, com o propósito de evidenciar que a ocupação pode ser entendida como um sistema representacional.

2.2 Ocupação das escolas do Rio de Janeiro

Em 21 de março de 2016, em meio a uma greve de professores da rede estadual de educação do Rio de Janeiro, os alunos do Colégio Estadual Prefeito de Mendes de Moraes, localizado na Ilha do Governador, criaram uma página no *Facebook* e postaram a seguinte mensagem: “*Alunos do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, ocuparam hoje a escola, em resposta à forte opressão da direção e da SEEDUC*”.

Às 19h02 desse mesmo dia, na edição digital do jornal Extra, o fato foi noticiado sob a manchete “*Em apoio à greve de professores, alunos ocupam colégio estadual no Rio*”¹⁰. O acontecimento, embora inusitado (que duzentos alunos ocupassem uma escola), parecia compreensível, porque dava-se no quadro de uma greve de professores. Contudo, esse mesmo fato foi tornando-se, aos poucos, um fenômeno de ocupação, ao envolver mais de 80 escolas da rede estadual, segundo dados fornecidos pela Associação Nacional de Estudantes Livres (ANEL)¹¹. Estava-se replicando no Rio de Janeiro um fenômeno similar ao acontecido no estado de São Paulo em 2015, quando mais de 200 escolas da rede estadual também foram ocupadas durante mais de dois meses, dessa vez como forma de pressão contra a proposta de reorganização escolar da Secretaria Estadual de Educação¹².

¹⁰ Disponível em: https://extra.globo.com/noticias/rio/em-apoio-greve-de-professores-alunos-ocupam-colegio-estadual-no-rio-18926679.html?utm_source=Facebook&utm_medium=Social&utm_campaign=Extra#ixzz43ZBBTDW3. Acesso em 30/07/2017.

¹¹ Disponível em: <https://web.facebook.com/anel.errejota/posts/1114744025234493>. Acesso em 30/07/2017.

¹² Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/escolas-ocupadas/noticia/2016/01/desocupadas-ultimas-duas-escolas-estaduais-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 30/07/2017.

Figura 3 – Primeira postagem do movimento de ocupação das escolas do Rio de Janeiro



Fonte: Página do *Facebook* da ocupação do Colégio Prefeito Mendes de Moraes

Para o caso do Rio, inicialmente o Estado entrou com um pedido de reintegração de posse do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, que foi suspenso em 11 de abril, após o Ministério Público ter interposto um agravo de instrumento, argumentando que a ocupação era uma manifestação pacífica legítima, na medida que visava ao melhoramento das condições de ensino¹³. Algumas das pautas reivindicadas pelos estudantes eram: melhoramento da alimentação e da infraestrutura das escolas; eleição democrática dos diretores; aumento das aulas de sociologia e filosofia; fim do SAERJ (Sistema de Avaliação da Educação do Rio de Janeiro); fim da superlotação das salas de aula; livre organização do grêmio estudantil, entre outras mais específicas de cada escola.

Um mês e duas semanas após o fenômeno ter começado, aconteceu um evento que determinou o resultado da negociação das pautas: os estudantes, apoiados por algumas organizações secundaristas, ocuparam a sede da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), o que gerou um impacto midiático maior. A SEEDUC se viu obrigada a atender as reivindicações, o que decorreu em três resultados concretos: a eleição democrática dos diretores das escolas, a eliminação/transformação do SAERJ e a destinação de 15 mil reais para reformas emergenciais nas estruturas de cada uma das escolas ocupadas. Em 16 de maio, os alunos do C.E. Prefeito Mendes de Moraes postaram a seguinte mensagem:

A ocupação acabou. Ocupar é apenas um dos meios de lutar por seus direitos, conseguimos grandes avanços com este ato. O Mendes iniciou o movimento pensando em toda a rede estadual, em que, inúmeras escolas estão completamente sucateadas e abandonadas pelo poder público. Avançamos, sim, porém não terminamos e sim só começamos a lutar por uma educação de qualidade. Pensando na integridade física

¹³ Disponível em: <https://web.facebook.com/OcupaMendes/posts/256496598037693>. Acesso em: 30/07/2017.

dos ocupantes, da estrutura escolar, e principalmente nas reivindicações conquistadas tomamos esta decisão. Hoje caíram o Chefe de Gabinete Caio Castro e o Secretário Antônio Neto, e só foi o início de uma longa jornada. O Mendes estará apoiando todas as escolas, estaremos lutando de outras maneiras, assim como fizemos hoje na SEEDUC e na ALERJ, logo após deixarmos a escola. Queremos que vocês continuem lutando conosco e lembrem-se: juntos somos mais fortes. Somos, sim, uma escola modelo, modelo de luta, e para sempre será. A ocupação deixou um incrível legado e não acabou, será eterna. A escola é nossa! #OcuparResistirLutarPraGarantir #MendesEscolaDeLuta (*Facebook*, Ocupa Mendes, 16 de maio de 2016)

Em 1 de junho de 2016, a Juíza Titular da 2ª Vara de Infância, Adolescência e do Idoso da Capital, Glória Heloísa Lima da Silva, acolheu parcialmente o argumento da Defensoria Pública, na medida em que garantiu o direito dos estudantes a se manifestarem; porém, determinou o retorno às aulas nas escolas ocupadas¹⁴. A seguir, algumas datas que permitem contextualizar os eventos que aconteceram no quadro do fenômeno das ocupações:

Quadro 2 – Eventos mais destacados da ocupação das escolas do Estado do Rio de Janeiro

Data	Acontecimento
21 de março	Estudantes do C.E. Prefeito Mendes de Moraes ocupam o colégio.
11 de abril	Juiz da 14ª Vara da Fazenda Pública suspende liminar de reintegração de posse.
20 de abril	Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC) publica no <i>Twitter</i> informação sobre mobilização contrária às ocupações.
28 de abril	Secretário de Educação Antônio Neto visita o C.E. Central.
2 de maio	Começa período de férias atípico nos colégios ocupados decretado pela SEEDUC.
5 de maio	Ocupação da sede da Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro.
10 de maio	Grupo dos <i>desocupas</i> entra no C.E. Mendes de Moraes e depreda as instalações.
11 de maio	Ocupa Mendes reocupa o colégio após estudantes serem expulsos pelos <i>desocupas</i> . Diretor do C.E. Mendes de Moraes, Marcos Madero, é exonerado.
12 de maio	Associação Nacional dos Estudantes Livres (ANEL) fala em 85 escolas ocupadas
13 de maio	Ataque dos <i>desocupas</i> ao C.E. Mendes de Moraes
15 de maio	Ocupa Mendes desconhece Comando Unificado das Ocupações.
16 de maio	Termina a ocupação no C.E. Mendes de Moraes. Secretário de Educação, Antônio Neto e Chefe de Gabinete, Caio Castro, são exonerados.
20 de maio	Reunião dos estudantes com o novo Secretário de Educação, Wagner Viçter.
1 de junho	Juíza da 2ª Vara de Infância e Adolescência determina retorno às aulas.

Fonte: Dados da pesquisa jornalística

O diário de campo elaborado por Giovanelli (2017), que se inseriu na ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu, localizado no bairro do Méier, na zona Norte do Rio de Janeiro, faz uma aproximação da ocupação a partir das práticas desenvolvidas pelos estudantes, que podem se resumir na Figura 4, correspondente ao Manual de Ocupação das escolas do estado do Rio Grande do Sul, replicado tanto em São Paulo em fins de 2015, como nas escolas do Rio de Janeiro no primeiro semestre de 2016.

¹⁴ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/06/1777363-justica-do-rio-determina-volta-as-aulas-em-escolas-estaduais-ocupadas.shtml> Acesso em: 05/11/2017.

Figura 4 – Manual de ocupação das escolas difundido pelo C.E. Mendes de Moraes

COMO OCUPAR SUA ESCOLA?

Os estudantes do Rio Grande do Sul também já estão começando a ocupar as suas escolas, como mais uma ferramenta de mobilização e pressão social contra os ataques do governo Sartori. Quer ocupar sua escola? Então se liga!

- 1 ASSEMBLEIA**
As principais decisões são discutidas e tomadas durante a assembleia. É um espaço onde todas e todos estudantes irão avaliar a situação política e pensar nos caminhos da luta. Organize uma Assembleia em sua Escola e ocupe-a!

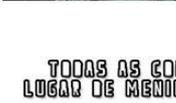

- 2 COMUNICAÇÃO INTERNA**
As decisões devem ser levadas ao coletivo de estudantes, inclusive a quem não estava presente nas assembleias e reuniões. É importante que exista um grupo responsável por fazer as informações circulararem dentro da ocupação, conversando com os colegas e fazendo cartazes por exemplo ou criando outras formas de deixar todos informados.

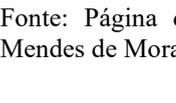

- 3 ATIVIDADES**
Podem e devem ser organizadas atividades culturais como sarau, cine-debate, teatro, música, oficinas, debates políticos e diversas atividades que contribuam para a formação e fortalecimento da ocupação. As diversas atividades contribuem no convencimento dos colegas e também amplia o debate com a comunidade.


- 4 COMIDA**
É importante que se tenham responsáveis por garantir a alimentação do grupo. Para isso precisam avaliar quais as possibilidades existentes na escola. Muitas direções de escola tem fechado acesso às cozinhas e aos mantimentos. Façam listas e peçam doações.


- 5 SEGURANÇA**
A Comissão de Segurança é a primeira a se organizar, pois deve garantir a integridade do patrimônio da escola, evitando futuros problemas jurídicos. Também é responsável pelo controle de entrada e saída das pessoas. Os estudantes devem ter documentos sempre em mãos. Qualquer ação por parte da justiça ou da PM só pode ser feita com a presença do Conselho Tutelar.


- 6 LIMPEZA**
Nossa luta é em defesa da escola, por isso precisamos deixá-la limpa. Vamos dar o exemplo! Paredes e talheres precisam ser devolvidos limpos, assim como mesas, salas e espaços. É fundamental que todos assumam essa tarefa coletivamente, evitando deixar sujeira.


- 7 COMUNICAÇÃO**
Sabemos que a mídia seleciona as notícias e nossa luta, quando aparece, é distorcida. Com auxílio da internet temos grande alcance e podemos divulgar em tempo real nossa luta. Em Assembleia, definam os porta-vozes da ocupação, tirem fotos e gravem vídeos. Mandem para nossa página!


- 8 APOIOS + ADVOGADOS**
Busquem apoio de pais, professores, coletivos, e da comunidade no geral. O apoio jurídico de advogados também é essencial. Qualquer situação estranha, podem contatar o Julio Câmara, (51) 8309-1196

**TODAS AS COMISSÕES DEVEM MISTURAR HOMENS E MULHERES!
LUGAR DE MEMORIA É NA SEGURANÇA E DE MEMÓRIA NA LIMPEZA, SIM!**

Fonte: Página do Facebook da ocupação do Colégio Prefeito Mendes de Moraes

Essas práticas estavam associadas à forma colegiada como deviam tomar-se as decisões, às estratégias de comunicação interna que visavam manter informados os estudantes do colégio ocupado, às atividades educativas que deviam se desenvolver no quadro da ocupação, às diretrizes sobre alimentação, segurança e limpeza e às estratégias orientadas a ganhar legitimação social.

No quadro desse Manual da Ocupação, é importante destacar a diretriz associada à comunicação externa, que foi seguida à risca por todas as escolas ocupadas: “Sabemos que a mídia seleciona as notícias e nossa luta, quando aparece, é distorcida. Com o auxílio da *Internet*, temos alcance e podemos divulgar em tempo real a nossa luta. Em Assembleia, definam os porta-vozes, tirem fotos e gravem vídeos. Mandem para nossa página” (Manual de Ocupação). Trata-se, do ponto de vista de uma perspectiva micro, da materialização do modelo de

autocomunicação de massas referido por Castells (2009), que acaba coexistindo com a mídia corporativa, relevando-a do seu papel de instância mediadora.

Tendo em vista que estamos falando em um fenômeno de mobilização coletiva, que surge a partir da autocomunicação de massas, liderado por estudantes secundaristas que “aprenderam a ler e estar no mundo a partir da sua realidade construída em cima dessa interação real-digital” (Giovanelli, 2017, p.122), é possível construir uma ponte teórico-metodológica com a teoria das representações sociais, especificamente com a abordagem estrutural, no intuito de nos aproximarmos desse fenômeno em chave de sistema representacional.

2.3 Abordagem estrutural das representações sociais

No primeiro capítulo, ao nos referirmos ao pensamento social, fizemos alusão às representações sociais como *teorias do senso comum*, nas quais se embasa a interpretação e construção da realidade social (Moscovici, 1976), ou como *metassistemas de comunicação*, que canalizam, modificam e orientam as operações cognitivas (Guimelli, 1999; Doise, 2014). Como vimos, trata-se de uma “forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, tendo uma função prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22).

É importante destacar, conforme explica Sá (1998), que existem umas condições que lhe mostram ao pesquisador a possível existência de uma representação construída socialmente sobre um objeto determinado, a saber: i) que se trate de um objeto relevante para o grupo; ii) que o grupo possua um conhecimento estruturado sobre ele; iii) que gere posicionamentos e julgamentos no grupo; iv) que esteja associado às práticas sociais; e v) que cumpra a função de diferenciação grupal.

Segundo a apreensão do objeto de estudo de uma representação social, é possível falar em quatro abordagens teórico-metodológicas (Moliner & Guimelli, 2015). A primeira seria a abordagem *sociogenética*, vinculada aos trabalhos seminais de Serge Moscovici e Denise Jodelet, que se concentra especialmente nas dimensões informacional, imagética e atitudinal de uma representação social. Uma segunda abordagem seria a *sociodinâmica*, cujo precursor foi Willem Doise, que estuda a conexão entre relações sociais, entendidas como tomadas de posição, e as representações sociais. Uma terceira abordagem, denominada *dialógica*, está embasada nos trabalhos de Ivana Marková sobre a relação entre linguagem, comunicação e representações sociais. Finalmente, a abordagem *estrutural*, que é o cerne do presente estudo sobre a ocupação das escolas como sistema representacional, leva em conta a dinâmica das relações internas entre os elementos de uma representação social.

Como explica Sá (2015), a abordagem estrutural das representações sociais surgiu a partir das pesquisas desenvolvidas pelo que ele denominou *Grupo do Midi*, no Sul da França, especialmente Aix-en-Provence e Montpellier. Desse grupo fazia parte Jean-Claude Abric (1994), que afirmava que “os elementos que constituem uma representação são hierarquizados, ponderados e mantêm, entre si, relações que determinam o significado e o lugar que ocupam no sistema representacional” (p. 19). Por outras palavras, e seguindo o raciocínio de Wolter (2018), quando um pesquisador quiser apreender, não apenas o conteúdo de uma representação social, senão também as relações entre cognemas¹⁵ e sua dinâmica interna, estará seguindo uma perspectiva estrutural, tendo em vista que uma representação social é “um conjunto de elementos cognitivos ligados por relações” (Flament & Rouquette, 2003, p. 13).

Foi Abric (1994) que introduziu a teoria do núcleo central, segundo a qual é possível fazer referência a uma representação social em termos de sistema central e sistema periférico; o núcleo central seria parte do primeiro sistema, e caberia a ele determinar a significação e a organização de uma representação social:

O núcleo central exerce duas funções essenciais. Uma *função geradora*: ele é o elemento pelo qual se cria e se transforma a significação dos outros elementos da representação. Uma *função organizadora*: é o núcleo central que determina a natureza das relações que unem dois elementos da representação. Ele é, neste sentido, o elemento unificador e estabilizador da representação (Abric, 1994, p.22)

De acordo com Sá (1996, 2015), o sistema central é marcado pela memória coletiva do grupo social; constitui a base comum coletivamente partilhada da representação social; é estável e resistente à mudança, e é pouco sensível ao contexto social. O sistema periférico, por sua vez, integra as experiências e histórias individuais; suporta a heterogeneidade e as condições do grupo social; é flexível e evolui de acordo com o contexto cotidiano. O Quadro 3 contribui para a compreensão das propriedades de ambos os sistemas do ponto de vista comparativo:

Quadro 3 – Propriedades dos sistemas central e periférico de uma representação social

Sistema central	Sistema periférico
É marcado pela memória coletiva: reflete os valores do grupo social.	Integra as experiências e histórias individuais.
Constitui a base comum, coletivamente partilhada, da representação social.	Suporta a heterogeneidade e condições do grupo social.
É estável, resistente à mudança.	É móvel e flexível.
É pouco sensível ao contexto social.	É evolutivo e sensível ao contexto cotidiano.

Fonte: Elaboração do autor a partir de Sá (2015)

Nessa perspectiva apresentada no Quadro 3, tanto Sá (1996) quanto Wolter (2018), chamam a atenção para quatro características que permitem, não só diferenciar o núcleo central

¹⁵ Cognema, segundo Codol (1969), é uma ideia ou elemento cognitivo básico; pode ser entendido como a menor unidade de cognição no quadro de uma análise.

da periferia de uma representação social, senão também entendê-los em termos de sistema de relações; trata-se de i) o poder associativo; ii) a consensualidade; iii) a estabilidade e iv) a condicionalidade.

O *poder associativo* diz respeito a elementos que, por serem centrais, conseguem se relacionar entre si sem se oporem, gerando um sistema coeso ao redor do qual circulam os elementos periféricos, que respondem a contingências da realidade cotidiana: “sem o sistema periférico, a representação social seria um sistema de pensamento rígido e abstrato, pouco adaptável às vicissitudes do dia-a-dia e à singularidade de algumas situações” (Wolter, 2018, p. 623).

A *consensualidade* do núcleo central de uma representação social, de acordo com Abric (1994), é a base comum do pensamento grupal, que depende do contexto global histórico, social e ideológico a partir do qual se definem as normas e valores dos indivíduos. Contudo, como explica Wolter (2018), é importante frisar que consensualidade, de modo nenhum, significa unanimidade: “na maior parte dos casos os elementos centrais são compartilhados por grande parte do grupo em boa parte das situações, o que não equivale a ser ativado todas as vezes, por todos os membros do grupo, em todas as situações” (p. 624).

De acordo com Wolter *et al.* (2015), a *estabilidade* do núcleo central pode ser vista como sincrônica, quando os elementos centrais da representação sobre um objeto determinado são ativados por um grupo, independentemente do contexto; essa mesma estabilidade pode ser entendida como diacrônica, quando os elementos centrais persistem com o passar do tempo. Note-se que esses elementos estáveis, quer sincrônicos, quer diacrônicos, fazem parte do núcleo central; o sistema periférico, por sua vez, opera sob a lógica da contingência, isto é, está supeditado a circunstâncias externas contextuais, tais como fatos noticiados pela mídia em um momento determinado, pela finalidade de uma situação específica ou pelos interesses pessoais momentâneos.

Por fim, a *condicionalidade* é a característica do núcleo central de uma representação social que se refere à distinção entre elementos absolutos e elementos condicionais; por outras palavras, a representação socialmente construída por um grupo, sobre um objeto determinado, possui elementos negociáveis e outros que são condição *sine qua non* para que a representação exista, sem os quais ela deixaria de ser a expressão do pensamento construído e compartilhado pelo grupo.

Até este ponto fica claro, então, que é possível abordar a representação social de um objeto, do ponto de vista estrutural, entendendo-a como um sistema dinâmico de relações entre elementos cognitivos. No quadro desse sistema representacional, corresponderia ao núcleo

central desenvolver as funções geradora e organizadora da representação social, o que pode ser evidenciado ao estudar as quatro características básicas desse núcleo, a saber, o poder associativo, a consensualidade, a estabilidade e a condicionalidade.

Uma vez identificados os cognemas ou ideias que fazem parte de uma representação social, do ponto de vista da abordagem estrutural, é importante levar em consideração três dimensões, de acordo com o tipo de elementos ativados, que permitem analisar a representação sobre um objeto determinado.

A primeira é a *dimensão normativa*, que se caracteriza pela ativação de elementos avaliativos associados aos valores ou normas do grupo, e que o levam a realizar julgamentos sobre o objeto: “o aborto, por exemplo, é um objeto extremamente ideológico e, dependendo da ideologia em questão, ele será pensado com julgamentos positivos ou negativos; entretanto, em ambos os casos, ele será pensado com julgamentos, logo terá elementos avaliativos” (Wolter, 2018, p. 625).

A segunda é a *dimensão funcional*, que privilegia aspectos práticos da representação social, isto é, relacionados às práticas desenvolvidas pelo grupo; nos termos utilizados por Flament (1994), essa dimensão se concentra nos aspectos prescritivos, entendidos como laços entre uma cognição e a conduta que lhe corresponde. Finalmente, a terceira é a *dimensão descritiva* que, como seu nome indica, possui elementos que denotam características do objeto, que não necessariamente estão associadas aos julgamentos nem às práticas.

Após termos explicado os aspectos teóricos mais importantes da abordagem estrutural como sistema representacional, surgem duas perguntas: será possível analisar o fenômeno da ocupação das escolas do Rio de Janeiro, levando em consideração os pressupostos teóricos acima expostos? Qual seria, então, do ponto de vista do método, o caminho a seguir para entender a ocupação como sistema representacional?

O primeiro elemento a levar em conta é que a ocupação, como os grandes fenômenos de mobilização coletiva citados no início do presente estudo, também forjou-se no ecossistema das redes sociais digitais e no entorno urbano; parafraseando Toret (2013), as redes sociais não foram apenas um dispositivo de construção e coordenação coletiva, senão também uma ferramenta que permitiu “tecer um sentido” para essa ação, o que poderia interpretar-se, no quadro da teoria das representações sociais, como uma correspondência entre um pensamento socialmente compartilhado pelos estudantes e umas práticas de ocupação e resistência que dialogavam com esse pensamento.

Nessa ordem de ideias, e conforme explica Wolter (2018), seria possível estudar uma representação social, do ponto de vista da abordagem estrutural, partindo i) da relação entre o

objeto e os elementos representacionais e ii) da relação entre os diferentes elementos ativados pelo objeto. A primeira linha de estudo, que no Quadro 4 aparece descrita como *Relação Objeto-Cognemas*, possui técnicas que se concentram no grau de compartilhamento dos cognemas, na prontidão com que são pensados e na sua condicionalidade, isto é, no fato que sua presença permita caracterizar uma representação social específica. Já a segunda linha, que no Quadro 4 aparece como *Relação Cognema-Cognema*, parte da ideia segundo a qual um elemento central possui um relacionamento privilegiado com outros elementos representacionais.

Como veremos no método do presente estudo, optamos por utilizar uma técnica de cada tipo de relação, a saber, a análise prototípica realizada a partir da técnica de associação livre de palavras (TALP), e a análise de similitude.

Quadro 4 – Técnicas utilizadas na abordagem estrutural das representações sociais

Relação	Técnica	Foco de estudo
Objeto-Cognema	Análise prototípica a partir de evocações livres	Possível distinção entre núcleo central e periferia
	Questionamento <i>Mise en cause</i> (MEC)	Negociabilidade do cognema para reconhecimento do objeto
	Indução por cenário ambíguo	Apresentação espontânea de elementos
Cognema-Cognema	<i>Choix par bloc</i> para análise de similitude	Conexidade dos elementos
	Esquemas Cognitivos de Base (ECB)	Tipos de relações possíveis entre os elementos (descritiva, avaliativa ou prática)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Rodrigues (2019) e Wolter (2018)

2.4 Método

Com o propósito de abordar o fenômeno da ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro como um sistema representacional, a partir da vertente estrutural das representações sociais, o presente estudo se propôs a desenvolver dois objetivos específicos, que a seguir serão explicados metodologicamente. O primeiro foi identificar práticas associadas à produção e consumo de informação por parte dos estudantes das escolas ocupadas, e o segundo foi analisar a representação social da ocupação através da relação entre os elementos cognitivos que a compõem.

Exatamente um ano após ter acontecido o fenômeno de mobilização coletiva, foi aplicado um questionário em 119 jovens de quatro escolas que foram ocupadas no primeiro semestre de 2016. É importante esclarecer que, embora o presente estudo apareça em primeiro lugar, por razões estruturais de ordem teórico-metodológica, cronologicamente foi

desenvolvido depois da análise de conteúdo, que aparece no segundo estudo, o que incidiu nos critérios de seleção das escolas dos estudantes participantes, como evidencia-se na Tabela 1:

Tabela 1 – Critérios de seleção das escolas dos participantes

Instituição	Participantes	Critério de escolha
C.E. Prefeito Mendes de Moraes	36	Foi a primeira escola a ocupar, tornando-se emblemática e referência para as outras escolas. Foi a instituição com o maior número de postagens de <i>Facebook</i> coletadas no Estudo 2 da presente tese (462 de 7.586) e o maior engajamento digital (curtidas + comentários) no quadro das postagens selecionadas (15.400). Localização: Ilha do Governador.
C.E. Visconde de Cairu	27	Escola da Zona Norte do Rio de Janeiro. Foi a escola com a estratégia de comunicação massiva mais estruturada das ocupações, a ponto de ser a segunda, depois do C.E. Mendes de Moraes, com maior engajamento digital no quadro do Estudo 2: registrou 8.495. Localização: Méier
C.E. Irineu Marinho	26	Escola da Baixada Fluminense. O conteúdo das suas postagens no <i>Facebook</i> sempre esteve relacionado aos aprendizados da ocupação, e essa ênfase chamou a nossa atenção. Localização: Duque de Caxias.
E.T.E. Juscelino Kubitschek	30	Foi uma das Escolas Técnicas Estaduais levada em consideração na coleta de dados do Estudo 2, o que lhe confere um perfil específico aos participantes. Localização: Jardim América (Zona Norte do Rio de Janeiro)
Total participantes	119	

Fonte: Dados da pesquisa

O questionário, que contou com seu respectivo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi aplicado de forma personalizada pelo pesquisador, cujo contato inicial com os estudantes foi através da página do *Facebook* da ocupação; aliás, o diretor(a) de cada escola também foi informado sobre a realização do exercício, no intuito de gerar uma relação de transparência institucional.

No momento da aplicação, foi esclarecido para os participantes que o único critério a ser levado em consideração para preencherem o questionário era ser aluno do colégio ocupado havia um ano, sem que isso significasse que o estudante tivesse sido a favor da ocupação: quem se manifestasse contrário a ela também podia participar. Como explicado a seguir, o questionário foi propositalmente dividido em três segmentos (vide Apêndice 1):

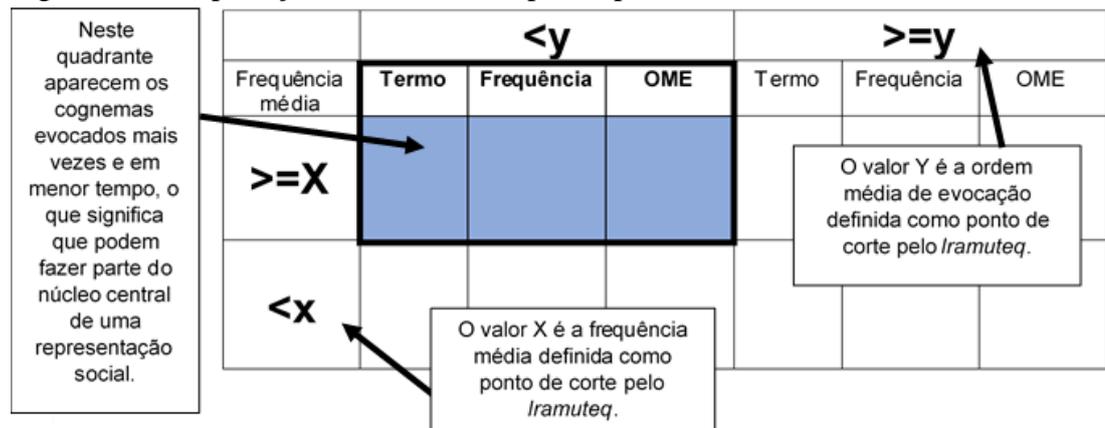
2.4.1 Técnica de associação livre de palavras (TALP)

Essa técnica de associação verbal permite identificar possíveis elementos dos sistemas central e periférico de uma representação social associados a um termo denominado *indutor*, dessa vez a *ocupação*, razão pela qual é definida como uma técnica que estabelece uma relação

objeto-cognema: o objeto seria a ocupação como fenômeno e os cognemas seriam as ideias evocadas pelos participantes. A pergunta foi formulada nos seguintes termos: *Quais são as três primeiras palavras ou expressões que passam pela sua cabeça quando pensa em ocupação?*

Após um processo denominado lematização, que consiste em deflexionar os termos com o propósito de unificá-los de acordo com suas raízes ou lexemas¹⁶, os cognemas são levados ao programa *Iramuteq* (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*), que os organiza de modo a estabelecer a *frequência* da evocação, isto é, o número de vezes que um termo é lembrado, e a *ordem média de evocação*, isto é, o quão prontamente o termo foi evocado pelo participante. Esse processo, denominado análise prototípica (Vergès, 1994; Oliveira *et al.*, 2005; Wachelke & Wolter, 2011), permite identificar um possível núcleo central composto por cognemas com alta frequência e baixa ordem de evocação: ou seja, respostas fornecidas por grande número de participantes e evocadas prontamente.

Figura 5 – Interpretação de uma análise prototípica



Fonte: Echeverri e Andrade (2016)

A Figura 5 mostra o resultado fornecido pelo programa *Iramuteq*, em cujo quadrante superior esquerdo aparecem os termos/expressões que poderiam ser candidatos ao núcleo central de uma representação social. O quadrante superior direito denomina-se *primeira periferia* e nele aparecem os cognemas com frequência e ordem média de evocação altas; o quadrante inferior esquerdo, por sua vez, corresponde ao que tecnicamente se define como zona de contraste, na qual aparecem cognemas rapidamente evocados, porém com uma frequência

¹⁶ A modo de exemplo ilustrativo: se no processo de lematização aparecessem os cognemas *lutando*, *luta* e *lutemos*, seria possível unificá-los sob o cognema *luta*. Contudo, trata-se de um procedimento que exige cuidado por parte do pesquisador, porque corre-se o risco de descaracterizar o cognema evocado pelo participante sob o argumento da simplificação.

baixa; e por fim, o quadrante inferior direito corresponde à segunda periferia, onde aparecem as ideias menos frequentes e que demoraram mais tempo a serem evocadas pelos participantes.

Note-se que se trata de uma técnica exploratória, cujos resultados não são conclusivos, daí que seja necessário, como explicado por Wolter (2018), realizar uma triangulação metodológica, aplicando outro tipo de técnicas para avaliar a centralidade dos cognemas. Contudo, a realização desse exercício é importante no quadro do presente estudo, porque permite fazer uma aproximação inicial dos elementos cognitivos ativados nos estudantes ao se referirem ao fenômeno da ocupação das escolas.

O programa *Iramuteq* também oferece a possibilidade de realizar uma análise de similitude com os cognemas, identificando de forma gráfica as relações entre eles por meio da aplicação de índices probabilísticos como o *Jaccard* (Ramos & Vargas, 1996), e lançando pistas sobre possíveis campos semânticos que não são evidenciáveis na análise prototípica. Convém aqui esclarecer que essa análise de similitude difere da análise de similitude *choix-par-bloc*, que faz parte do terceiro segmento do questionário, toda vez que a primeira é elaborada automaticamente pelo programa, e a segunda obedece a um procedimento específico, que foi desenvolvido de forma proposital no presente estudo.

2.4.2 Práticas de consumo de informação

O segundo segmento do questionário se concentrou na identificação das frequências com que os participantes realizavam práticas associadas à produção e consumo de informação, no intuito de elaborar o que denominamos *perfil comunicacional* dos jovens, à luz do conceito de autocomunicação de massas proposto por Castells (2009). Tendo em vista, como vimos no primeiro capítulo, que as práticas sociais são um agente transformador das representações sociais, consideramos importante contar com esse perfil no momento de analisar os resultados das análises prototípica e de similitude, toda vez que isso permite vincular elementos cognitivos às práticas cotidianas dos estudantes, no quadro de um contexto histórico e sociocultural.

Nessa perspectiva, foi-lhes solicitado que colocassem a frequência com que realizavam 23 ações específicas (vide Quadro 5), levando em consideração os seguintes advérbios: *sempre* (todos os dias); *quase sempre* (cinco a seis dias por semana); *algumas vezes* (três a quatro dias por semana); *poucas vezes* (um a dois dias por semana) ou *nunca*.

Quadro 5 – Práticas de produção e consumo de informação

Descrição da atividade	Sempre	Quase sempre	Algumas vezes	Poucas vezes	Nunca
Ler jornais impressos.					
Assistir ao jornal na televisão.					
Escutar notícias na rádio.					
Entrar aos <i>sites</i> dos jornais na internet.					
Compartilhar notícias dos jornais nas redes sociais.					
Compartilhar notícias em grupos do <i>WhatsApp</i> .					
Postar fotografias próprias no <i>Facebook</i> .					
Postar vídeos próprios no <i>Facebook</i> .					
Compartilhar fotos/vídeos de outros no <i>Facebook</i> .					
Curtir postagens de outros no <i>Facebook</i> .					
Comentar postagens de outros no <i>Facebook</i> .					
Atualizar minha conta no <i>Twitter</i> .					
Atualizar minha conta no <i>Instagram</i> .					
Jogar <i>videogames</i> .					
Assistir a programas religiosos na TV.					
Assistir a séries na <i>Netflix</i> .					
Assistir a séries/filmes na TV a cabo.					
Usar aplicativo para achar amigos ou namorado(a).					
Acompanhar o canal de algum <i>youtuber</i> .					
Ler livros impressos diferentes dos escolares.					
Ler revistas impressas.					
Atualizar meu próprio <i>blog</i> .					
Atualizar meu próprio canal de <i>Youtube</i> .					

Fonte: Dados da pesquisa

2.4.3 Análise de similitude (*choix-par-bloc*)

À diferença da análise prototípica, na qual os participantes evocam ideias vinculadas ao objeto, na análise de similitude é o pesquisador que apresenta para eles um conjunto de cognemas, para que selecionem, em blocos de igual número de cognemas —daí o nome *choix-par-bloc*—, as que considerem mais características e menos características em relação ao objeto.

Após a aplicação de uma matriz de diferenças e de um cruzamento entre os valores de cada bloco (Flament, 1981; Bouriche, 2003), calculam-se as distâncias entre os diferentes cognemas, de acordo com a fórmula $D = [2((D_m - D_o)/D_m)] - 1$, onde D_m equivale à distância máxima e D_o corresponde à distância observada. O valor D final oscilará entre -1 e +1: se esse valor estiver mais próximo de +1, a *relação de similitude* entre dois elementos ou cognemas será mais forte; ora, se esse valor estiver mais próximo de -1, a *relação de oposição* será mais forte.

Do ponto de vista gráfico, os resultados de essa técnica de relação cognema-cognema se apresentam a modo de grafos, se utilizando dos conceitos de cadeia e árvore, entendida como conjunto de cadeias máximas: as arestas do grafo traduzem as distâncias e os vértices correspondem aos cognemas. Como se trata de uma técnica que estabelece centralidade, ela permite interpretar que elementos cognitivos que são próximos de muitos outros elementos tendem a ser considerados centrais, e que aqueles que são próximos de poucos outros elementos seriam periféricos.

O exercício foi apresentado para os participantes da seguinte forma: *Na página seguinte¹⁷ aparecerão 21 palavras ou expressões. Por favor, escolha e escreva na primeira coluna as 7 palavras ou expressões que, na sua opinião, tenham mais a ver com a ocupação. Depois, escolha e escreva as 7 palavras ou expressões que tenham menos a ver com a ocupação. Finalmente, na terceira coluna, escreva as 7 palavras ou expressões que sobraem.* Tendo em vista que nesta técnica é o pesquisador que propõe os termos a serem selecionados pelos participantes, o Quadro 6 mostra os critérios utilizados para sua escolha:

Quadro 6 – Critérios para seleção de termos da *choix-par-bloc*

No.	Palavra ou expressão	Critério
1	alienação	Termo recorrente utilizado pelas pessoas contrárias à ocupação nos comentários das páginas do <i>Facebook</i> das escolas ocupadas.
2	alimentação	Algumas pautas específicas das escolas ocupadas incluíam o melhoramento da alimentação.
3	aprendizado	Colégios como o C.E. Irineu Marinho fizeram questão de ressaltar os aprendizados por parte dos estudantes como resultado da ocupação.
4	bagunça	Termo utilizado tanto pelos <i>ocupas</i> como pelos <i>desocupas</i> para se referirem às ações do grupo contrário.
5	conquista	Termo associado à tríade luta-resistência-conquista. presente nas palavras de ordem dos estudantes <i>ocupas</i> e na construção de suas narrativas digitais.
6	democracia	Termo recorrente, especialmente, nas fotografias postadas pelas páginas do <i>Facebook</i> e na reivindicação de eleições para diretor.
7	denúncia	Os vídeos espontâneos gravados pelos estudantes, na maioria dos casos, tinham o propósito de denunciar descaso administrativo nas escolas.
8	desleixo	Termo recorrente, vinculado ao descaso da SEEDUC, para dar conta da correta manutenção da infraestrutura das escolas.
9	direito	Termo recorrente, utilizado pelos estudantes e seus legitimadores, especialmente celebridades da televisão: direito a uma educação de qualidade.
10	diretor	No caso específico do C.E. Prefeito Mendes de Moraes, houve um atrito muito forte com o diretor, que acabou sendo exonerado.
11	grêmio estudantil	Ao não ter líderes visíveis, os grêmios estudantis das escolas tornaram-se portavozes das respectivas pautas.
12	greve	Fato histórico que desencadeou a ocupação das escolas.
13	luta	Termo associado à tríade luta-resistência-conquista, presente nas palavras de ordem dos estudantes <i>ocupas</i> e na construção de suas narrativas digitais.
14	matar aula	Termo recorrente, utilizado pelas pessoas contrárias à ocupação, nos comentários das páginas do <i>Facebook</i> das escolas ocupadas.
15	redes sociais	As redes sociais digitais eram o canal de comunicação das ocupações através do qual contavam o que acontecia dentro das escolas. Aliás, era a plataforma de conexão com as outras escolas ocupadas.
16	repressão	Este termo foi muito recorrente, especialmente quando os estudantes ocuparam a sede da Secretaria de Educação, e quando a polícia fazia presença nas sedes das escolas ocupadas.
17	SAERJ	A eliminação do Sistema de Avaliação da Educação do Rio de Janeiro era uma das exigências prioritárias na pauta geral das ocupações.
18	secundaristas	Os estudantes que ocuparam contaram com o apoio de organizações de estudantes secundaristas, como a Associação Nacional de Estudantes Livres (ANEL), com presença nas redes digitais.
19	superlotação	O termo era recorrente nas pautas específicas de algumas escolas ocupadas.
20	trabalho em equipe	Na narrativa construída pelos estudantes ao redor do cuidado das escolas sempre era ressaltado o trabalho em equipe.
21	#ocupatudo	Foi a <i>hashtag</i> mais popular do movimento de ocupação das escolas.

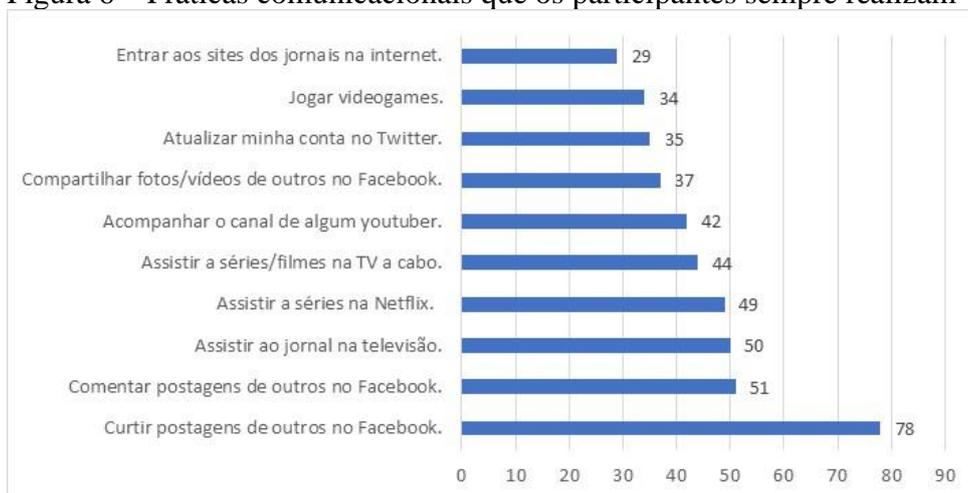
Fonte: Dados da pesquisa

¹⁷ Note-se que o exercício de evocações livres e a *choix-par-bloc* foram desenvolvidos no frente e no verso da página do questionário para evitar interferência entre ambas as técnicas (vide Apêndice 1 no final da tese).

2.5 Resultados

Como mostra a Figura 6, no que diz respeito à construção de um perfil associado às práticas de produção e consumo de informação dos 119 estudantes secundaristas que participaram do estudo, foi possível identificar as dez práticas mais frequentes, isto é, aquelas que eles manifestaram que *realizavam sempre*, levando em conta valores absolutos correspondentes a número de estudantes.

Figura 6 – Práticas comunicacionais que os participantes sempre realizam



Fonte: Dados da pesquisa

De acordo com a classificação de Castells (2009) sobre os tipos de comunicação, quatro dessas práticas corresponderiam ao modelo de comunicação de massas que, mesmo podendo ser interativo, é acima de tudo unidirecional e especialmente relacionado aos veículos tradicionais de informação: i) assistir ao jornal na televisão (50 estudantes); ii) assistir a séries na *Netflix* (49); iii) assistir a séries/filmes na televisão a cabo (44); e iv) entrar aos sites dos jornais na *Internet* (29).

As outras seis práticas comunicacionais que os participantes *sempre* realizam estão associadas ao modelo de autocomunicação de massas, entendido como uma forma de comunicação que contém tanto um potencial de alcance global (de massas), do ponto de vista da audiência, quanto características de produção individuais, no que diz respeito à geração e direcionamento do conteúdo e ao *feedback*. No caso específico do estudo, estamos fazendo referência a: i) curtir postagens de outros no *Facebook* (78); ii) comentar postagens de outros no *Facebook* (51), iii) acompanhar o canal de algum *youtuber* (42); iv) compartilhar fotos/vídeos de outros no *Facebook* (37); v) atualizar minha conta no *Twitter* (35); e vi) jogar *videogames* (34). É importante destacar que as ações listadas, em sua grande maioria,

correspondem a práticas de consumo e não a práticas de produção de informação, o que pode ser explicável pela idade dos 119 participantes, cuja média foi 16,5.

Figura 7 – Práticas comunicacionais que os participantes nunca realizam



Fonte: Dados da pesquisa

Muitas das práticas associadas a ações de produção de informação, no quadro da autocomunicação de massas, aparecem na Figura 7, que corresponde às ações que os participantes *nunca realizam* e cuja organização está dada em valores absolutos, isto é, no número de estudantes: i) atualizar meu próprio canal do *Youtube* (122); ii) atualizar meu próprio blog (108); iii) usar aplicativo para achar amigos ou namorado (81); iv) postar vídeos próprios no *Facebook* (56); v) atualizar minha conta no *Twitter* (49)¹⁸; compartilhar notícias em grupos de *WhatsApp* (47). Um dado assaz interessante contido nessa figura é que 66 dos 119 estudantes nunca leem jornais impressos, 63 participantes nunca leem revistas impressas e 48 nunca escutam rádio, isto é, são jovens à margem da mídia corporativa, que se utiliza desses canais tradicionais.

Ora, no que diz respeito à análise prototípica, realizada a partir do termo indutor *ocupação*, foram coletados 185 cognemas ou ideias diferentes. Como mostra a Tabela 2, o programa *Iramuteq* estabeleceu um ponto de corte de 6.5 para a frequência e 1,86 para a ordem média de evocação. A análise prototípica permitiu identificar, em primeiro lugar, seis possíveis elementos cognitivos, que poderiam fazer parte do núcleo central da representação social da ocupação, a saber, *luta*, *direitos*, *resistência*, *greve*, *melhoras* e *mudança*. Dentre esses termos, que foram mais frequentemente e prontamente evocados, destaca-se o cognema *luta*, que obteve a maior frequência e a menor ordem média de evocação.

¹⁸ Note-se que, no caso dessa prática, aparecem valores absolutos extremos: enquanto 35 participantes afirmam que sempre o fazem, 49 expressam que nunca o realizam.

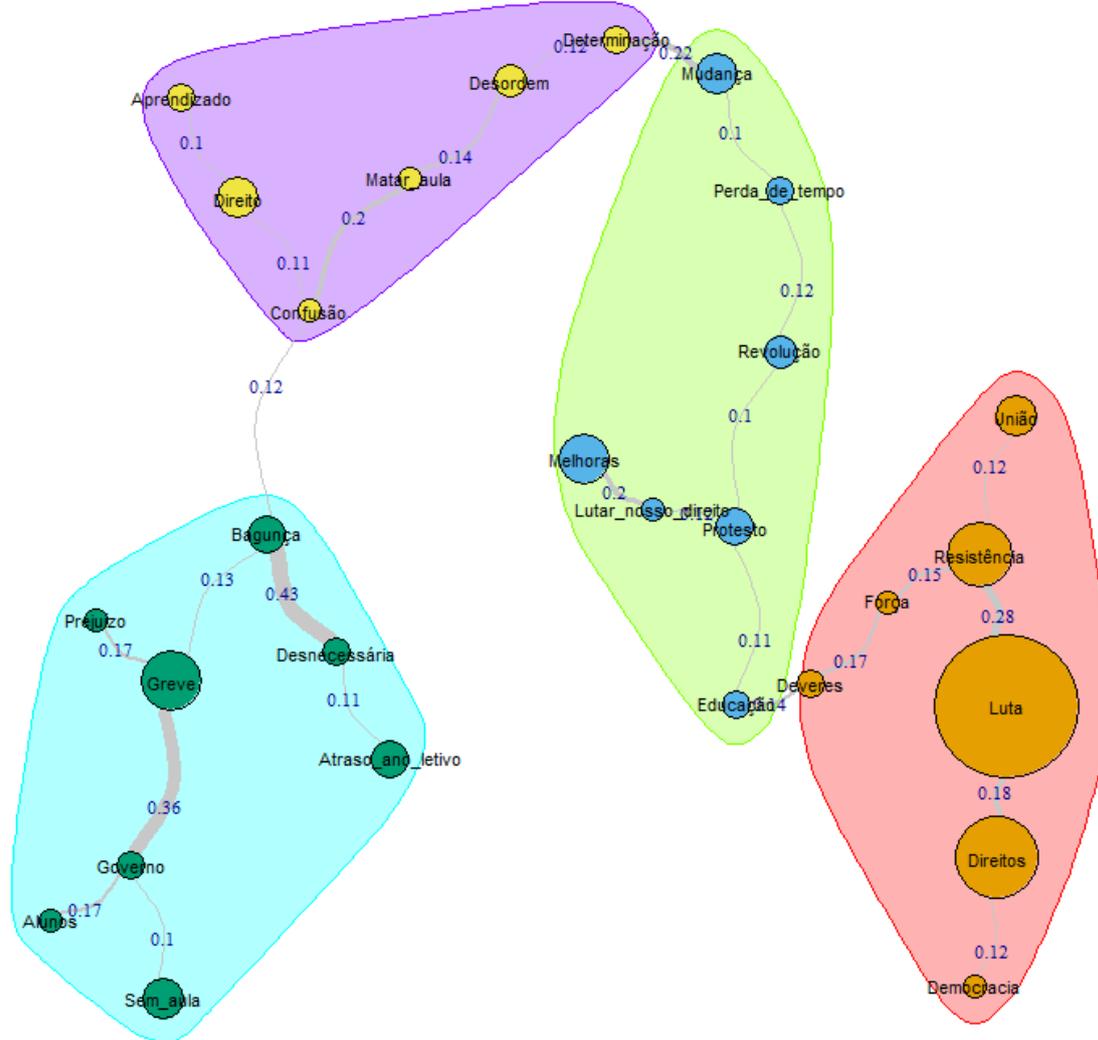
Tabela 2 – Análise prototípica do termo indutor ocupação

		Ordem média de evocação (OME)			Ordem média de evocação (OME)		
		<=1,86			>1,86		
	Frequência	Cognema	Frequência	OME	Cognema	Frequência	OME
Frequência >=6,5		Luta	29	1,4	Direito	7	1,9
		Direitos	16	1,8	Sem_aula	7	2
		Resistência	12	1,8	União	7	2,3
		Greve	11	1,6			
		Melhoras	9	1,6			
		Mudança	7	1,6			
Frequência <6,5		Protesto	6	1,2	Atraso_ano_letivo	6	2
		Desordem	5	1,6	Bagunça	6	2
		Desnecessária	4	1,2	Revolução	5	2,4
		Determinação	4	1,8	Perda_de_tempo	4	2,8
		Confusão	3	1,7	Governo	4	2,2
					Deveres	4	2,8
					Educação	4	2
					Aprendizado	4	2,8
					Força	3	2,3
					Lutar_nosso_direito	3	2
					Alunos	3	2,3
					Matar aula	3	2,3
					Prejuízo	3	2,3
					Democracia	3	2,7

Fonte: Dados da pesquisa

Em segundo lugar, a análise prototípica também permitiu identificar na zona de contraste, quer dizer, no quadrante inferior esquerdo, alguns elementos cognitivos que foram prontamente evocados e que, aparentemente, não possuem uma ligação com as ideias do possível núcleo central (*desordem, desnecessária, confusão*), o que denotaria a presença de um outro grupo, com uma representação social diferente da ocupação. Esse dado explica-se porque na aplicação do questionário houve participantes tanto a favor como contra a ocupação das escolas.

Figura 8 – Análise de similitude do termo indutor ocupação fornecido pelo Iramuteq

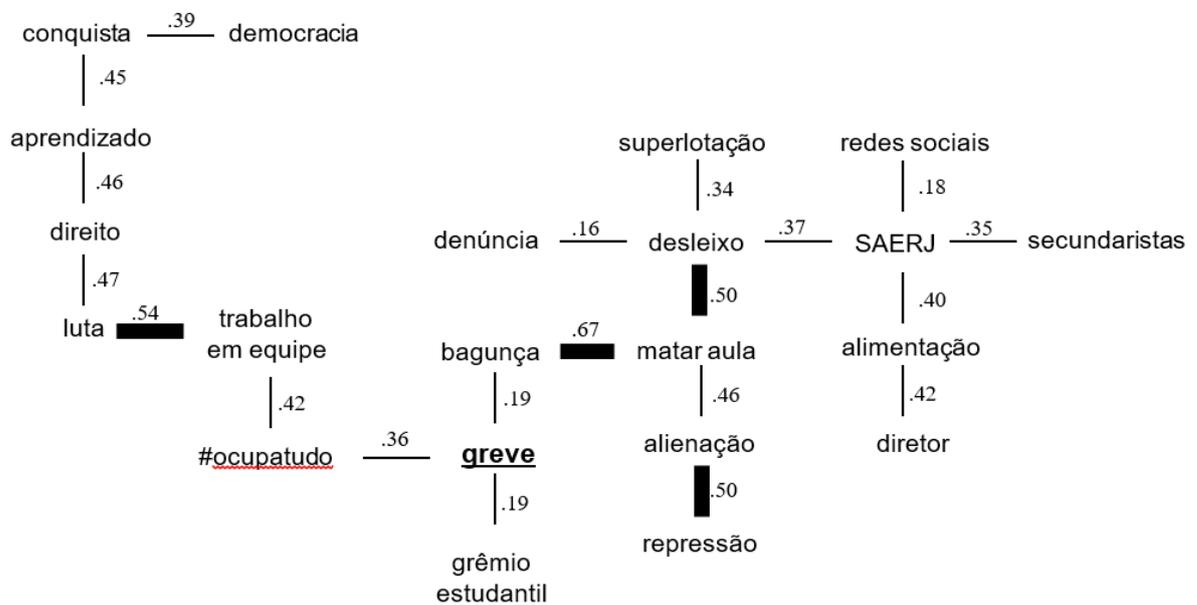


Fonte: Dados da pesquisa

A partir da aplicação do índice probabilístico de *Jaccard*, o programa *Iramuteq* nos auxiliou no intuito de observar, graficamente, a análise prototípica como análise de similitude, isto é, como sistema de relações entre cognemas. Como mostra a Figura 8, essa análise de similitude permitiu evidenciar a centralidade dos cognemas *greve* e *luta*, distantes entre si e com arestas cujas relações de similitude são fortes, ao redor das quais se formam dois possíveis campos semânticos ou de significação. No que tange à *greve*, é possível associá-la a *governo*, *prejuizo*, *bagunça*, *desnecessária*, *matar aula*, *confusão* e *desordem*. Oposto a esse campo semântico, em torno do cognema *luta*, situam-se ideias como *direitos*, *resistência*, *união*, *democracia* e *deveres*, o que, de alguma maneira, com a limitação natural da técnica utilizada no quadro da relação objeto-cognema, nos conduz a inferir que existem duas possíveis representações socialmente construídas sobre o fenômeno da ocupação das escolas do Rio de Janeiro.

Os dados fornecidos pela análise de similitude ou *choix-par-bloc*, por sua vez, corroboram a inferência realizada a partir da análise prototípica. Como mostra a árvore máxima da Figura 9, a conexão entre as possíveis representações estaria na centralidade do cognema *greve*, que sem possuir relações de similitude muito fortes, próximas de +1, torna-se o elo de ligação entre ideias aparentemente diferentes, uma delas vinculada à *luta* —cognema que junto à *greve* também faz parte do possível núcleo central identificado na análise prototípica— e a outra, atribuída à *desordem* gerada pela ocupação, que aparecia na zona de contraste.

Figura 9 – Árvore máxima com cognemas associados à ocupação



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa

A árvore máxima permite analisar essas duas vertentes: por um lado, cognemas como *#ocupatudo*, *trabalho em equipe*, *luta*, *direito*, *aprendizado*, *conquista* e *democracia*, destacando-se, especialmente, o valor da aresta *luta-trabalho em equipe* (0,54); e por outro lado, elementos cognitivos como *bagunça*, *matar aula*, *alienação*, *repressão* e *desleixo*, em cuja relação se destacam as arestas *bagunça-matar aula* (0,67) e *matar aula-desleixo* (0,60). Por outras palavras, e expresso de forma mais simples: é possível evidenciar a configuração de dois campos semânticos diferentes, estruturados a partir das relações de centralidade i) *luta-trabalho em equipe* e ii) *desleixo-matar aula-bagunça*.

Ao estudar graficamente a árvore máxima é possível, também, fazer alusão a mais duas questões que precisam ser esclarecidas. A primeira tem a ver com o cognema *SAERJ*, que ao possuir quatro conexões com mais outros elementos, ocuparia um lugar central dentro de uma das possíveis representações; contudo, é importante frisar que os valores dessas distâncias são

relativamente fracos, e que o cognema nem sequer foi lembrado pelos participantes ao evocarem as 185 palavras ou expressões da análise prototípica.

O segundo elemento está associado à polissemia do cognema *desleixo* que, como explicado no Quadro 6, foi apresentado para os participantes porque, segundo a inferência do pesquisador, estava relacionado ao descaso da SEEDUC no que dizia respeito à manutenção da infraestrutura das escolas. Ao analisar a árvore máxima é possível deduzir que, do ponto de vista semântico, os participantes vincularam esse elemento cognitivo a termos como *matar aula* e *bagunça*, isto é, à percepção grupal sobre as consequências negativas da ação de ocupação.

2.6 Discussão

Como explicado no método, o presente estudo visou i) se aproximar das práticas de produção e consumo de informação por parte de 119 estudantes de quatro escolas ocupadas durante o fenômeno conhecido como a ocupação das escolas do Rio em 2016; e ii) identificar a representação socialmente construída ao redor desse fenômeno, por meio duas técnicas advindas da abordagem estrutural das representações sociais, a saber, a análise prototípica e a análise de similitude.

Para tal fim, começamos contextualizando o conceito de espaço público híbrido, à luz de experiências históricas de mobilização coletiva, como a Primavera Árabe e o 15-M ou Movimento dos Indignados da Espanha, que se utilizaram das redes sociais digitais como plataformas de organização e de *criação de sentidos*, o que acabou se materializando em ações diretas de ocupação de espaços urbanos.

Se comparado com os eventos supracitados, o fenômeno da ocupação das escolas do Rio de Janeiro de 2016 seria um microfenômeno de mobilização coletiva; porém, forjado por estudantes secundaristas nesse espaço público híbrido, que conecta os ecossistemas digitais com a rua, dessa vez, com a escola como um espaço físico e simbólico. Foi assim como decidimos fazer uma aproximação desses atores da ocupação como grupo, partindo da premissa psicossociológica segundo a qual um grupo é, acima de tudo, uma identidade de pensamento, um pensamento social que pode ser visto como um sistema de relações entre elementos cognitivos, que estão diretamente ligados às práticas, entendidas como ações reiterativas e/ou modos de fazer.

Os resultados da comparação das frequências atribuídas pelos participantes a diferentes tipos de práticas comunicacionais, permitiram construir um perfil de consumo de informação, que é útil para entendermos sua relação com os ecossistemas digitais. Como explicado no

capítulo 1, estudos como o desenvolvido pelo Instituto Reuters e a Universidade de Oxford (Levy *et al.*, 2017), com 70 mil pessoas de 36 países, mostram que 64% dos jovens entre 18 e 24 anos acessa às notícias através da Internet, e 33% o faz só através das redes sociais. De alguma maneira, esse resultado se corrobora com os jovens do presente estudo que, mesmo com uma média de idade menor (16,5), desenvolvem práticas de consumo de informação, na sua grande maioria, associadas ao modelo de autocomunicação de massas.

Nessa perspectiva da frequência, é importante destacar que esses jovens, que nas palavras de Prensky (2013) seriam considerados *nativos digitais*, além de estarem distantes de práticas tradicionais de consumo de informação proveniente da mídia corporativa, constroem sistemas de interpretação sobre diferentes objetos a partir de sua experiência direta nos ecossistemas digitais.

Ora, tendo em vista que as ocupações foram um fenômeno híbrido, construído tanto no entorno virtual desses ecossistemas digitais, como no ambiente físico das escolas, optamos por nos aproximarmos dele em termos de sistema representacional, isto é, de conjunto de relações entre elementos cognitivos, caracterizados pelo seu poder associativo, consensualidade, estabilidade e condicionalidade.

Houve três aspectos, explicados no método, que vale a pena trazer à tona na discussão dos resultados: o primeiro tem a ver com a localização das escolas selecionadas em quatro pontos diferentes do estado do Rio de Janeiro, o que indica um perfil geográfico e sociodemográfico diferente. O segundo aspecto diz respeito à forma aleatória como foram aplicados os questionários em estudantes das últimas séries do ensino fundamental, o que pressupõe a possibilidade de aproximação de formas diferentes de pensar a ocupação, ainda mais, ao levarmos em consideração que 34 participantes manifestaram abertamente ter participado da ação direta e 84 não o fizeram. E o terceiro aspecto está associado ao que poderíamos denominar sedimentação cognitiva do fenômeno, toda vez que o questionário foi aplicado um ano após a ocupação ter acontecido, o que talvez pôde incidir na forma como os participantes se posicionaram perante a ação direta ocorrida em 2016.

Nessa ordem de ideias e, seguindo o raciocínio de Sá (1998), o estudo permitiu inferir que a ocupação foi um acontecimento relevante para os participantes das quatro instituições, que gerou posicionamentos e julgamentos, e que estava vinculado a umas práticas específicas de protesto. Aliás, segundo os resultados das análises prototípica e de similitude, foi possível evidenciar que os participantes constituíram um conhecimento estruturado sobre a ocupação e, mais interessante ainda, que a estrutura cognitiva de esse conhecimento socialmente construído apontava para uma diferenciação intergrupala.

Por outras palavras, a triangulação das técnicas de relação entre elementos cognitivos nos levou a inferir que, ao redor da ocupação como fenômeno, foram construídas duas possíveis representações sociais ou metassistemas de interpretação, correspondentes a dois grupos diferentes dentro das escolas. Uma dessas representações estaria estruturada a partir da centralidade do cognema *luta* e a outra o faria a partir dos cognemas *desleixo-matar aula-bagunça*. Ao prestarmos atenção para os elementos e suas relações de centralidade mais fortes, é possível evidenciar que em ambas as representações prevalecem elementos avaliativos, afetivos ou de julgamento, permitindo-nos afirmar que se trata de núcleos centrais predominante normativos, o que acaba materializando-se na orientação global favorável ou desfavorável dos estudantes frente ao objeto, isto é, a ocupação.

Além dos resultados associados aos dois objetivos específicos traçados no presente estudo, o mais importante é destacar a possibilidade de abordar o pensamento social como sistema de relações entre elementos cognitivos, em consonância com a premissa inicial que nos levou a delinear o estudo a partir da abordagem estrutural das representações sociais; pensamento social que ao ser construído pelos estudantes no quadro de um fenômeno de mobilização coletiva, se expressa e pode ser mapeado no ecossistema das redes sociais digitais.

3 REDES SOCIAIS DIGITAIS E CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS: O CASO DA OCUPAÇÃO DAS ESCOLAS DO RIO DE JANEIRO

Resumo. O presente estudo¹⁹ analisa a dinâmica comunicacional de geração, circulação e reprodução do pensamento social em uma rede social digital, no quadro do fenômeno de ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro por parte dos estudantes secundaristas, acontecido no primeiro semestre de 2016. Foram selecionadas, segundo critérios de interação digital, 250 postagens provenientes das páginas de Facebook de 35 escolas ocupadas. As postagens foram submetidas a uma análise de conteúdo categorial, que levou em consideração tanto a tipologia do formato da mensagem emitida (*post* simples, artigo jornalístico, fotografia, vídeo editado, vídeo espontâneo, cartaz e *gif*), como a fonte empírica de produção (escrita, falada ou imagética). A partir da descrição da intenção comunicativa dos formatos e da comparação global das unidades de registro de cada categoria, foi possível estabelecer três vetores de análise, que permitiram i) inferir a prevalência do pensamento social sobre o pensamento científico-racional; ii) evidenciar a forma como as condições de produção do pensamento social (formalismo espontâneo, dualismo causal, primazia da conclusão e criação de analogia) incidem na construção colaborativa das narrativas digitais; e iii) corroborar a possível existência de uma representação da ocupação, associada a etiquetas mobilizadoras com um alto conteúdo afetivo, tais como *luta*, *resistência* e *conquista*.

Palavras-chave: narrativa; redes sociais digitais; pensamento social; afeto.

3.1 Introdução

No estudo que apresentamos a seguir, analisamos a dinâmica de geração, circulação e reprodução do pensamento social nas páginas do *Facebook* das escolas ocupadas do Rio de Janeiro, durante esse fenômeno de mobilização coletiva. O estudo enquadra-se na premissa, segundo a qual, as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das representações sociais. Nessa perspectiva, concentra-se no cruzamento de elementos advindos da abordagem estrutural das representações sociais, tais como a denominada *arquitetura do pensamento social*, com as *condições de produção* desse pensamento socialmente construído, comumente trabalhadas na abordagem sociogenética.

O texto começará fazendo alusão ao conceito de narrativa, associando-a às condições de produção do pensamento social, no quadro de um ecossistema digital. Depois, abordará as formas do pensamento social em termos de hierarquização cognitiva e, por fim, concentrar-se-

¹⁹ Uma versão reduzida deste estudo foi publicada pela Universidade da República de Montevideu, Uruguai: Echeverri, G., Wolter, R.P., & Peixoto, Á. (2019). Redes sociales digitales y pensamiento social: el caso de la ocupación de las escuelas de Río de Janeiro. *Psicología, Pensamiento y Sociedad*, 9(1), 106-131. doi: <http://dx.doi.org/10.26864/PCS.v9.n1.9>

á no afeto, como vetor que incide na forma como um grupo pensa e interage ao redor de um objeto determinado.

*

Falar em narrativa, como explicam Reales e Confortin (2008) é fazer referência à forma como se organiza uma experiência e se torna comunicável. Na literatura, por exemplo, “as narrativas *criam uma realidade* através da organização dos fatos dentro do enredo, por meio de estratégias que garantem a coerência interna da obra e de acordo com as tendências literárias de cada época” (p. 12).

Kuzmanich (2008), ao se referir à narrativa audiovisual —que não está distante da literária— afirma que ela contém três elementos, a saber, uma ideia, uma história e um cenário; para ele, esses elementos se integram em um gênero realista ou verossímil, como a tragédia, a comédia ou o drama, ou não realista, como o melodrama, a tragicomédia ou a farsa. Essa integração da ideia, a história e o cenário em um gênero, faz com que a mensagem da narrativa contenha um valor expressivo único e singular, que o autor denomina “código”. Quando uma narração alcança o “código ideal”, argumenta Kuzmanich (2008), ela propõe um mundo que o receptor *aceita como verdadeiro*: “o mundo que apresenta, mesmo sendo surreal, absurdo e parcial, torna-se real, verdadeiro e total” (p. 12).

Com o advento da *Internet*, esses princípios da narrativa convencional permanecem, mas a convergência digital faz com que hoje se fale em *transmídia* como um novo tipo de narrativa, que se utiliza da linguagem própria de diferentes plataformas de mídia para produzir conteúdo, fomentando a participação do público como protagonista dos diferentes desdobramentos de uma história (Ryan, 2005; Jenkins, 2009; Figueiredo, 2016).

A emergência da *Internet* também tem representado um hiato entre dois tipos de narrativas, a jornalística e a narrativa colaborativa ou *peer-to-peer* (p2p). Segundo Malini e Antoun (2013), a narrativa jornalística se caracteriza “pela autenticação dos fatos, hierarquização de fontes, predomínio do passado, busca de uma enunciação à distância do fato narrado e repetição de versões únicas” (p. 198).

Já a narrativa colaborativa, que pode se denominar “narrativa entre iguais” e que não possui o jornalista como mediador, corresponde, de acordo com Malini e Antoun (2013), ao relato construído por uma multiplicidade de perfis digitais que realizam as seguintes ações: i) portam o tempo da *linha do tempo* como um agora; ii) assumem a franqueza no falar como condição para se alcançar a verdade; iii) identificam-se como sujeitos unidos ao acontecimento e atores de sua atualização; e iv) têm a republicação como estratégia de alargamento de si e de sua própria potência (p.198).

Ao se referirem à republicação como estratégia de alargamento, os autores estão fazendo alusão às *hashtags* como ferramentas das redes sociais digitais, identificadas pelo sinal (#), que permitem ter acesso direto a tudo o que se publica, ponto a ponto, de baixo para cima, criando e participando de uma “comunidade virtual da notícia” (Malini & Antoun, 2013, p.188).

3.2 Pensamento social e hierarquização cognitiva

Ao nos determos em expressões supracitadas, relacionadas à narrativa tais como *elas criam uma realidade, propõem um mundo aceito como verdadeiro, são colaborativas e constroem uma comunidade virtual da notícia*, comumente aceitas no campo da comunicação e aplicáveis ao ecossistema das redes sociais digitais, é possível evidenciar um diálogo com a Psicologia Social, especialmente no que diz respeito às condições de produção do pensamento social, isto é, do pensamento que se constrói na cotidianidade através do exercício conversacional (Moscovici, 1961; Guimelli, 1999; Echeverri & Andrade, 2019). Essas condições de produção, que podem ser entendidas como ativadoras da lógica interpretativa de um fato social, seriam: i) o formalismo espontâneo, ii) o dualismo causal, iii) a primazia da conclusão e iv) a construção de analogia.

O *formalismo espontâneo*²⁰ se caracteriza pela repetição de automatismos, estereótipos linguísticos, clichês e fórmulas pré-construídas. O *dualismo causal*²¹ se define como a *coexistência* de dois tipos de relação causa-efeito: a primeira, que provém do pensamento lógico-racional —a causa é condição *sine qua non* para a geração de um efeito— e a segunda, de tipo fenomênico, que permite inferir que um evento é causa de outro, partindo da sua proximidade, simultaneidade, semelhança ou, simplesmente, da intenção do grupo que acomoda o raciocínio ao seu quadro de referência.

A *primazia da conclusão*²², por sua vez, tem a ver com a seleção que um grupo faz de elementos de informação, de acordo com suas convicções, preferências e valores, construindo

²⁰ *On notera enfin que le formalisme spontané s'accompagne de nombreuses répétitions s'organisant autour d'un thème central. La redondance, les itérations sont donc caractéristiques essentielles de cet aspect particulier de la pensée sociale* (Guimelli, 1999, p.72)

²¹ *Le sujet social, lui, reconnaît aussi, à coté de cette conception scientifique de la causalité, une causalité de type phénoménal où un événement est censé être la cause et l'autre l'effet seulement sur la base d'un voisinage, d'une co-occurrence, d'un regroupement dans une même catégorie, d'une similitude ou, plus simplement, en fonction de l'intention du sujet ou du group* (Guimelli, 1999, p. 72).

²² *Elle pose d'abord la conclusion, manifestant ainsi les convictions, les préférences ou les valeurs du groupe. Ce n'est qu'ensuite que des éléments d'information seront sélectionnés parmi ceux qui sont disponibles, et mis en avant pour justifier la conclusion. L'essentiel de cette forme de raisonnement se trouve ainsi dans la justification et non dans l'argumentation, encore moins dans la démonstration* (Guimelli, 1999, p.74)

raciocínios baseados mais na justificativa do que na argumentação ou na demonstração. Finalmente, a *construção de analogia*²³ faz referência à atividade cognitiva de generalização, que atribui características de um objeto a outro, contribuindo para a simplificação do real em virtude de uma aparente economia da informação.

Falar em condições de produção do pensamento social, como ativadoras de uma lógica interpretativa, equivale a pensar que as narrativas que os grupos constroem na cotidianidade, no exercício conversacional, são elaboradas a partir dessas condições, que acabam se refletindo nas diferentes formas do pensamento social: algumas mais instantâneas e individuais, como a opinião ou a atitude, e outras mais estáveis no tempo, como a representação social ou a ideologia (Rouquette, 2009).

A *opinião*, segundo Rouquette (1998), é um conjunto mais ou menos coerente de julgamentos compartilhados sobre um objeto, que possuem um prazo de vida limitado e uma pertinência local. A *atitude*, por sua vez, é uma tendência psicológica, que se expressa numa avaliação favorável ou desfavorável sobre um objeto: essa resposta avaliativa pode ser cognitiva, quando relacionada a crenças sobre o objeto; afetiva, quando se refere às emoções ou sentimentos que esse objeto provoca; ou comportamental, quando indica uma predisposição à ação (Eagly & Chaiken, 1993; Lima, 2004).

Como explicado no primeiro capítulo, uma *representação social* é uma forma de conhecimento, construída e compartilhada por um grupo sobre um objeto determinado, que está diretamente associada às práticas, e que opera a modo de esquema de interpretação da realidade (Moscovici, 1961/2012; Jodelet, 1989, Wolter & Sá, 2013). Já a ideologia, segundo Van Dijk (2005), é um sistema de crenças, socialmente compartilhadas, que operam como bases axiomáticas para um grupo determinado e que se caracterizam por ser gradativamente adquiridas. A ideologia, segundo este autor, é a base do discurso e da forma como os diferentes grupos sociais organizam suas práticas.

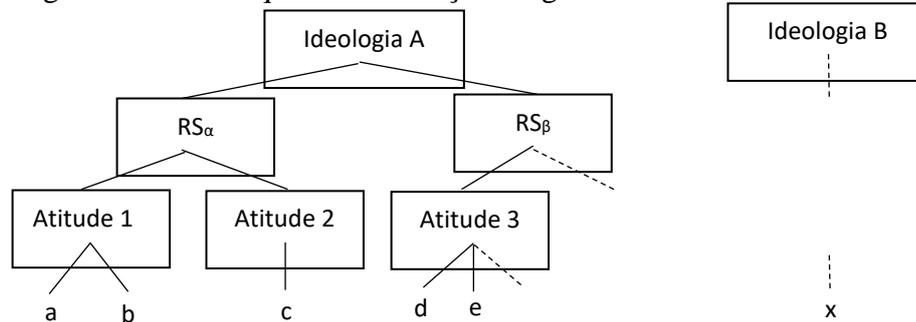
Uma vez abordados de forma independente os conceitos que remetem às diferentes formas do pensamento social, convém aqui nos aproximarmos do conceito de *arquitetura do pensamento social*, que Rouquette (1998) propôs para explicar sua dinâmica de produção. Trata-se de um modelo de quatro níveis, integrados hierarquicamente, no qual as opiniões aparecem na parte inferior, caracterizadas por ser mais instáveis e variáveis do ponto de vista

²³ *L'analogie se situe au centre de l'activité cognitive qui organise la pensée sociale. Elle peut d'abord être définie comme un procédé de généralisation des propriétés caractéristiques d'un objet X à un objet Y (...)* *L'analogie suppose donc d'abord une activité cognitive de simplification qui intervient au détriment de la complexité réelle des objets, mais que permet l'économie d'information* (Guimelli, 1999, p.77).

intra e interindividual, e as ideologias na parte superior, ao serem historicamente mais consolidadas e estáveis. O autor esquematizou esse modelo de geração cognitiva, esclarecendo que as linhas da Figura 10 deviam ser entendidas como relacionamentos de *derivação* e não apenas de inclusão:

A razão desta hierarquia é a relação lógica, geradora, que permite escalar os diferentes níveis: as atitudes permitem dar conta das opiniões; as representações, fundadoras de uma cultura ou subcultura, dão conta das atitudes; e os componentes ideológicos, ainda mais gerais e compartilhados, são os que permitem "construir" representações sociais (crenças gerais, valores, modelos epistêmicos). (Rouquette, 2009, p. 7)

Figura 10 – Hierarquia das formações cognitivas

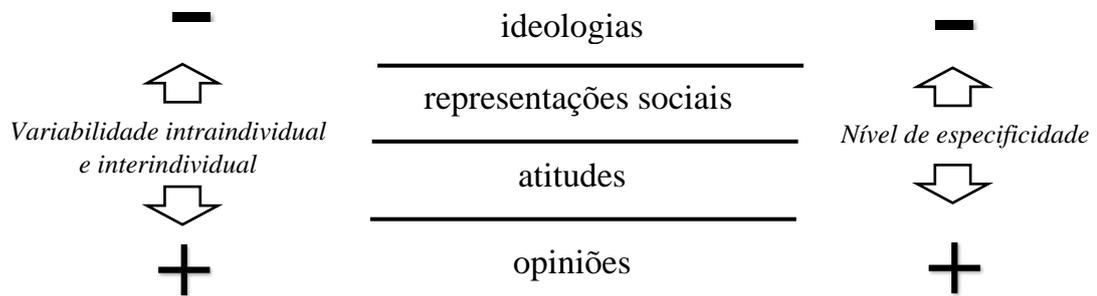


Fonte: Rouquette, 1998, p. 53

É importante frisar que a lógica da arquitetura supracitada está regida pelos princípios da *estabilidade* e da *abrangência*: ambos os princípios são entendidos como um *continuum* ou sequência, que vai da estabilidade extrema à instabilidade total —o primeiro—, e do mais geral ao mais contingente ou específico —o segundo— (Wolter, 2008; Wolter, Gurrieri & Sorribas, 2009).

A modo de exemplo ilustrativo, o *princípio de estabilidade*, como mostra a Figura 11, pode se entender fazendo referência à representação social da família e às sondagens de opinião política: enquanto a primeira é mais estável, mesmo se referindo a grupos e épocas diferentes, as segundas são mais instáveis, porque flutuam de acordo com o tempo e o contexto. O princípio de *abrangência*, por sua vez, pode ser exemplificado citando a taxa de homicídios de uma cidade qualquer e a ideologia sobre desenvolvimento sustentável do planeta: enquanto a primeira é contingente ou específica, a segunda faz alusão a um conjunto de ideias mais gerais.

Figura 11 – Arquitetura do pensamento social de Rouquette (2009)



Fonte: Elaboração do autor a partir de Rouquette (2009)

Também é importante destacar, como explicado no primeiro capítulo, que o pensamento social é, acima de tudo, uma construção que vai para além dos conteúdos que designam um objeto determinado. Esse “*para além de*” é denominado por Rouquette (1998) como *effet de champ* ou efeito de campo, isto é, um dispositivo de sociabilidade geral, que permite “a apreensão temporária ou duradoura de um objeto” (p.41). O autor explica que esse dispositivo teria três dimensões, nomeadamente, a referência a uma memória compartilhada pelos membros de um grupo, reforçada pelas instituições; uma diferenciação intergrupala, marcada pela alteridade ou posição do outro; e a diversidade de julgamentos individuais dentro do grupo.

Assim, um objeto temático está marcado por três elementos, no quadro de uma comunidade determinada: pela herança de hábitos cognitivos e valores que determinam fundamentalmente sua apreensão; pelas relações desta comunidade com outros grupos, relações nas quais o objeto pode representar um assunto diferenciador; finalmente, pela liberdade que a dita comunidade concede à expressão individual [tradução livre do autor] (Rouquette, 1998, p.44).

Nessa ordem de ideias, é possível inferir, então, que os grupos elaboram narrativas sobre objetos determinados e que essas narrativas, do ponto de vista cognitivo, remetem a um pensamento socialmente construído, que se materializa em formas, algumas mais instáveis e instantâneas e outras mais gerais e abrangentes, do ponto de vista do compartilhamento. Mas, é possível falar também em sentimento socialmente construído? Qual seria o papel do afeto, no quadro de uma mobilização coletiva e, por conseguinte, na construção de sua narrativa?

3.3 Afetos e mobilização coletiva

Ao longo da história da filosofia ocidental, o afeto tem sido alvo de interesse e de profundas discussões. Na filosofia moderna, por citarmos apenas dois exemplos concretos, Spinoza (1632-1677) referia-se ao afeto como “afecções do corpo pelas quais uma potência de

agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e *ao mesmo tempo*²⁴, as ideias dessas afecções” (Bettani, 2015). Kant (1724-1824), quase cem anos depois, associava o afeto ao sentimento, que se caracteriza por ser durável e refletido, diferentemente das paixões (o ódio, por exemplo), que ele vinculava ao desejo, e que se caracterizavam por serem tempestuosas e irrefletidas (Menezes, 2007).

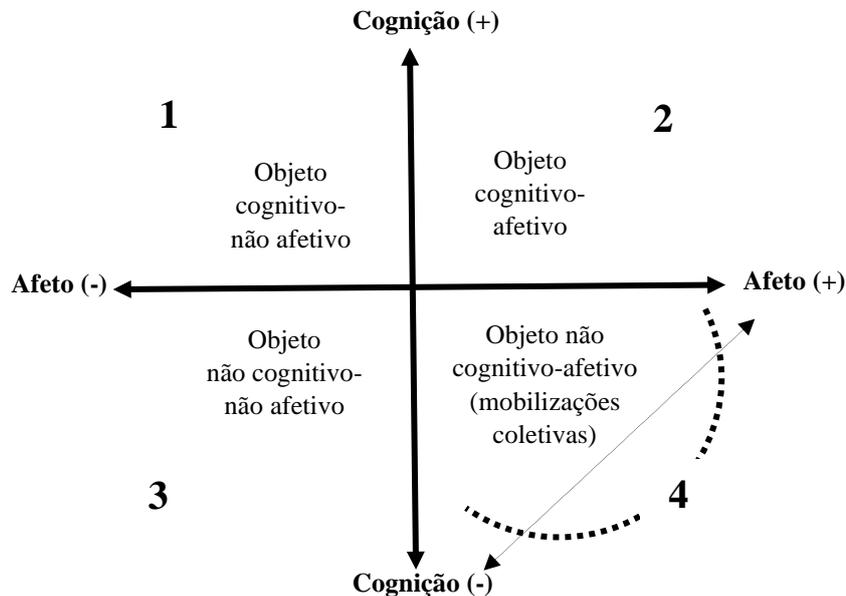
Já no quadro das mobilizações coletivas, que se utilizam da *Internet* como meio de estímulo e organização, Castells (2014) afirma que “o *big bang* de um movimento social começa quando a emoção se transforma em ação” (p. 15), fazendo alusão ao medo e ao entusiasmo como os afetos mais relevantes. Nessa linha de pensamento, pesquisas como as desenvolvidas por Marín (2013), no quadro no Movimento dos Indignados na Espanha em 2011, permitiram identificar, em um período de tempo específico, a flutuação de “cargas emocionais” nos tuítes ao redor de quatro emoções, a saber, empoderamento, indignação, medo e felicidade.

Para efeitos do presente estudo, que visa se debruçar na forma como o pensamento social se plasma nas narrativas de um ecossistema digital, em momentos de mobilização coletiva, é importante levar em consideração o enfoque proposto por Menezes (2007), que aborda o afeto como uma *experiência de tensão entre corpo, linguagem, valor e objeto*. Essa abordagem nos permite situar o afeto na tríade *Ego-Alter-Objeto* (Marková, 2006), identificando-o como um vetor, que incide na forma como um grupo pensa e interage ao redor de um objeto determinado.

No campo do pensamento social, Wolter (2009) propõe abordar um objeto a partir de duas dimensões, a saber, o conhecimento que as pessoas têm sobre ele e o afeto que mobiliza. Como mostra a Figura 12, poder-se-ia falar em quatro casos prototípicos ou extremos, nomeadamente, i) objeto cognitivo-afetivo, ii) objeto cognitivo-não afetivo, iii) objeto não cognitivo-não afetivo e iv) objeto não cognitivo-afetivo.

²⁴ Bettani (2015), no escólio da *Ética* de Baruch Spinoza, faz ênfase na expressão *et simul*, que significa “e ao mesmo tempo” para indicar a coincidência de uma afecção do corpo e a ideia dessa mesma afecção simultaneamente na mente do sujeito.

Figura 12 – Casos prototípicos de objetos a partir da antinomia cognição-afeto



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Wolter (2009)

Segundo Wolter (2009), no quadrante 1 se localizaria o conhecimento técnico, que possui uma lógica científico-racional. No quadrante 2 estariam os objetos que pressupõem um nível de conhecimento e afeto maximizados, como acontece com certas práticas agrícolas ou pesqueiras, que demandam um conhecimento elevado e representam um elemento de identidade social do grupo. No quadrante 3 estariam os objetos que não possuem relevância sociocognitiva para um grupo determinado, porque se trata de assuntos distantes, desconhecidos ou, simplesmente, corriqueiros, como a maior parte de situações da vida cotidiana. Já no quadrante 4, se localizariam os objetos que são concebidos a partir da lógica do pensamento social e atravessados pelo vetor afeto. No caso específico de uma mobilização coletiva, o fenômeno se localizaria de forma oscilante nesse quadrante inferior direito, toda vez que nele predominam uma cognição baixa e um nível de afeto alto.

3.4 Método

O estudo foi desenvolvido a partir de uma análise de conteúdo das postagens correspondentes às páginas do *Facebook* de 35 escolas/instituições ocupadas pelos estudantes da rede estadual de ensino do Rio de Janeiro, com o intuito de obtermos, por meio de um procedimento sistemático de descrição, indicadores relativos às condições de produção/recepção dessas postagens. Por outras palavras, nos enfocamos na inferência como

processo intermediário, que permite a passagem explícita e controlada entre a descrição e a interpretação (Bardin, 2011).

Foram selecionadas 22 páginas do *Facebook*, de igual número de colégios estaduais localizados na cidade do Rio de Janeiro; aliás, 11 páginas correspondentes a colégios estaduais, ocupados em 10 municípios do Estado, e mais duas páginas das ocupações da Rede FAETEC e do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ), para um total de 35 páginas de escolas ocupadas, como apresentado no Quadro 7:

Quadro 7 – Páginas do *Facebook* das escolas ocupadas selecionadas para o estudo

No	Colégio	Município - bairro	Página do <i>Facebook</i>
1	CE Chico Anysio	RJ-Andaraí	Ocupa Chico Anysio
2	CE José Leite Lopes	RJ-Andaraí	Ocupa Cejlil Nave
3	CE Bangu	RJ-Bangu	Ocupa Bangu
4	CE Paulo Freire	RJ-Cachambi	Paulo Freire em Luta
5	CE Amaro Cavalcanti	RJ-Catete	Ocupa Amaro
6	CE Prefeito Mendes de Moraes	RJ-Freguesia (Ilha)	Mendes em Luta
7	CE Reverendo Hugh Clarence Tucker	RJ-Gamboa	Ocupa CAIC Reverendo Hugh Clarence Tucker
8	CE Professor Clóvis Monteiro	RJ-Higienópolis	Clóvis em luta
9	ETE Juscelino Kubitschek	RJ-Jardim América	Ocupa JK
10	CE André Maurois	RJ-Leblon	André Maurois em luta
11	CE Compositor Luis Carlos da Vila	RJ-Manguinhos	Compositor em luta
12	ETE Oscar Tenório	RJ-Marechal Hermes	Ocupa Marechal
13	CE Visconde de Cairu	RJ-Méier	Cairu Resiste
14	CE Central do Brasil	RJ-Méier	Central na Luta
15	CE Hispano-Brasileiro João Cabral de Melo Neto	RJ-Méier	Ocupa Hispano
16	CE Gomes Freire de Andrade	RJ-Penha	Ocupa Gomes
17	CE Heitor Lira	RJ-Penha	Ocupa HL
18	CE Paulo de Frontin	RJ-Praça da Bandeira	Ocupa Paulo de Frontin
19	CE Herbert de Souza	RJ-Rio Comprido	Ocupa Herbert
20	CE Monteiro de Carvalho	RJ-Santa Teresa	Ocupa Monteiro
21	ETE Adolpho Bloch	RJ-São Cristóvão	OCUPA Adolpho
22	CE Stuart Edgar Angel Jones	RJ-Senador Camará	Ocupa Stuart
23	CIEP Brizolão 302 Charles Dickens	Angra dos Reis	Ocupa CIEP 302
24	CE Edmundo Silva	Araruama	Ocupa Edmundo Silva
25	Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert	Campos dos Goycatazes	Ocupa Isepam
26	CE Irineu Marinho	Duque de Caxias	Ocupa Irineu
27	CE Luiz Reid	Macaé	Ocupa Luiz Reid
28	CE Euclides Paulo da Silva	Maricá	Ocupa Euclides
29	CE Doutor João Néri	Mendes	Ocupa João Nery
30	CE Professor Aragão Gomes	Mendes	Ocupa Aragão
31	CIEP Brizolão 114 Maria Gavázio Martins	São João de Meriti	CIEP 114 Escola de Luta
32	ETE Bacaxá	Saquarema	Ocupa Bacaxá
33	CIEP 403 Maria de Lurdes Giovanetti	Volta Redonda	CIEP 4023 em Luta
34	Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ)	RJ-Praça da Bandeira	Ocupa ISERJ
35	Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC)	Rio de Janeiro	Ocupa FAETEC

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados das postagens (publicações específicas com um endereço URL único) foram coletados pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (LABIC), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), através do seu software *Ford*. O programa se conectou com o API (*Application Program Interface*), no intuito de conhecer as interações das 35 páginas do *Facebook* supracitadas, no período compreendido entre 21 de março —data da ocupação do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes— e 31 de julho de 2016, um mês após a Juíza de Infância e Adolescência ter determinado a volta às aulas. Ao todo, o software identificou e coletou 7.586 postagens nesse intervalo de tempo.

Uma vez identificado o ID de cada uma das 25 páginas, o software *Ford* coletou as interações de cada uma delas e gerou três tipos de arquivos com informação estatística, útil para o desenvolvimento do presente estudo: onze (11) arquivos extensão *.csv* (*Concurrent Version System*), com dados estatísticos que permitem sua importação por planilhas eletrônicas; oito (8) arquivos extensão *.gdf* (*Geos Dictionary File*), que são usados para visualizar redes e dados de nó em programas *open-source* (de código aberto) como o *Gephi 0.9.1*; e três (3) arquivos de texto extensão *.txt*.

No entanto, o arquivo mais útil, que nos permitiu definir o critério de escolha das postagens a serem analisadas, foi o *dataset.csv*, que podemos definir como um arquivo-tronco, porque contém o conjunto de dados estatísticos correspondentes às 7.586 postagens, tais como o IP (*Internet Protocol*) e nome de cada página, o emissor e reproduzidor da postagem, o conteúdo textual da mesma (se houver) com sua respectiva data de publicação, e os quantitativos de curtidas, comentários, compartilhamentos e reações emocionais de cada postagem.

Tendo em vista que se tratava de um volume muito alto de postagens, com formatos muito diferentes (continha textos de duas linhas até vídeos amadores de meia hora de duração), optamos por definir um critério de escolha, que facilitasse a análise de conteúdo proposta, nos utilizando dos dados do arquivo-tronco supracitado. Decidimos nos concentrarmos, então, nos elementos que fazem parte da taxa de engajamento²⁵ de uma postagem, a saber, o número de compartilhamentos (*shares*), o número de curtidas (*likes*) e o número de comentários (*comments*).

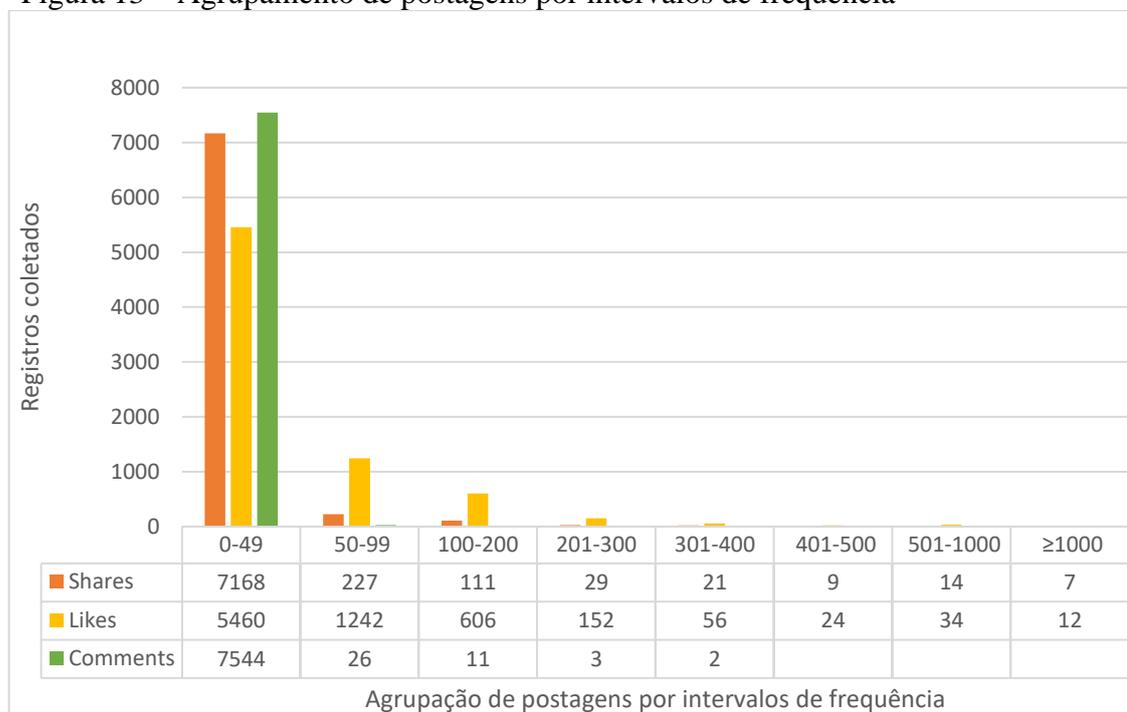
Finalmente, o critério estabelecido foi: *número de postagens compartilhadas acima de 100 vezes, mais número de postagens curtidas acima de 300 vezes, mais número de postagens comentadas acima de 50 vezes*. Dado que era possível que uma postagem fosse escolhida em

²⁵ No jargão das redes sociais, denomina-se *engajamento* a soma de curtidas mais comentários de uma postagem; e *taxa de engajamento* a soma de curtidas, comentários e compartilhamentos de cada postagem, dividida pela quantidade de seguidores da página e multiplicada por 100%.

mais de uma ocasião ao ser, por exemplo, compartilhada acima de 100 vezes e curtida acima de 300, se fez um cruzamento, para determinar o total das postagens a serem submetidas à análise de conteúdo, como mostra a Figura 13.

Ao todo, foram escolhidas 250 postagens, equivalentes a 3,3% da amostra (7.586 postagens), o que consideramos representativo, tendo em vista que o critério foi estabelecido a partir dos valores que definem o *maior número de interações*, aspecto fundamental ao tentarmos identificar as condições de produção/reprodução das diferentes formas do pensamento social partilhado por um grupo determinado.

Figura 13 – Agrupamento de postagens por intervalos de frequência



Fonte: Dados da pesquisa

O estudo foi desenvolvido conforme as três fases tradicionais de uma análise de conteúdo (Bardin, 2011); isto é, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na primeira fase —pré-análise— foi realizada uma ‘leitura flutuante’ do conteúdo correspondente às 250 postagens, o que permitiu classificá-las em sete (7) tipologias: *texto simples*, *artigo de imprensa*, *fotografia*, *vídeo editado*, *vídeo espontâneo*, *cartaz* e *gif*.

Após termos codificado cada postagem, segundo a tipologia à que pertencia, transcrevemos o conteúdo de cada uma delas e realizamos o recorte do corpus, isto é, a segmentação em unidades de registro temáticas ou *lexias*. Para efeitos do presente estudo, definimos *lexia* como uma unidade de leitura que compreende ora alguns termos, ora algumas

frases, e que pode se considerar “o melhor espaço possível em que se podem observar os sentidos” (Mucci, 2006, p.221).

Uma vez preparadas no *Excel* as 4294 unidades de registro ou *lexias*, separadas por tipo de postagem, aplicamos um filtro, que denominamos *tríplice critério da fonte empírica*, isto é, a diferenciação da unidade de registro segundo suas condições de produção dentro do corpus definido, como mostrado na Tabela 3: conteúdo *escrito* (CE), conteúdo *falado* (CF) e conteúdo *imagético* (CI).

Tabela 3 – Unidades de registro segundo tríplice critério da fonte empírica

No.	Tipo de postagem	Quantidade	Unidades de registro (lexias) segundo fonte empírica		
			Escritas	Faladas	Imagéticas
1	Texto	34	537	0	2
2	Texto com artigo	7	217	0	2
3	Texto com fotografia (s)	123	874	0	429
4	Texto com vídeo espontâneo	34	140	543	142
5	Texto com vídeo editado	17	290	584	158
6	Texto com cartaz	14	202	0	13
7	Texto com <i>gif</i>	21	89	0	72
TOTAL		250	2349	1127	818

Fonte: Dados da pesquisa

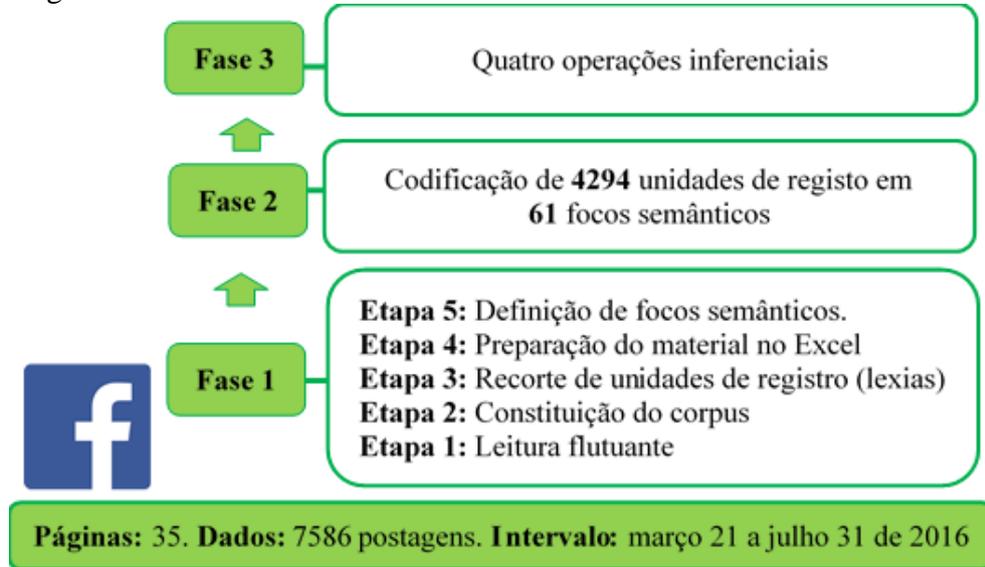
Já na segunda fase da análise —a preparação—, realizamos um processo de organização ou classificação analógica progressiva das unidades de registro em *focos semânticos*, isto é, em núcleos maiores de sentido; ao todo, identificamos 61 focos temáticos ou subcategorias. Por fim, na fase 3 ou de tratamento dos resultados, realizamos o agrupamento dos focos semânticos em seis grandes categorias, o que permitiu o desenvolvimento das seguintes quatro operações inferenciais:

- a) *Categorização dos focos semânticos*, levando em consideração o tipo de postagem (texto simples, artigo, vídeo editado, vídeo espontâneo, cartaz e *gif*) e o critério da fonte empírica de produção (escrita, falada ou imagética).
- b) *Identificação dos focos semânticos com maior frequência*, de acordo com as seis grandes categorias, o tipo de postagem e o critério da fonte empírica de produção.
- c) *Análise global comparativo* das postagens, integrando fontes empíricas de produção (escrita, falada e imagética) nas seis grandes categorias.
- d) *Análise global* de postagens com maiores valores de *compartilhamento e engajamento* (soma de curtidas e comentários).

A Figura 14 apresenta, de forma resumida, as três fases da análise de conteúdo percorridas a partir da coleta de dados, realizada com o apoio do Laboratório de Estudos sobre

Imagem e Cibercultura (LABIC), frisando as cinco etapas correspondentes à fase de pré-análise, o quantitativo de codificação relacionado à segunda fase ou de exploração material do conteúdo, e o número de operações inferenciais desenvolvidas na fase 3 de interpretação:

Figura 14 – Fases da análise de conteúdo desenvolvida



Fonte: Dados da pesquisa

3.5 Resultados

3.5.1 Análise de conteúdo por tipologia e fonte empírica

As operações inferenciais, próprias da fase 3 ou de interpretação dos resultados, foram desenvolvidas a partir do agrupamento dos 61 focos semânticos ou subcategorias em seis categorias maiores, mais abrangentes do ponto de vista interpretativo, como explicado a seguir:

Figura 15 – Categorias definidas para a análise inferencial



Fonte: Dados da pesquisa

- a) *Posição político-ideológica.* Agrupou os focos semânticos relacionados à ocupação como um fenômeno decorrente das condições de precariedade do

ensino no Rio de Janeiro; nessa ordem de ideias, aglutinou as críticas aos atores institucionais responsáveis por esse descaso e visibilizou a pluralidade de vozes de pessoas —especialmente artistas e políticos— e organizações, que legitimaram o objetivo do movimento de ocupação, isto é, a reivindicação do direito a uma educação de qualidade.

- b) *Pauta do movimento*. Concentrou os focos semânticos relacionados às reivindicações dos estudantes, assim como situações concretas que tanto a Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) como a direção das escolas deviam resolver.
- c) *Desenvolvimento da ação direta*. Aglutinou os focos semânticos que remetiam à operacionalização da ação direta do ponto de vista da sua organização, dentro e fora das escolas, e durante a ocupação temporária da SEEDUC, acontecida em 5 de maio de 2016, quase um mês e meio após a primeira escola ter iniciado o movimento de protesto.
- d) *Rede social como plataforma de denúncia*. Concentrou os focos semânticos que giraram ao redor da denúncia pública, entendida como estratégia de visibilização de situações anômalas dentro das instituições educativas, assim como das ações do movimento de desocupação das escolas.
- e) *Narrativa grupal da ocupação*. Obedeceu à necessidade de aglutinar os focos semânticos relacionados à forma como os estudantes, do seu ponto de vista, construíam os seus próprios relatos sobre a ação direta de ocupação que estava-se desenvolvendo.
- f) *Efeitos da ocupação*. Concentrou-se nos resultados práticos da ocupação, do ponto de vista jurídico, administrativo e pedagógico, levando em consideração a posição oficial e as decisões da Secretaria Estadual de Educação (SEEDUC) ao longo do desenvolvimento da ação de ocupação.

Após termos abordado o conteúdo geral de cada uma das seis categorias ou eixos da análise, vamos nos focar nos resultados das quatro operações inferenciais. A primeira delas visou categorizar as 4.294 unidades de registro, agrupadas nos 61 focos semânticos, segundo o tipo de postagem e o critério de fonte empírica de produção. Por outras palavras, nós fizemos questão de identificar as frequências com que aparecia cada categoria no conteúdo escrito, falado ou imagético das postagens, como mostrado na Tabela 4:

Tabela 4 – Unidades de registro segundo categoria / tipologia de postagem

Categoria / Tipologia de postagem	Texto simples	Artigo	Foto	Vídeo espontâneo	Vídeo editado	Cartaz	Gif	Total UR
Posição político-ideológica	96	24	200	80	194	38	21	653
Pauta do movimento	41	29	22	11	33	45	0	181
Desenvolvimento da ação direta	68	23	330	160	186	13	51	831
Rede social como plataforma de denúncia	120	22	291	246	236	51	0	966
Narrativa grupal da ocupação	157	51	395	249	278	68	89	1287
Efeitos da ocupação	57	70	65	79	105	0	0	376
Frequência unidades de registro (UR)	539	219	1303	825	1032	215	161	4294

Fonte: Dados da pesquisa

3.5.1.1 Tipologia 1 – Texto simples

Como evidenciado na Tabela 5 (vide asteriscos ao lado das frequências das unidades de registro), os focos semânticos mais importantes do texto simples como tipologia de postagem se organizaram, principalmente, em torno das categorias *Narrativa grupal da ocupação* e *Rede social como plataforma de denúncia*, o que permitiu inferir que a palavra escrita, em um entorno de fluxo multimídia como o analisado, joga um papel complementar ao vídeo e à fotografia na formação de mensagens ligadas à denúncia e à construção de autorrelatos.

Tabela 5 – Concentração de focos semânticos na tipologia *texto*

Categoria	Foco semântico	Texto Escrito
4. Rede social como plataforma de denúncia	Desleixo da infraestrutura física	0
	Irregularidades administrativas da direção das escolas	4
	Indignação com a direção das escolas	4
	Ataques do grupo pró-desocupação	21*
	Indignação com a resposta das instituições públicas	45*
	Aparente conluio desocupas-aparelho institucional	0
	Repressão aos estudantes	20*
	Esclarecimento informação distorcida	25*
	Difusão de rumores	1
	Críticas aos apoiadores da desocupação	0
	Total unidades de registro categoria 4	120
5. Narrativa grupal da ocupação	Ocupação como forma justa de pressão	25*
	Atitude desafiadora perante o governo	13
	Ocupação como conquista coletiva	29*
	Expectativas de mudança	5
	Visibilização midiática da ocupação	2
	Facebook como canal de comunicação não mediada	13
	Hashtag como apelo à adesão	38*
	Sentido de pertencimento à escola	1
	Ocupação vista através do afeto	18
	Adesão a palavras de ordem	11
Total unidades de registro categoria 5	155	

* Focos semânticos com frequências mais expressivas para efeitos da análise. Fonte: Dados da pesquisa

Ora, no que diz respeito ao texto como tipologia analisada, é importante destacar que foi, junto ao cartaz e o artigo, o formato no qual apareceu mais evidente a pauta do movimento de ocupação, quer dizer, o aspecto mais lógico-racional dele como ação direta, como mostrado na Tabela 6.

Tabela 6 – Pauta do movimento presente nas tipologias *texto*, *cartaz* e *artigo*

Categoria	Focos semânticos	Texto	Cartaz	Artigo
		Escrito	Escrito	Escrito
2. Pauta do movimento	Exigência de diálogo	10*	5	3
	Melhoramento da alimentação	1	2	1
	Melhoramento da infraestrutura	3	14*	0
	Gestão democrática da vida escolar	6*	4	3
	Aumento aulas sociologia-filosofia	2	2	1
	Fim da terceirização	0	1	0
	Fim do Saerj/Saerjinho	2	3	8*
	Liberação do RioCard	2	2	5*
	Fim do currículo mínimo	3	0	1
	Fim da superlotação das salas de aula	3	1	1
	Organização do grêmio estudantil	1	3	2
	Contratação de funcionários	3	7*	3
	Liberdade para uso de espaços escolares	5	1	1
	Total unidades de registro categoria 2	41	45	29

* Focos semânticos com frequências mais expressivas para efeitos da análise. Fonte: Dados da pesquisa

3.5.1.2 Tipologia 2 - Artigo jornalístico

Ao analisarmos as categorias com maior frequência deste tipo de postagem, isto é, *Efeitos da ocupação* e *Narrativa grupal da ocupação*, podemos inferir que, dentro da pluralidade de narrativas que propicia uma rede de fluxos multimídia, o formato da matéria jornalística desempenha ainda uma dupla função: i) tenta criar uma narrativa global do fato — cerne do exercício jornalístico —, apelando às distintas fontes da informação, com o intuito de apreender os sentidos/interpretações que os atores lhe conferem a esse fato; e ii) pode ser usado como legitimador de uma ação, dessa vez, a ocupação das escolas. Ao nos determos nos focos semânticos com maior impacto no resultado, evidenciamos que a posição oficial da SEEDUC é o mais frequente, o que permite inferir, de acordo com os dados da amostra, que não houve um equilíbrio de vozes, e que a imprensa corporativa escrita privilegiou a posição oficial do Estado.

No caso da SEEDUC, chama poderosamente a atenção que, no universo das 250 postagens selecionadas para aplicar a análise de conteúdo, a voz da Secretaria de Educação só apareça nos artigos da imprensa escrita e em mais três vídeos espontâneos; caso ela (sua voz) haja estado presente nas postagens não selecionadas, fato que escapa ao alcance do presente

estudo, é evidente que não teve o engajamento e os compartilhamentos suficientes para se posicionar dentro da rede de comunicação, criada pelo movimento de ocupação, o que denota uma participação reativa, como de fato ela foi, face à capacidade de interação virtual constante gerada pelas páginas das escolas ocupadas.

No que tange ao papel legitimador da imprensa escrita, é importante frisar a importância dos focos semânticos da ocupação, como conquista coletiva e a visibilização midiática da ocupação, que apareceram com maior frequência no âmbito da categoria *Narrativa grupal da ocupação*. Os estudantes, ao construir uma narrativa do movimento de ocupação, largamente difundida em todos os tipos de postagens, também se utilizaram das matérias da imprensa corporativa como legitimadoras das ações que realizavam, o que pôde ser conferido em unidades de registro como as seguintes:

[A_1: *EXTRA* noticiou sobre as ocupações desta segunda]; [A_79: *Aparição de uma de nossas reivindicações no Jornal O Dia*] e [A_127: *São estas notícias que nos fazem perceber o quanto está valendo a pena nossa luta!*]. (unidades de registro correspondentes à tipologia *Artigo*).

Tabela 7 – Concentração de focos semânticos na tipologia *artigo*

Categoria	Foco semântico	Artigo Escrito
5. Narrativa grupal da ocupação	Ocupação como forma justa de pressão	2
	Atitude desafiadora perante o governo	2
	Ocupação como conquista coletiva	28*
	Expectativas de mudança	0
	Visibilização midiática da ocupação	11*
	Facebook como canal de comunicação não mediada	2
	Hashtag como apelo à adesão	3
	Sentido de pertencimento à escola	0
	Ocupação vista através do afeto	2
	Adesão a palavras de ordem	0
	Total unidades de registro categoria 5	50
6. Efeitos da ocupação	Decisões jurídicas	8
	Posição oficial/decisões da SEEDUC	46*
	Resultados da ocupação	10
	Aprendizados da ocupação	0
	Fiscalização dos acordos	0
	Perda do ano letivo	0
	Exoneração de diretor da escola	0
	Atitude propositiva de melhoramento institucional	6
	Total de unidades de registro categoria 6	70

* Focos semânticos com frequências mais expressivas para efeitos da análise. Fonte: Dados da pesquisa

3.5.1.3 Tipologia 3 - Fotografia

Ao analisarmos a tipologia fotografia, no quadro da coleta realizada, é importante destacar que se trata de uma postagem híbrida do ponto de vista da fonte empírica de produção, isto é, estamos fazendo referência a imagens quase sempre acompanhadas de um texto, que

geralmente conota a intencionalidade da publicação; dito seja de passagem, das 123 postagens analisadas, que continham 396 fotografias, apenas uma delas, identificada como *Foto_110*, foi publicada sem texto. Eis a razão pela qual fez-se necessário abordarmos operações inferenciais separadas, de modo a não misturarmos o critério de fonte empírica do escrito (E) e do imagético (I).

No que diz respeito ao que foi comunicado por escrito (E) nas fotografias, como se evidencia na Tabela 8, a categoria *Narrativa grupal da ocupação* teve maior relevância, devido, especialmente, às frequências dos focos semânticos relacionados à *hashtag* como apelo à adesão, a ocupação como conquista e a utilização reiterada de palavras de ordem, o que nos levou a inferir que as fotografias foram publicadas, não só com o propósito de informar, mas com a intencionalidade expressa de induzir à ação.

Tabela 8 – Concentração de focos semânticos na tipologia *fotografia*

Categoria	Foco semântico	Fotografia	
		Escrito	Imagético
3. Desenvolvimento da ação direta	Apelo das escolas à sociedade	16	0
	Organização interna da ocupação	12	13
	Engajamento com o cuidado das escolas	29*	85*
	Engajamento dos pais no movimento	1	3
	Ações organizadas dentro das escolas	11	37
	Ações realizadas além-muros da escola	7	24
	Ocupação da SEEDUC	10	19
	Sinais de protesto no espaço físico/corporal	4	21
	Criação de rede solidária das escolas	19	3
	Expressões de gratidão das escolas	15	1
	Tensão cara a cara SEEDUC-movimento	0	0
	Total unidades de registro categoria 3	124	206
	4. Rede social como plataforma de denúncia	Desleixo da infraestrutura física	0
Irregularidades administrativas da direção das escolas		25*	40*
Indignação com a direção das escolas		12	0
Ataques do grupo pró-desocupação		24*	57*
Indignação com a resposta das instituições públicas		33*	1
Aparente conluio desocupas-aparelho institucional		16	0
Repressão aos estudantes		23	17
Esclarecimento informação distorcida		12	0
Difusão de rumores		3	2
Críticas aos apoiadores da desocupação		16	1
Total unidades de registro categoria 4		164	127
5. Narrativa grupal da ocupação	Ocupação como forma justa de pressão	25	1
	Atitude desafiadora perante o governo	17	10
	Ocupação como conquista coletiva	48*	9
	Expectativas de mudança	3	0
	Visibilização midiática da ocupação	0	0
	Facebook como canal de comunicação não mediada	18	1
	Hashtag como apelo à adesão	162*	0
	Sentido de pertencimento à escola	15	0
	Ocupação vista através do afeto	31	9
	Adesão a palavras de ordem	46*	0
Total unidades de registro categoria 5	365	30	

* Focos semânticos com frequências mais expressivas para efeitos da análise. Fonte: Dados da pesquisa

Tendo em vista que o uso de uma *hashtag* por parte de quem publica denota o propósito de gerar uma difusão maior em uma rede, essa parece ter sido a finalidade dos textos que acompanhavam as fotografias postadas: que mais pessoas, ao conhecerem fatos específicos ilustrados nas fotografias, além de compartilharem o conteúdo, assumissem uma atitude de adesão ao movimento ou de rejeição a situações concretas. Esta inferência se suporta ao levarmos em consideração, também, a segunda categoria com maior frequência de unidades de registro (*Rede social como plataforma de denúncia*), na qual jogaram um papel fundamental conteúdos emocionais relacionados à indignação com a resposta das instituições públicas, irregularidades administrativas da direção das escolas e ataques do grupo pró-desocupação.

Do ponto de vista do conteúdo imagético, é importante destacar dois focos semânticos, correspondentes às categorias *Desenvolvimento da ação direta* e *Rede social como plataforma de denúncia* (vide Tabela 8), que obtiveram as maiores frequências dentro da tipologia fotografia. O primeiro foco tem a ver com o cuidado das escolas, isto é, as imagens que registravam a forma como os estudantes se organizaram, no intuito de cuidar da infraestrutura das suas escolas durante a ocupação, o que ia à contramão da narrativa da “invasão”, espalhada pelas pessoas contrárias à ocupação. Ter difundido este tipo de conteúdo, unido às *hashtags* acima citadas, fez com que se disseminasse uma outra imagem, contrária à apresentada pelos opositores e não reforçada pela imprensa escrita corporativa, isto é, a imagem dos estudantes com um profundo sentido de pertencimento pelas suas instituições educativas.

Figura 16 – Postagem com maior engajamento nas ocupações do Rio



Fonte: Página do Facebook do então candidato Marcelo Freixo.

No quadro desse foco semântico, vale a pena destacar que a postagem com maior engajamento, isto é, com maior número de curtidas e comentários, foi a *Foto_58*, correspondente a um mutirão que fizeram os alunos do Colégio Visconde de Cairu, no Méier, para recuperar o pátio da escola, que foi logo difundida no *Facebook* do então candidato a prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Freixo: dita postagem foi compartilhada 973 vezes e teve 4.362 curtidas e 131 comentários.

O segundo aspecto a ser frisado é o relacionado aos ataques do grupo pró-desocupação, cuja importância está dada não só pela frequência das unidades de registro dentro da categoria de análise, isto é, a *Rede social como plataforma de denúncia*, mas também pelo valor absoluto dos compartilhamentos, das curtidas e dos comentários.

3.5.1.4 Tipologias 4 e 5 - Vídeos espontâneos e vídeos editados

Ao abordarmos a fotografia como tipologia, fizemos ênfase na importância de diferenciar o conteúdo segundo o critério da fonte empírica de produção, isto é, o escrito (E) do imagético (M). Para o caso do vídeo, acontece algo similar, mas acrescenta-se mais outra fonte: o falado (F). Trata-se, sem dúvida, de um formato mais completo do ponto de vista das dimensões comunicacionais da mensagem emitida.

Somado a isso, na amostragem encontramos tanto vídeos espontâneos como editados, o que fez com que tivéssemos que realizar uma análise categorial diferenciada para cada tipologia, tendo em vista a especificidade das condições de produção: enquanto o vídeo editado obedece a um planejamento tanto discursivo como audiovisual (estruturação narrativa da mensagem, enquadramentos, tipos de planos, musicalização), o vídeo espontâneo é um formato que se limita à gravação não planejada de um fato, se utilizando de um aparelho celular. Resultou particularmente demonstrativo, para efeitos do presente estudo, realizar as operações inferenciais partindo da comparação de ambos os formatos, levando em consideração as fontes empíricas de produção para cada uma das seis categorias, como evidenciado na Tabela 9.

Posição político-ideológica. Na tipologia de vídeo editado predominam, no que tem a ver com a fonte empírica falada (F), os focos semânticos relacionados às críticas ao governo, o envolvimento de organizações de estudantes secundaristas, que apadrinharam o movimento de ocupação (a Associação Nacional dos Estudantes Livres-ANEL, por exemplo), e as alusões à greve dos docentes, que foi o contexto no qual foi desenvolvida a ação direta. Na tipologia de vídeo espontâneo, nesse mesmo campo de produção (o falado), embora apareça a crítica ao governo como o foco semântico mais preponderante, se destacam, em segundo lugar, os vídeos

gravados por apoiadores do movimento, especialmente artistas, que contribuíram para a legitimação do discurso de luta dos estudantes.

Pauta do movimento. Como fizemos alusão ao nos aproximarmos do texto como tipologia, o formato audiovisual não é o escolhido pelos estudantes para apresentarem suas reivindicações. Como mostrado na Tabela 9, não existem focos de concentração semântica, exceto a exigência de diálogo, que apenas se destaca na tipologia de vídeo espontâneo.

Desenvolvimento da ação direta. A inferência mais importante desta categoria, se comparadas ambas as tipologias (vídeo editado vs. vídeo espontâneo), é a importância que tem o foco semântico relacionado à organização interna da ocupação no vídeo editado, tanto do ponto de vista escrito (E) como falado (F), o que evidencia o interesse do movimento em mostrar que se trata de uma ação planejada de resistência civil, condizente com um modelo específico comum a todas as escolas. No entanto, o foco semântico mais importante do vídeo espontâneo não é a organização interna da ocupação, mas a tensão entre a SEEDUC e os estudantes, caracterizada pela troca de farpas e, por vezes, xingamentos por parte dos estudantes, o que pode ser interpretado como conteúdo reativo e emocional, próprio do acaloramento das discussões.

Rede social como plataforma de denúncia. No que diz respeito ao material escrito (E) e falado (F) dos vídeos editados, evidenciou-se a concentração das unidades de registro no foco semântico das irregularidades administrativas, relacionadas à direção das escolas, o qual faz sentido ao levarmos em consideração algumas pautas do movimento que têm a ver com melhoramento da alimentação e infraestrutura das escolas; o vídeo editado torna-se ferramenta para denunciar o desleixo das estruturas físicas e para questionar as decisões administrativas. O vídeo espontâneo, por sua vez, se concentra em mostrar as ações de depredação das escolas por parte dos grupos que buscavam a desocupação, apresentando um “cenário de guerra civil”.

Narrativa grupal da ocupação. Ao fazermos a comparação do conteúdo escrito (E) em ambas as tipologias (vídeo editado e vídeo espontâneo), podemos inferir a preponderância que a *hashtag* adquire, não apenas como elemento de informação, mas também de multiplicação dos conteúdos publicados, como aconteceu na análise que fizemos da fotografia como tipologia. No entanto, o fato mais importante, no que diz respeito à categoria audiovisual, é a concentração do foco semântico de maior frequência nos conteúdos de natureza falada (F): enquanto o vídeo editado o fez na construção do relato relacionado à ocupação como conquista coletiva, o vídeo espontâneo girou em torno da repetição de palavras de ordem, tais como *Ocupa tudo, A luta continua, Ocupar, resistir, lutar pra garantir, etc.*

Efeitos da ocupação. Nesta categoria predominaram os conteúdos de natureza oral (F). Enquanto os vídeos editados privilegiaram os focos semânticos relacionados aos aprendizados obtidos a partir da ação direta da ocupação e às propostas associadas ao melhoramento das instituições educativas, os vídeos espontâneos, por sua vez, concentraram-se em assuntos pragmáticos, que surgiam das falas dos funcionários da Secretaria de Educação, anunciando resultados concretos relacionados às reivindicações das escolas ocupadas.

Tabela 9 – Concentração de focos semânticos tipologias vídeo editado e vídeo espontâneo

Categoria	Focos semânticos	Vídeo editado			Vídeo espontâneo		
		E	F	I	E	F	I
1. Posição político-ideológica	Apoio de artistas/personagens	0	0	0	2	17*	7
	Apoio de instituições/organizações	3	3	0	0	0	2
	Apoio de líderes políticos	0	0	0	0	0	0
	Crítica ao poder	12	17	0	1	0	1
	Crítica ao governo	11	53*	0	2	24*	2
	Educação como direito	6	20	0	2	8	0
	Greve de professores/funcionários	6	29*	0	0	7	0
	Rejeição às Olimpíadas	0	1	0	0	0	0
	Envolvimento organizações secundaristas	2	31*	0	1	4	0
	Total unidades de registro categoria 1	40	154	0	8	60	12
2. Pauta do movimento	Exigência de diálogo	1	5	0	0	11*	0
	Melhoramento da alimentação	1	3	0	0	0	0
	Melhoramento da infraestrutura	2	3	0	0	0	0
	Gestão democrática da vida escolar	3	3	0	0	0	0
	Aumento aulas sociologia-filosofia	1	0	0	0	0	0
	Fim da terceirização	0	0	0	0	0	0
	Fim do Saerj/Saerjinho	0	0	0	0	0	0
	Liberação do RioCard	0	1	0	0	0	0
	Fim do currículo mínimo	0	0	0	0	0	0
	Fim da superlotação das salas de aula	0	1	0	0	0	0
	Organização do grêmio estudantil	1	3	0	0	0	0
	Contratação de funcionários	0	4	0	0	0	0
	Liberdade para uso de espaços escolares	0	1	0	0	0	0
	Total unidades de registro categoria 2	9	24	0	0	11	0
	3. Desenvolvimento da ação direta	Apelo das escolas à sociedade	7	6	0	4	7
Organização interna da ocupação		10	28*	23*	4	5	6
Engajamento com o cuidado das escolas		1	5	5	0	1	0
Engajamento dos pais no movimento		0	3	0	0	2	0
Ações organizadas dentro das escolas		6	5	4	1	4	1
Ações realizadas além-muros da escola		2	14	20*	0	0	1
Ocupação da SEEDUC		0	1	0	2	1	3
Sinais de protesto no espaço físico/corporal		2	0	21*	0	0	10
Criação de rede solidária das escolas		0	20*	0	0	13	0
Expressões de gratidão das escolas		2	1	0	1	2	0
Tensão cara a cara SEEDUC-movimento		0	0	0	1	78*	12
Total unidades de registro categoria 3		30	83	73	13	113	34
4. Rede social como plataforma de denúncia	Desleixo da infraestrutura física	0	17	8	1	10	2
	Irregularidades administrativas escolas	13	43*	11	0	2	0
	Indignação com a direção das escolas	5	13	6	0	1	0
	Ataques do grupo pró-desocupação	14	10	19	33*	62*	50*
	Indignação com resposta instituições públicas	1	22*	1	0	19	3
	Conluio desocupas-aparelho institucional	7	1	0	0	4	0

Tabela 9 – Concentração de focos semânticos tipologias vídeo editado e vídeo espontâneo

Categoria	Focos semânticos	Vídeo editado			Vídeo espontâneo			
		E	F	I	E	F	I	
	Repressão aos estudantes	1	6	1	4	21	0	
	Esclarecimento informação distorcida	1	13	0	0	0	0	
	Difusão de rumores	1	8	0	3	6	0	
	Críticas aos apoiadores da desocupação	6	8	0	9	15	1	
	Total unidades de registro categoria 4	49	141	46	50	140	56	
	5. Narrativa grupal da ocupação	Ocupação como forma justa de pressão	11	0	2	0	6	0
		Atitude desafiadora perante o governo	1	4	0	2	28	8
		Ocupação como conquista coletiva	16	32*	4	7	18	9
		Expectativas de mudança	0	0	0	0	5	0
		Visibilização midiática da ocupação	15	5	20	0	2	4
Facebook canal de comunicação não mediada		18	11	6	6	8	13	
Hashtag como apelo à adesão		47*	2	1	42*	0	0	
Sentido de pertencimento à escola		5	6	1	1	2	0	
Ocupação vista através do afeto		7	22	1	0	14	2	
Adesão a palavras de ordem		12	27*	2	7	65*	0	
Total unidades de registro categoria 5	132	109	37	65	148	36		
6. Efeitos da ocupação	Decisões jurídicas	0	0	0	0	3	1	
	Posição oficial/decisões da SEEDUC	0	2	0	1	35*	2	
	Resultados da ocupação	10	3	0	0	14	0	
	Aprendizados da ocupação	5	31*	1	0	0	0	
	Fiscalização dos acordos	1	1	0	0	10	0	
	Perda do ano letivo	0	3	0	1	4	0	
	Exoneração de diretor da escola	0	0	0	2	5	1	
	Atitude melhoramento institucional	14	33*	1	0	0	0	
Total unidades de registro categoria 6	30	73	2	4	71	4		

* Focos semânticos com frequências mais expressivas para efeitos da análise. Nota: (E) = escrito; (F) = falado; (I) = imagético. Fonte: Dados da pesquisa

3.5.1.5 Tipologias 6 e 7 - Cartazes e gifs

Comparados às outras cinco tipologias, os cartazes (imagens fixas com conteúdos escritos e imagéticos) e os *gifs*²⁶ (imagens que, ao serem justapostas, geram a sensação de movimento ou animação), ocuparam uma posição marginal no contexto da amostra, ao se tratar apenas de 14 postagens correspondentes à primeira tipologia e quatro à segunda. Do ponto de vista da análise categorial, como conteúdo escrito, no cartaz predominaram as referências a focos semânticos relacionados à *Narrativa grupal da ocupação*, especialmente no que diz respeito à promoção das *hashtags* da ocupação, a expressões de afeto e à ocupação como uma forma justa de pressão. Do mesmo modo, e ao ser um formato que privilegia o texto sobre a imagem, sem desconectá-la do contexto da mensagem, nota-se a ênfase em núcleos semânticos relativos às denúncias dos ataques dos grupos pró-desocupação, e a quase todas as pautas do movimento, especialmente as relativas ao melhoramento da infraestrutura das escolas.

²⁶ *Graphics Interchange Format*

Tabela 10 – Concentração de focos semânticos nas tipologias cartaz e gif

Categoria	Foco semântico	Cartaz		Gif	
		E	I	E	I
1. Posição político-ideológica	Apoio de artistas/personagens	4	1	0	0
	Apoio de instituições/organizações	0	0	0	0
	Apoio de líderes políticos	0	0	0	0
	Crítica ao poder	10*	2	2	3
	Crítica ao governo	1	1	6	0
	Educação como direito	7	0	4	0
	Greve de professores/funcionários	7	1	2	3
	Rejeição às Olimpíadas	0	0	0	0
	Envolvimento organizações secundaristas	4	0	1	0
	Total unidades de registro categoria 1	33	5	15	6
2. Pauta do movimento	Exigência de diálogo	5*	0	0	0
	Melhoramento da alimentação	2*	0	0	0
	Melhoramento da infraestrutura	14*	0	0	0
	Gestão democrática da vida escolar	4*	0	0	0
	Aumento aulas sociologia-filosofia	2*	0	0	0
	Fim da terceirização	1*	0	0	0
	Fim do Saerj/Saerjinho	3*	0	0	0
	Liberação do RioCard	2*	0	0	0
	Fim do currículo mínimo	0	0	0	0
	Fim da superlotação das salas de aula	1*	0	0	0
	Organização do grêmio estudantil	3*	0	0	0
	Contratação de funcionários	7*	0	0	0
	Liberdade para uso de espaços escolares	1*	0	0	0
	Total unidades de registro categoria 2	45	0	0	0
3. Desenvolvimento da ação direta	Apelo das escolas à sociedade	5	0	0	0
	Organização interna da ocupação	3	0	0	8
	Engajamento com o cuidado das escolas	0	0	0	2
	Engajamento dos pais no movimento	0	0	0	0
	Ações organizadas dentro das escolas	0	0	0	0
	Ações realizadas além-muros da escola	0	0	3	12
	Ocupação da SEEDUC	1	0	0	0
	Sinais de protesto no espaço físico/corporal	0	1	0	17*
	Criação de rede solidária das escolas	3	0	6	3
	Expressões de gratidão das escolas	0	0	0	0
	Tensão cara a cara SEEDUC-movimento	0	0	0	0
Total unidades de registro categoria 3	12	1	9	42	
4. Rede social como plataforma de denúncia	Desleixo da infraestrutura física	1	0	0	0
	Irregularidades administrativas escolas	9	0	0	0
	Indignação com a direção das escolas	1	0	0	0
	Ataques do grupo pró-desocupação	19*	1	0	0
	Indignação com resposta instituições públicas	6	0	0	0
	Conluio desocupas-aparelho institucional	3	1	0	0
	Repressão aos estudantes	1	0	0	0
	Esclarecimento informação distorcida	3	0	0	0
	Difusão de rumores	2	0	0	0
	Críticas aos apoiadores da desocupação	2	2	0	0
Total unidades de registro categoria 4	47	4	0	0	
5. Narrativa grupal da ocupação	Ocupação como forma justa de pressão	12*	0	0	0
	Atitude desafiadora perante o governo	1	3	0	2
	Ocupação como conquista coletiva	4	0	39	22*
	Expectativas de mudança	0	0	0	0
	Visibilização midiática da ocupação	0	0	2	0
	Facebook canal de comunicação não mediada	1	0	0	0
	Hashtag como apelo à adesão	30*	0	6	0

Tabela 10 – Concentração de focos semânticos nas tipologias cartaz e gif

Categoria	Foco semântico	Cartaz		Gif	
		E	I	E	I
	Sentido de pertencimento à escola	2	0	1	0
	Ocupação vista através do afeto	13*	0	1	0
	Adesão a palavras de ordem	2	0	16	0
	Total unidades de registro categoria 5	65	3	65	24

* Focos semânticos com frequências mais expressivas para efeitos da análise. Nota: (E) = escrito; (I)= imagético. Fonte: Dados da pesquisa

No que cabe ao *gif* como tipologia híbrida (texto mais imagem em aparente movimento), vale a pena destacar, no que tem a ver com os conteúdos imagéticos, a relação que houve entre dois focos semânticos, correspondentes a duas categorias diferentes: *Desenvolvimento da ação direta* e *Narrativa grupal da ocupação*. Na primeira categoria houve uma maior frequência das unidades de registro relativas a sinais de protesto, nos espaços físicos e nos corpos dos estudantes, entanto que na segunda predominaram as expressões gestuais, relacionadas à atitude de luta, resistência e conquista (exemplo: o braço esquerdo levantado com o punho fechado, como usado por lideranças políticas de esquerda a modo de saudação).

Um ponto a mais que deve ser levado em consideração, no que diz respeito aos *gifs* da amostra analisada, foi o alto valor absoluto de compartilhamentos, em comparação ao baixo valor de engajamento, isto é, de comentários mais curtidas. A modo de exemplo, o mesmo *Gif_1*, produzido por uma página do *Facebook* denominada *Linhas de Fuga*, foi compartilhado 331 vezes ao ser postado em nove páginas diferentes de escolas ocupadas; e o *Gif_3*, difundido pela Associação Nacional de Estudantes Livres (ANEL), sendo postado apenas pela página do Colégio Estadual Heitor Lira, foi compartilhado 1171 vezes. Desses dados e da análise categorial, pode se inferir a intencionalidade de um *gif*, no quadro de um processo de mobilização: comunicar uma mensagem sugerindo uma ideia de ação sincrônica e de impacto.

A modo de síntese das inferências correspondentes à interpretação das sete tipologias de postagem, a Tabela 11 apresenta a intencionalidade comunicativa de cada uma de elas, no quadro da construção global da narrativa digital do fenômeno:

Tabela 11 – Intencionalidade comunicativa das postagens analisadas

Tipologia	Vetor da intencionalidade comunicativa
Texto	Função complementar de apoio a outros formatos. Aborda, especialmente, as reivindicações contidas na pauta do movimento de ocupação.
Artigo	Utiliza-se como elemento legitimador da pauta do movimento de ocupação, especialmente quando provém de um veículo reconhecido.
Fotografia	Formato híbrido (imagem acompanhada de texto). É utilizada como meio de comprovação de denúncias sobre irregularidades administrativas e de evidência das práticas de cuidado dos estudantes para com as escolas durante a ocupação.

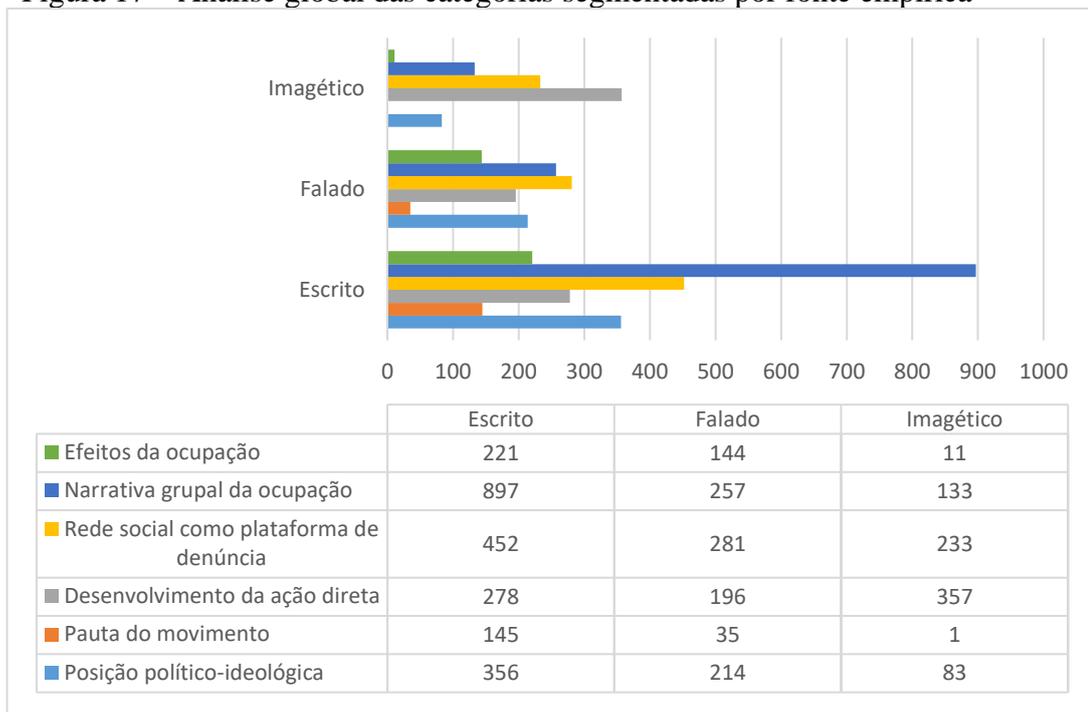
Tipologia	Vetor da intencionalidade comunicativa
Vídeo editado	Divulga as irregularidades administrativas das escolas e, especialmente, as estratégias de organização interna da ocupação, no intuito de contestar versões distorcidas difundidas pelos grupos opositores.
Vídeo espontâneo	No quadro de situações de tensão, opera como ferramenta de comprovação e evidência de discussões com funcionários da Secretaria de Educação, assim como de ataques às escolas por parte de grupos opositores. Utiliza-se como meio de legitimação por parte de figuras reconhecidas que apoiam a ocupação, especialmente do campo das artes.
Cartaz	Concentra-se nas reivindicações específicas dos estudantes no quadro da pauta da ocupação.
Gif	Sugere, a modo de onda, uma ação sincrônica e de impacto geral da ocupação.

Fonte: Dados da pesquisa

3.5.2 Análise global das categorias

Ao fazermos a análise categorial da amostra, segmentada por tipo de postagem e fonte empírica, quisemos nos aproximarmos da especificidade da cada uma das tipologias (texto simples, artigo, vídeo editado, vídeo espontâneo, cartaz e gif), diferenciando cuidadosamente o que era escrito, falado ou imagético, isto é, o tríplice critério da fonte empírica. Logo depois, decidimos desenvolver mais duas operações inferenciais: i) integrar as frequências das sete tipologias de postagens, para termos uma visão global das seis categorias, segundo a fonte empírica; e ii) integrar as frequências das sete tipologias de postagens e das três fontes empíricas de produção, para termos uma categorização geral da análise de conteúdo.

Figura 17 – Análise global das categorias segmentadas por fonte empírica

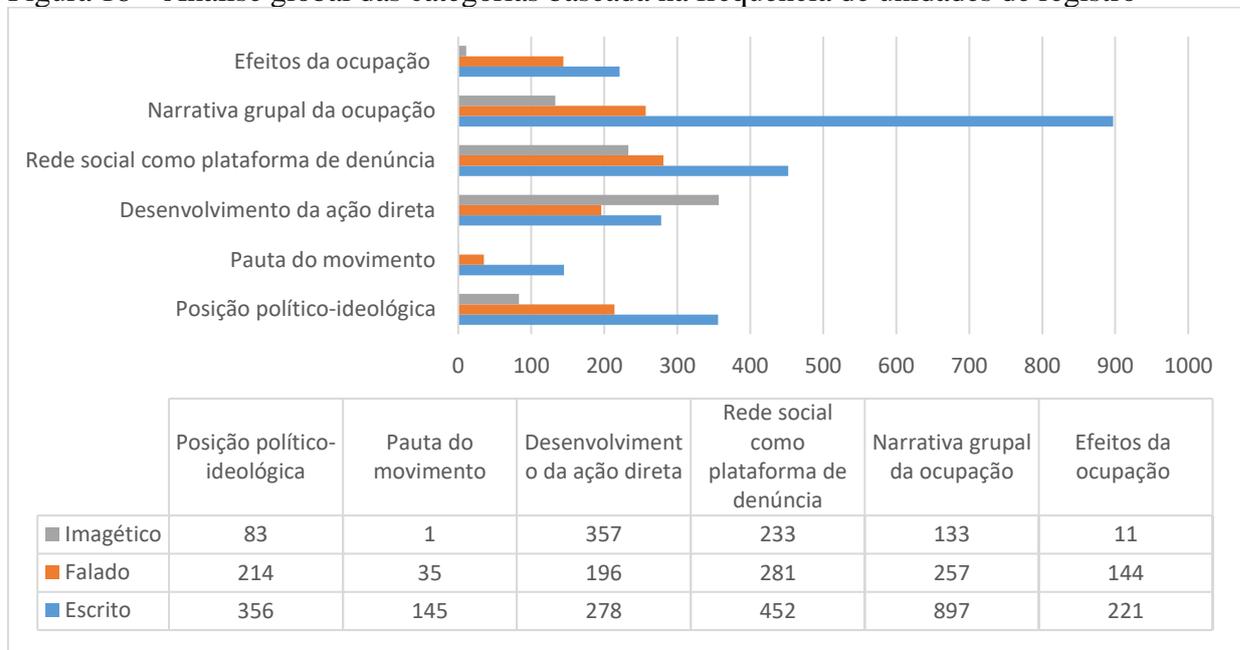


Fonte: Dados da pesquisa

No que diz respeito à integração das tipologias segundo a fonte empírica, como mostra a Figura 17, é evidente que a categoria *Narrativa grupal da ocupação* foi a mais destacada no que tem a ver com o conteúdo escrito. No que tange ao conteúdo falado, sobressai a categoria *Rede social como plataforma de denúncia*. Finalmente, no que tem a ver com o conteúdo imagético, predomina a categoria *Desenvolvimento da ação direta*.

Os resultados da análise mostram também que, ao somarmos as frequências de unidades de registro correspondentes a conteúdos escritos, falados e imagéticos, a categoria *Narrativa grupal da ocupação* acaba destacando-se em primeiro lugar com 1287 unidades de registro e a categoria *Pauta do movimento*, que faz alusão às reivindicações concretas dos estudantes, fica no último lugar, com apenas 181 unidades de registro, como evidenciado na Figura 18.

Figura 18 – Análise global das categorias baseada na frequência de unidades de registro

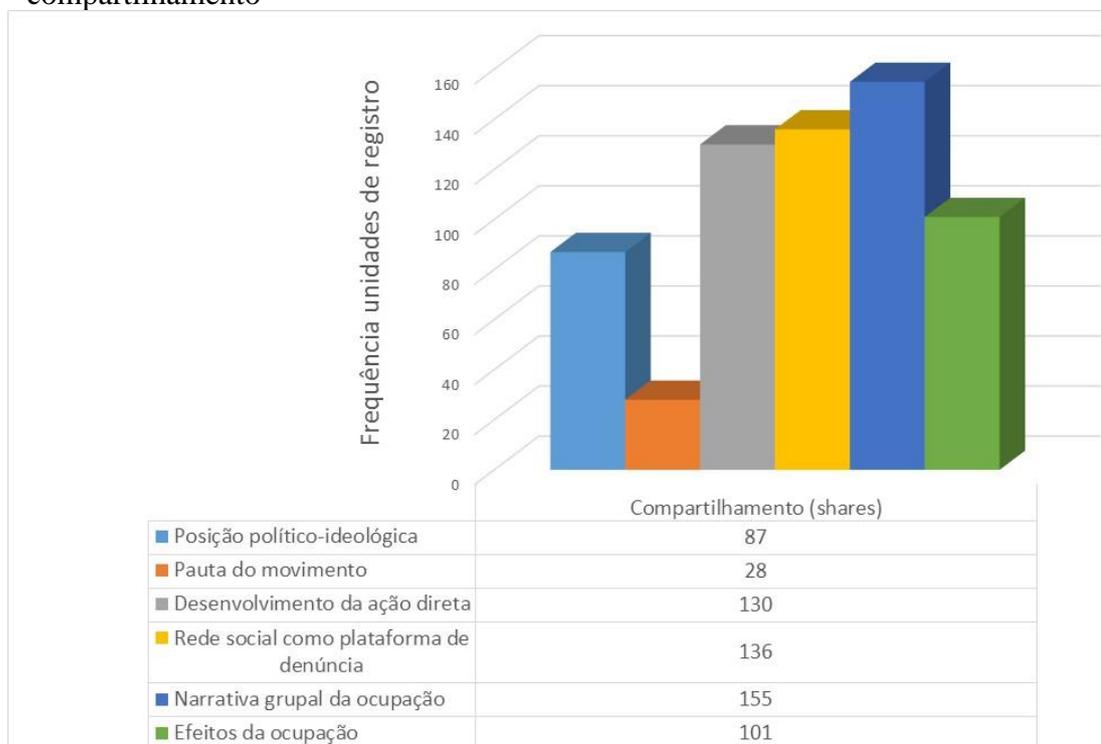


Fonte: Dados da pesquisa

Como explicado no procedimento, a escolha das 250 postagens que integraram a amostra obedeceu a um critério baseado no número de compartilhamentos (acima de 100 vezes), de curtidas (acima de 300 vezes) e de comentários (acima de 50) de cada postagem. No entanto, uma vez definido o corpus, cada postagem passou a obter um peso semelhante dentro da amostra; isto é, podia haver uma postagem compartilhada 1000 vezes, ao lado de outra compartilhada 150 vezes, o que era condizente com o objetivo do estudo, explicado na introdução: identificar e categorizar o que é comunicado ou expresso dentro dessa rede social digital.

Ora, no intuito de diferenciar as postagens com muita interação daquelas com pouca, optamos por fazer uma análise global dupla, sem levar em consideração a tipologia de postagem nem a fonte empírica de produção do conteúdo, à luz das seis grandes categorias. De cada tipologia de postagem, selecionamos as cinco que tinham o maior valor absoluto de compartilhamento (equivalentes a 691 unidades de registro) e as cinco que tinham o maior valor absoluto de engajamento ou soma de curtidas mais comentários (equivalentes a 748 unidades de registro), e as comparamos.

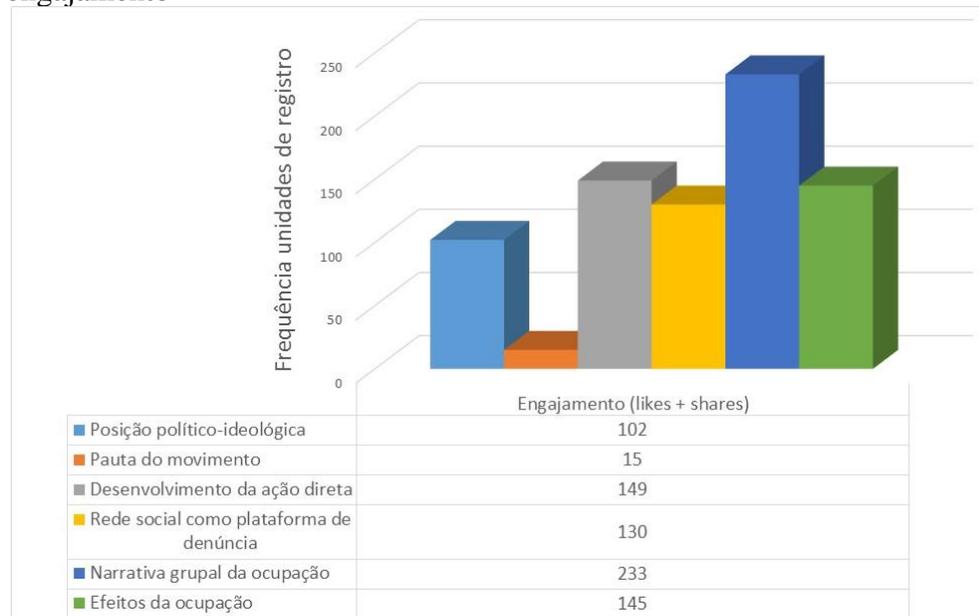
Figura 19 – Análise de unidades de registro segundo valor absoluto de compartilhamento



Fonte: Dados da pesquisa

Como mostrado nas Figuras 19 e 20, tanto no critério *Compartilhamento* quanto no critério *Engajamento*, a categoria *Narrativa grupal da ocupação* continuou a predominar. As categorias *Rede social como plataforma de denúncia* e *Desenvolvimento da ação direta* apresentaram maiores frequências nos compartilhamentos do que nos engajamentos. Finalmente, em ambos os critérios, a categoria *Pauta do movimento* também obteve frequências menos expressivas.

Figura 20 – Análise global unidades de registro segundo valor absoluto de engajamento



Fonte: Dados da pesquisa

3.6 Discussão

As operações inferenciais realizadas a partir da análise de conteúdo, isto é, a descrição da intenção comunicativa dos formatos e a comparação global das unidades de registro, podem ser interpretadas a partir de três vetores, que denominamos i) construção do pensamento social; ii) dinâmica comunicacional do pensamento social; e iii) estrutura do pensamento social em uma rede social digital.

3.6.1 Construção do pensamento social

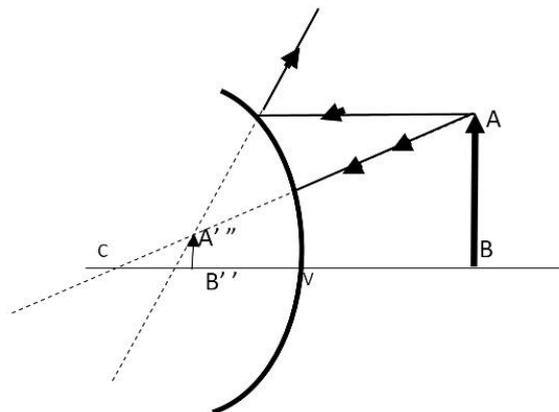
No quadro de uma mobilização coletiva como a estudada, prevalece a lógica do pensamento social, caracterizada por ser uma construção coletiva, baseada em critérios de atribuição, sobre a lógica do pensamento científico-racional, fundamentada em fatos comprováveis, o que pode ser evidenciado ao compararmos as categorias *Pauta do movimento* e *Narrativa grupal da ocupação*. Enquanto as menores frequências de registro correspondem à primeira categoria, baseada em fatos concretos e comprováveis que —se supõe— motivaram a ocupação, a segunda categoria, que apresenta maiores frequências em termos de valores absolutos de compartilhamento e engajamento, obedece ao imaginário dos estudantes, à forma como construíram um relato próprio da ação de protesto, o que nos leva a afirmar que em uma

rede social digital, face a um evento de mobilização coletiva, coexistem e se retroalimentam ambas as lógicas do pensamento.

3.6.2 Dinâmica comunicacional do pensamento social

Entendemos por dinâmica comunicacional a forma como o dualismo causal, o formalismo espontâneo, a primazia da conclusão e a analogia se tornam pontos de referência para a construção colaborativa de narrativas ou interpretações da realidade. O ecossistema digital, ao ser um campo transmídia de circulação de mensagens, permite que essas condições de produção do pensamento social operem, metaforicamente, como o foco de um espelho convexo. Segundo as leis da óptica geométrica (Serway & Jewett, 2004), o foco de um espelho convexo se forma a partir da interseção virtual dos prolongamentos de um feixe de luz sobre um eixo principal: a imagem do objeto real, que o espelho convexo reflete, será sempre *virtual, direita e menor*; por outras palavras, o espelho não distorce a imagem, ele apenas a projeta de uma forma diferente (vide Figura 21).

Figura 21 – Formación de la imagen en un espejo esférico convexo



Fonte: Serway, R.A. & Jewett, J.W. (2004)

No quadro da presente análise, os prolongamentos desse feixe de luz seriam as condições de produção do pensamento social (dualismo causal, formalismo espontâneo, primazia da conclusão e analogia) que, combinadas, apontam para a criação de um quadro referencial de interpretação da realidade, contido na narrativa, que não coincide com o princípio de concordância da imagem com o objeto, como preconizado pela teoria convencional do conhecimento (Hessen, 1889), mas que é intrinsecamente congruente com a forma como o objeto é socialmente pensado. Por outras palavras, “no que diz respeito às ações humanas, as

coisas são o que as pessoas acham que elas são” (Von Hayek, 1953 como citado por Rouquette, 1994, p. 175).

Se tivéssemos que explicar o movimento de ocupação das escolas da rede estadual do Rio de Janeiro, a partir da lógica jornalística —que se fundamenta no método científico-racional ao tentar descrever e explicar um fato, dando voz a seus protagonistas e contextualizando suas causas e consequências—, afirmaríamos o seguinte:

No quadro de uma greve de docentes, mais de 80 escolas, inspiradas em uma ação semelhante acontecida no estado de São Paulo alguns meses antes, decidiram ocupar suas escolas como uma ação de resistência civil não-violenta, com o propósito de exigir da Secretaria Estadual de Educação medidas encaminhadas a resolver umas pautas específicas que, com o apoio de organizações estudantis, se tornaram uma pauta geral de reivindicação. Mesmo sendo uma ação não-violenta, ligada ao modelo Occupy disseminado pelo mundo todo, algumas escolas contaram com uma forte oposição do movimento contrário à ocupação (os *desocupas*), que apelaram à violência, especialmente no Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, para conseguirem seus objetivos. Finalmente, após a ocupação da sede da Secretaria Estadual de Educação, o movimento obteve resultados concretos, tais como a eleição democrática dos diretores das escolas, a eliminação/transformação do SAERJ (Sistema de Avaliação da Educação do Rio de Janeiro) e a destinação de 15 mil reais para reformas emergenciais nas estruturas de cada uma das escolas ocupadas (Narrativa jornalística criada pelo autor).

Note-se que a lógica jornalística teria buscado uma ponderação, deontologicamente falando, das seis categorias apresentadas na análise de conteúdo, em busca de um equilíbrio informativo no momento de construir a narrativa. No entanto, o pensamento social não opera dessa forma, daí a importância de fazer alusão a dois exemplos, que ilustram as condições de produção e circulação desse tipo de pensamento, no âmbito dos fluxos próprios das redes sociais digitais.

O primeiro tem a ver com o fato de a Secretaria de Educação ter publicado na sua conta de *Twitter*, sob a *hashtag* #NãoOcupa²⁷, a data e o lugar de uma passeata contrária às ocupações, o que fez com que: i) o movimento afirmasse que a SEEDUC tinha um plano sistemático de “conluio” com os *desocupas* e com a Polícia Militar para forçar a desocupação; e ii) que o movimento responsabilizasse diretamente a SEEDUC pelas depredações geradas pelos *desocupas* na infraestrutura do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes. Trata-se de um exemplo claro de *primazia da conclusão*, condição a partir da qual se constrói um raciocínio, fazendo uso seletivo de informação, de acordo com as convicções grupais, visando à justificativa em lugar da argumentação ou da demonstração.

²⁷ Disponível em: <https://web.facebook.com/OcupaMendes/photos/a.241383286215691.1073741828.241377779549575/272936223060397/?type=3&theater>

O segundo exemplo, relacionado à construção da analogia como atividade central do pensamento social, é a paródia realizada a partir de um trecho do filme *A Queda*²⁸, falado em alemão e legendado em português, na qual Hitler, comparado ao Secretário de Educação do Rio de Janeiro, reagiu iracundo face à forma “irreprimível” como a movimento de ocupação das escolas estava se disseminando pelos quatro cantos do Estado, o que configurava uma derrota para o “regime de opressão”, isto é, a ocupação como conquista, visto do ponto de vista dos estudantes. Trata-se do mesmo vídeo, postado nas redes sociais durante a ocupação das escolas do Estado de São Paulo, mas adaptado ao contexto das ocupações do Rio de Janeiro, cuja postagem foi levada em consideração na amostra do presente estudo, toda vez que registrou o terceiro maior número de compartilhamentos (667).

3.6.3 Estrutura do pensamento social

A dinâmica de uma rede social digital, especialmente em momentos de mobilização coletiva, pode ser entendida como um metassistema de comunicação, de interpretação da realidade (Doise, 2014), atravessado por dois vetores intimamente atrelados: um deles cognitivo, associado à lógica do pensamento social, e outro vinculado ao afeto em termos de tensão (Menezes, 2007).

Concentremo-nos em dois exemplos que nos ajudam a entender o papel transversal do afeto na construção de narrativas. O primeiro tem a ver com a postagem *Foto_15*, que foi a mais compartilhada da amostra (3.042 vezes)²⁹, na qual podemos comprovar o efeito emocional que uma imagem contém quando postada com o propósito de induzir à ação ou de provocar uma atitude de rejeição e indignação. A cena poderia remeter, a quem não estava presente no lugar dos fatos, a um campo de guerra, onde policiais carrascos, defendendo um Estado opressor, atacam jovens heróis que lutam por uma educação de qualidade para todos.

²⁸ Trata-se de *Der Untergang*, um filme de 2004 dirigido por Oliver Hirschbiegel. A paródia está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XMxmOUZRt8U>

²⁹ Disponível em: <https://web.facebook.com/OcupaMendes/posts/278076315879721>

Figura 22 – Imagem das ocupações das escolas do Rio mais compartilhada no *Facebook*



Fonte: Página da ocupação do C.E. Prefeito Mendes de Moraes

A transcrição da postagem durante as etapas de construção do corpus e segmentação das unidades de registro foi realizada nos seguintes termos: *Foto_15: Texto da postagem: A tropa de choque acaba de espancar alunos do Ocupa Mendes e outros alunos que ocupavam a SEEDUC / Alunos desmaiados e feridos no local! / Descrição da imagem: Foto noturna, plano inteiro, de uma moça em atitude nervosa, como se estivesse pedindo socorro, / que segura a cabeça de um estudante que está deitado na rua, apoiando sua cabeça na mochila, a modo de travesseiro, / com uma substância branca no rosto e coberto com um pano amarelo no peito;/ outra pessoa (homem) segura a perna direita do estudante; / tem duas garrafinhas de água abertas ao lado dele³⁰.*

O segundo exemplo está relacionado à *Adesão a palavras de ordem*, um foco semântico identificado no estudo como parte da categoria *Narrativa grupal da ocupação*. Nesse foco semântico aparecem expressões como *Ocupa tudo; Ocupar, resistir, lutar pra garantir; Mendes resiste; Lutar até o fim; A luta continua; Tá tranquilo, tá ocupado³¹; e Pisa ligeiro, pisa ligeiro,*

³⁰ O texto transcrito aparece segmentado em unidades de registro, tanto de fonte empírica escrita como imagética, separadas pelo sinal (/).

³¹ Adaptação da letra da canção *Tá tranquilo, tá favorável* de MC Bin Laden, cantor de funk paulista que fazia sucesso com essa música à época das ocupações.

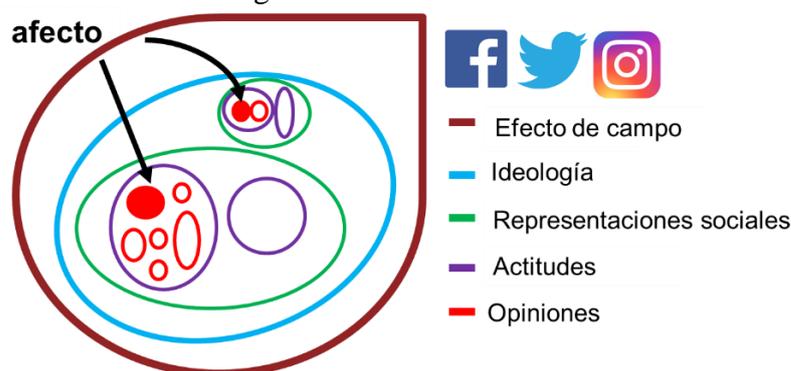
*quem não pode com formiga não atiça formigueiro!*³², essa última expressão que os estudantes cantavam, especialmente quando faziam questão de desafiar os funcionários da Secretaria de Educação. Trata-se de expressões discursivas, não necessariamente racionalizadas, cuja repetição quase automatizada evidenciava a expressão de um sentimento coletivo.

Poder-se-ia afirmar, então, que nesse ecossistema digital se produz o efeito de campo (*effet de champ*) referido por Rouquette (1998), no qual intervêm a memória compartilhada, a diferenciação intergrupala e a diversidade de julgamentos individuais, mas acrescentando o afeto como elemento dinamizador do pensamento socialmente construído.

Infere-se, portanto, como mostra a Figura 23, que uma rede social digital, em momentos de mobilização coletiva, também se estrutura ao redor dos mesmos níveis de geração cognitiva abordados no marco teórico do presente estudo, isto é, ideologia, representações sociais, atitudes e opiniões, mas acaba constituindo uma arquitetura de órbitas concêntricas em movimento, traçadas por essas formas do pensamento social, da mais estável à mais contingente.

As órbitas, ao estarem em constante movimento, produzem uma força centrípeta, quer dizer, uma força que provém do campo —*effet de champ*— e empurra o corpo —dessa vez o pensamento— para o centro da trajetória. A força centrípeta equivaleria ao *vetor afeto*, que estaria apontando sempre, a modo de redemoinho, ao centro do espectro —a órbita das opiniões—, considerado como o ponto mais instável e contingente do pensamento social.

Figura 23 – Arquitetura do pensamento social adaptada a uma rede social digital



Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados da pesquisa

É importante destacar que esse modelo de abstração do processo de construção social do pensamento, no quadro de um ecossistema digital de mobilização coletiva, contribui para a

³² Expressão utilizada pelo Movimento dos Sem Terra (MST), que deu nome ao documentário sobre o povo indígena xurucu-kariri em Alagoas-Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pA3FsWwPZGY>.

compreensão do conceito de metassistema comunicacional ou interpretativo, que abordamos largamente no primeiro capítulo, desconsiderando as redes sociais digitais apenas como dispositivos que propiciam a entropia informacional. Nessa ordem de ideias, o afeto seria, então, o vetor que conecta e mobiliza as diferentes formas do pensamento social.

No caso específico da ocupação das escolas do Rio de Janeiro, que o presente estudo abordou a partir de operações inferenciais advindas de uma análise de conteúdo, é possível afirmar que o vetor tensional do afeto fez parte do campo representacional da ocupação, que se configurou a partir da lógica *luta-resistência-conquista*.

Por outras palavras, e à tona com os resultados do primeiro estudo, foi identificada uma possível representação social da ocupação entendida como objeto polêmico, com um marcado viés afetivo, que i) gerou discussões, posicionamentos e julgamentos dentro do grupo dos estudantes que ocuparam; ii) contribuiu para uma diferenciação intergrupual tendo em vista que havia um grupo adversário que se opunha à ocupação; e iii) orientou as práticas dos estudantes dentro das escolas, entendidas não apenas como *modus operandi*, mas também como passagem da teoria à ação, isto é, como materialização de um discurso de resistência civil.

A modo de síntese e tendo em vista que o presente estudo foi delineado a partir da premissa, segundo a qual as representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das primeiras, é possível inferir que: i) do ponto de vista sociogenético, o pensamento social construído pelos estudantes que ocuparam as escolas do Rio de Janeiro conseguiu expressar-se no entorno dos ecossistemas digitais da mobilização como uma narrativa elaborada a partir de quatro condições, a saber, formalismo espontâneo, dualismo causal, primazia da conclusão e criação de analogia; e ii) do ponto de vista estrutural, as diferentes formas do pensamento social, que se expressam nos ecossistemas digitais em momentos de mobilização coletiva, são ativadas pelo vetor afeto, o que acaba tensionando a relação entre a prática desenvolvida pelo grupo e o modo como essa prática é pensada e narrada de forma colaborativa.

4 REDES SOCIAIS DIGITAIS E TENSÃO DIATÓPICA: UM ESTUDO COM ELEITORES DE HADDAD E BOLSONARO

Resumo. O presente estudo analisa a dinâmica comunicacional ativada por conteúdos falsos ou *fake news*, que circulam nas redes sociais digitais em momentos de mobilização coletiva, à luz da dialogicidade como fundamento da epistemologia interacional, desenvolvida no campo da teoria das representações sociais, e da retórica como arte prática do discurso. Com o propósito de estabelecer uma análise comparativa, foram criados três grupos focais com eleitores dos candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL), que conversaram sobre o conteúdo de postagens propositalmente selecionadas. O estudo concluiu que os ecossistemas digitais, em momentos de mobilização coletiva, comportam-se como campos representacionais pautados, do ponto de vista psicossocial, por relações de tensão identitárias e, do ponto de vista retórico ou comunicacional, por um fenômeno que optamos por denominar tensão diatópica, que se caracteriza pela coexistência de quatro variáveis interdependentes: i) divergência topológica; ii) heteroglossia situacional; iii) intensidade afetiva e 4) aparente percepção de controle fático.

Palavras-chave: dialogicidade ; retórica ; representação social ; *fake news*; tensão diatópica.

4.1 Introdução

O presente estudo analisa a dinâmica comunicacional ativada por conteúdos falsos ou *fake news*, que circulam nas redes sociais digitais em momentos de mobilização coletiva, à luz i) do princípio da dialogicidade, no qual se fundamenta a epistemologia interacional desenvolvida no campo da teoria das representações sociais; e ii) da tríplice estrutura do discurso interativo, isto é, a linguagem verbal, a paralinguagem e a cinésica. Por outras palavras, no quadro da premissa segundo a qual o conhecimento social é um processo interacional, que se constrói na tríade *Ego-Alter-Objeto*, abordaremos, em primeiro lugar, o arcabouço teórico da dialogicidade como base da construção social do conhecimento e, em segundo lugar, a congruência desse embasamento teórico com a *Retórica*, entendida como arte prática da argumentação.

O texto começará fazendo uma contextualização das redes sociais digitais, levando em consideração fenômenos como *fake news*, *social bots* e *filtros-bolha*. Seguidamente, explicar-se-á a abordagem dialógica das representações sociais, desenvolvida por Ivana Marková a partir da tríade *Ego-Alter-Objeto*, assim como o conceito de *tensão dialógica* que lhe é inerente. Por fim, se concentrará na Retórica, especificamente em dois elementos: os *topoi* como princípios de justificação inferencial e a *comunicação não verbal* como parte do discurso interativo.

Fazer referência a mobilizações coletivas, especialmente no quadro de processos eleitorais, hoje em dia não é possível sem nos aproximarmos da dinâmica comunicacional própria das redes sociais digitais, porque elas se comportam, de alguma maneira, como termômetro dos posicionamentos dos diferentes grupos perante temas específicos. Que apareçam posicionamentos antagônicos, caracterizados pela adesão ideológica a um candidato, ou que primem elementos afetivos sobre argumentos racionais, não é uma novidade em entornos democráticos, pois justamente o processo de tomada de decisões passa pelo crivo da discussão e da deliberação.

Ora, o que chama poderosamente a atenção e preocupa em termos dos desafios contemporâneos de construção e qualificação de cidadania, é o efeito amplificador das redes sociais digitais e sua capacidade de expansão de conteúdos, que nem sempre condizem com o princípio de realidade dos fatos, e que podem acabar influenciando a decisão final do eleitor, que se preza de estar “informado”.

Eventos históricos como a campanha do *Brexit* de 2016 dos *Leavers* e dos *Remainers*, para decidirem a saída ou permanência do Reino Unido na União Europeia (Polonski, 2016); ou a campanha do plebiscito na Colômbia, que visava endossar o acordo de paz assinado pelo governo com as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) (Echeverri & Andrade, 2019), mostram que as *fake news*, como vieram a se denominar no cotidiano as notícias falsas que produzem desinformação, incidiram nos resultados finais de ambos os processos democráticos.

Como explicam Recuero e Gruzd (2019), uma *fake news* caracteriza-se por possuir três componentes que permitem identificá-la: i) a utilização de elementos noticiosos, que emulam uma narrativa jornalística convencional; ii) a falsidade total ou parcial dessa narrativa; e iii) a intencionalidade do emissor de enganar ou de criar uma percepção falsa sobre um objeto determinado.

O fenômeno da disseminação se faz ainda mais complexo ao levarmos em consideração o que Parisier (2011) denomina *visibilidade dos algoritmos*, que não é outra coisa do que a seleção automática dos conteúdos, apresentados para um usuário a partir do mapeamento do seu comportamento digital. Podemos definir os algoritmos, então, como ferramentas informáticas que personalizam a informação que o usuário vê no seu *feed* de notícias, com base em um critério de relevância estabelecido a partir do seu histórico de interações e preferências, contribuindo para o que Parisier (2011) acunhou como *filtro-bolha*, isto é, um tipo de estado de isolamento cognitivo e afetivo programado.

Mas a função dos algoritmos não se restringe apenas à visibilidade de determinados conteúdos. Os *social bots* também são algoritmos que, como dizem Oberer, Erkollar e Stein (2019), agem como humanos e pensam como robôs. Trata-se de programas criados para aparecer nas redes sociais digitais como pessoas reais, que disseminam e viralizam *fake news*, gerando um volume fictício de *likes* (curtidas) e *shares* (compartilhamentos).

Um estudo sobre *fake news* nos Estados Unidos, realizado por Guess, Nyhan e Rifler (2018), se concentrou na forma como as pessoas são expostas a este tipo de informação que circula na *Internet*. Com o consentimento dos participantes, foi analisado o histórico de navegação de 2.525 americanos através do monitoramento, em tempo real, dos seus computadores, no período de tempo compreendido entre 7 de outubro e 14 de novembro de 2016, durante a campanha presidencial. Os achados mostraram que um em cada quatro americanos visitou um *site* de notícias falsas, consumo que foi observado de forma desproporcional entre os seguidores de Donald Trump. Os pesquisadores evidenciaram que quase seis em cada dez visitas a *sites* de notícias falsas vieram dos americanos (10%) com as “dietas de informação” mais conservadoras, e que o *Facebook* foi o vetor chave para a propagação dessas *fake news*.

Já outro estudo sobre *fake news*, desenvolvido no Brasil por Recuero e Gruzd (2019), no quadro da autorização da prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por parte do Supremo Tribunal Federal (STF) em abril de 2018, mostrou que a disseminação de cascatas de *fake news* se circunscreveu, especialmente, a núcleos ideológicos específicos, e se amplificou dentro deles a modo de *echo chambers* ou câmaras de eco, caracterizadas pela homofilia dos usuários.

Tanto o estudo de Gess *et al.* (2018) como o de Recuero e Gruzd (2019) levam em consideração os princípios de *homofilia* e *segregação*, que Rouquette (1998) descreve da seguinte forma: quando alguém tem a escolha, afetiva ou cognitiva, prefere se afiliar com outros semelhantes e não se juntar aos mais diferentes. Esses princípios são levados em conta pela ciência dos dados no momento de cartografar o comportamento dos perfis de uma rede social digital, especialmente em momentos de mobilização coletiva.

Malini (2017), ao se referir a essa cartografia, adverte do risco de simplificar os fenômenos a partir da ilusão ótica, criada pelo que ele denomina “visualização mercadológica de grafos de redes sociais” (p. 95), que acaba individualizando o papel dos perfis digitais que se comportam como “influenciadores”, e propõe uma abordagem teórico-metodológica denominada *análise perspectivista de rede*, abordada no primeiro capítulo da presente tese, que contempla três aspectos ou premissas fundamentais: i) os perfis digitais se aglutinam ao redor

de perspectivas ou pontos de vista comuns; ii) a posição espacial ou temporal das perspectivas cria relações de convergência ou antagonismo; e iii) as perspectivas lutam pela hegemonia das narrativas.

Mas, o que aconteceria se extrapolássemos essa dinâmica de interação de uma rede social digital em momentos de mobilização eleitoral, caracterizada pelos elementos supracitados por Malini (2017), a um exercício real de interação face a face, com participantes pertencentes a grupos que se identificam com candidatos opostos? Poderia a psicologia social nos auxiliar na descrição e interpretação de um fenômeno que é, acima de tudo, comunicacional?

Esse é o objetivo do presente estudo, desenvolvido no quadro das eleições presidenciais de 2018 no Brasil. Contudo, antes de abordarmos o delineamento metodológico, faz-se necessário entendermos o conceito de *tensão dialógica*, usado na teoria das representações sociais, assim como o conceito de *topos*, que é fundamental na retórica como arte prática do discurso interativo.

4.2 Dialogicidade como base da comunicação

No primeiro capítulo víamos que não se pode abordar o pensamento social sem abordar a comunicação social, porque justamente o primeiro corresponde ao lado cognitivo da segunda (Rouquette, 1998). Nessa ordem de ideias, optamos por apresentar a proposta de Craig (1999) de *reconstruir* a teoria da comunicação como um metadiscurso teórico que dialogue com o metadiscurso prático da vida cotidiana, o que significaria a construção de uma ponte possível entre a psicologia social, especialmente a teoria das representações sociais, com as diferentes tradições teóricas da comunicação descritas por Craig.

No presente estudo ousaremos materializar essa proposta, conectando a abordagem dialógica das representações sociais (Moscovici & Marková, 2000; Marková, 2006; 2017) com a retórica, entendida como tradição comunicacional que se concentra na arte prática da argumentação.

Marková (2006) define o conhecimento social como “conhecimento em comunicação e conhecimento em ação” (p.27), em sintonia com a epistemologia interacional, proposta por Moscovici, materializada na formulação de teorias sociopsicológicas seminais como a das representações sociais (Moscovici, 1961/2012; 1976; 1984) e a teoria da inovação das minorias ativas (Moscovici, 2011).

Para a autora, esse conhecimento em comunicação e ação se embasa em uma dinâmica antinômica, porque oscila entre a estabilidade e a mudança. O fundamento dessa dinâmica é a *dialogicidade*, entendida como “a capacidade da mente de conceber, criar e comunicar em termos de *Alter-Ego*” (Markova, 2006, p. 137). Essa dialogicidade, como vimos no primeiro capítulo, refere-se ao *Alter* como mediador, considerando *o outro* em termos de indivíduo, grupo, comunidade, sociedade e/ou cultura.

A dialogicidade está baseada na hipótese de que o pensamento racional surgiu na antropogênese, por causa da relação dialógica do *Alter-Ego*. Portanto, *a capacidade cognitiva de pensar racionalmente é, por definição, a capacidade de se comunicar*. A capacidade de pensar racionalmente e de se comunicar constitui o potencial para o pensamento do senso comum [*grifos da autora*] (Marková, 2006, p. 195).

Marková se remete à obra de Bühler (1934) sobre a função representacional da linguagem, também utilizada por Moscovici, com o propósito de demonstrar que o conhecimento social de um objeto é *coconstruído*, em uma relação dialógica a partir do *Ego-Alter-Objeto* como unidade triádica que, ao ser orgânica, não pode ser desintegrada em seus componentes: “*O Ego-Alter-Objeto* somente pode funcionar como um todo. Se desintegrarmos esta unidade em seus constituintes e se os tratarmos separadamente, nós estaremos regredindo à epistemologia tradicional” (Marková, 2006, p. 210).

A relação dinâmica do *Ego-Alter-Objeto*, segundo Marková (2006), caracteriza-se pela *tensão dialógica*, um conceito advindo dos trabalhos de Bakhtin sobre polifonia do discurso literário (1981; 1984) e de Rosenzweig (1921; 2001) sobre pensamento como diálogo. Marková (2006) o explica da seguinte forma: “não pode haver comunicação alguma, a menos que os participantes se juntem pela tensão. Não pode haver ação social alguma, a menos que as oposições em tensão se confrontem, sejam negociadas, avaliadas ou julgadas” (p. 212).

A tensão dialógica proposta por Marková, no contexto da unidade dinâmica do *Ego-Alter-Objeto*, leva em consideração i) a intensidade das relações entre os componentes da tríade e ii) a polifasia e a heteroglossia, entendidas como pressupostos do diálogo. Dito de outra forma: as relações entre *Alter-Ego* ou entre *Ego-Objeto* podem ser definidas como fortes ou fracas em contextos onde pode existir *polifasia*, entendida como coexistência de estilos diferentes de pensamento, e *heteroglossia*, isto é, copresença de diferentes vozes em um entorno discursivo.

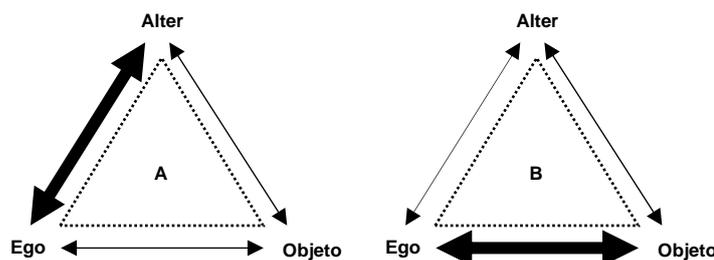
Para ilustrar essa relação de tensão dialógica, Marková (2006) se remete a uma hipótese formulada por Moscovici, segundo a qual seria possível diferenciar representações sociais *embasadas em crenças* de representações sociais *embasadas em conhecimentos*.

As representações sociais embasadas em crenças estariam fixadas na relação *Ego-Alter* e seriam construídas a partir da convicção e não da busca por evidências ou por meios de

comprovação. As representações sociais embasadas em conhecimentos, por sua vez, privilegiariam a relação *Ego-Objeto* e envolveriam o conhecimento científico transformado pelo senso comum em experiências de relações interpessoais: “Em contraste ao crente, o *conhecedor* está pronto para *argumentar, provar e criticar*. Se alguém ‘sabe’ que ‘a aids pode ser transmitida através de um aperto de mão’, tal ‘conhecimento’ será baseado na busca por evidências” [grifos meus] (Marková, 2006, p. 241).

A Figura 24 contribui para a compreensão da tensão dialógica proposta por Marková em termos da intensidade forte ou fraca das relações. Na tríade A, a conexão *Ego-Alter* seria mais forte, porque estaria embasada em critérios de convicção ou crença, abrindo mão de meios de comprovação ou de busca por evidências; a tríade B, por sua vez, mostraria uma relação mais forte entre *Ego-Objeto*, na medida em que o *Ego* poderia “apresentar experiência pessoal, argumentar baseado em observações ou negar seu conhecimento se encontrar evidências contra ele” (Marková, 2006, p. 241).

Figura 24 – Relações de tensão dialógica na tríade *Ego-Alter-Objeto*



Fonte: Elaboração do autor a partir de Marková (2006)

É possível entender a Figura 24 por meio de dois exemplos. Na tríade A (tensão *Ego-Alter*) podemos situar dois grupos diferentes que começam a conviver por conta da migração: ambos os grupos constroem representações sociais do outro, embasadas na natureza cooperativa ou competitiva da relação e a partir de critérios de atribuição, isto é, de estereótipos ou simplificações. É o que Deschamps e Moliner (2009) denominaram *representações sociais intergrupos*, construídas socialmente a partir da crença ou convicção.

Já na tríade B (tensão *Ego-Objeto*) podemos falar em dois grupos, um deles integrado por ambientalistas, que promovem práticas para deterem o aquecimento global, e um outro grupo contrário a esse discurso: ambos os grupos constroem um *conhecimento social* a partir de um objeto que emana do campo da ciência, e a relação de tensão dar-se-á a partir da argumentação, da busca por provas ou evidências que demonstrem que a posição própria está correta e a posição do opositor está errada.

Ora, é possível que na interação entre dois grupos, ambas as relações de tensão coexistam, e o presente estudo aponta nessa direção; porém, para corroborá-lo, faz-se necessário entender como se constrói um discurso do ponto de vista argumentativo e qual a relação que esse discurso possui com a comunicação não verbal.

4.3 Retórica: a arte prática do discurso

No processo de formulação da teoria da dialogicidade, aplicada à epistemologia interacional das representações sociais, Marková cita uma frase do filósofo Rosenzweig (2001, p. 159) que é muito ilustrativa, a propósito das redes sociais como ecossistemas digitais, abordados ao longo da presente tese, e do estudo da disseminação das *fake news* em particular: “a pessoa com quem conversamos e pensamos não tem somente ouvidos para ouvir como nos diálogos filosóficos, mas ela também tem uma boca, e ela pensa pela boca”.

Dito de outra forma, o entorno interativo de uma rede social digital é, acima de tudo, um campo de troca intencional de mensagens, que pode ser analisado a partir da *tradição retórica* da comunicação (Craig, 1999), entendendo-a como *arte prática do discurso*, na qual intervêm tanto a emoção quanto a lógica racional.

Aristóteles³³ diferencia entre retórica, como ciência do discurso que se concentra nos fatores voltados para a persuasão, tais como a pessoa, os fatos e o teor dos argumentos, e a dialética, como ciência que se enfoca na arte da discussão (Carvalho, 1997). Nessa perspectiva da discussão, Schopenhauer³⁴ (1788-1860) descreve 38 estratégias cuja finalidade era vencer um debate a modo de “discussão contenciosa que, utilizando os instrumentos da dialética, da sofística, da erística e da retórica aristotélicas, abrange também os aspectos psicológicos do duelo argumentativo” (Carvalho, 1997, p. 41).

Schopenhauer, no sexto comentário de sua *Erística*, acrescenta um elemento, que não é comumente abordado na teoria representacional moscoviana, e que pode enriquecer o enfoque sociopsicológico da dialogicidade proposto por Marková; trata-se dos *topoi*:

É algo conatural ao homem numa controvérsia, quando se vê oprimido, refugiar-se por trás de um *topos* geral. Os *loci* [*tradução de topoi para o latim*] são também *lex*

³³ Aristóteles fala em quatro ciências práticas do discurso, a saber, a poética, a lógica, a retórica e a dialética (Carvalho, 1997). Para o filósofo grego, a erística e a sofística eram falsificações ou caricaturas da retórica e da dialética.

³⁴ Em 1894 foi publicado um manuscrito póstumo de Arthur Schopenhauer (1788-1860) intitulado *Eristik* — conhecido como erística schopenhaueriana —, escrito no quadro da disputa filosófica com Friedrich Hegel (1770-1831) na Universidade de Berlim na década de 1820, e posteriormente esquecido após a morte deste último.

parsimoniae naturae (a lei da economia da natureza). Na realidade, todos os aforismos são *loci* com tendência prática (Schopenhauer como citado por Carvalho, 1997, p. 208).

Para entender o que são e como operam os *topoi* —plural da palavra grega τόπος ou *topos*— é importante, em primeiro lugar, compreender a diferença entre silogismo e entinema: enquanto um silogismo é um mecanismo que a lógica utiliza visando descobrir a verdade, “o entinema é o mecanismo que a retórica usa para *argumentar sobre a verdade cotidiana*” (Rey, 2009, p.102). Nessa ordem de ideias, os *topoi* seriam princípios de justificação inferencial, ideias geralmente admitidas e não contestadas que permitem a discussão; daí a expressão latina, supracitada por Schopenhauer ao se referir aos aforismos como *loci communes*, isto é, lugares comuns.

À diferença do silogismo, que se fundamenta em uma verdade demonstrável ou em um fato irrefutável, Vega (2004) explica que um entinema é um argumento embasado em *topoi*, que se utiliza para fins demonstrativos, persuasivos, refutativos ou dissuasivos; que pode embasar-se em generalizações falíveis e sujeitas a exceções; e que se apoia em inferências não necessariamente conclusivas.

Figa i Faura (1993) concebe os *topoi* ou tópicos como *esquemas argumentativos*, que possuem as seguintes características: i) sua validade não é absoluta, mas apenas provável; ii) não fazem parte de um sistema ou corpo coerente; e iii) acabam sendo eficazes na medida em que são aceitos pelos destinatários do discurso, pois se trata de construtos verossímeis, que tornam-se plausíveis no quadro da conversação.

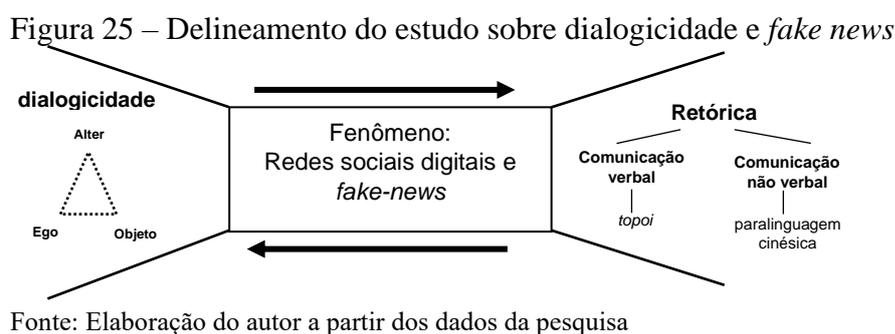
Ao associarmos os *topoi* à tríade do *Ego-Alter-Objeto* é possível afirmar, então, que eles são elementos elaborados, aceitos e compartilhados pelos grupos, como base dos processos cotidianos de argumentação; aliás, os *topoi* orientariam, do ponto de vista discursivo, a construção social de um objeto específico, tornando-se alicerce dos princípios da *polifasia*, entendida como estilos diferentes de pensamento, e da *heteroglossia*, isto é, da copresença de vozes diferentes dentro do discurso, ambos os princípios descritos por Marková (2006) no quadro da tensão dialógica.

Contudo, ao se tratar de um processo comunicacional, a tensão dialógica não poderia ficar apenas restrita a elementos de produção verbal. Poyatos (1992, 2003) propõe levar em consideração condutas não verbais, a saber, a paralinguagem e a cinésica, que junto aos elementos verbais, fariam parte de uma *tríplice estrutura do discurso interativo*.

A paralinguagem, segundo Poyatos (2003), se circunscreve à produção interna dos órgãos fonoarticulatórios, a partir dos quais é possível identificar características da voz, tais

como timbre, ressonância e ritmo. A cinésica, por sua vez, se concentra no que comunicam os movimentos ou posições externas observáveis, tanto nas expressões faciais como na postura corporal dos sujeitos que interagem.

Como mostra a Figura 25, é nessa perspectiva integradora que o presente estudo se propõe a analisar, do ponto de vista da tríade dialógica da epistemologia interacional, a forma como convergem elementos verbais, paralinguísticos e cinésicos na construção social do discurso, partindo da ativação provocada por conteúdos que circulam nas redes sociais digitais, em momentos de mobilização eleitoral, especialmente as denominadas *fake news*.



4.4 Método

Foram criados três grupos focais, integrados por quatro participantes cada um, partindo de dois critérios: que os participantes contassem com estudos universitários e que tivessem manifestado, publicamente, sua adesão aos candidatos do segundo turno da eleição presidencial do Brasil, isto é, Jair Messias Bolsonaro (à época PSL) ou Fernando Haddad (PT). Dessa forma, o *grupo focal A* ficou integrado por quatro eleitores de Fernando Haddad, o *grupo focal B* foi formado por quatro eleitores de Jair Bolsonaro e o *grupo focal C* ficou integrado por dois eleitores de ambos os candidatos.

Os grupos focais foram realizados no período de maior mobilização da campanha presidencial, isto é, uma vez concluído o primeiro turno —7 de outubro de 2018— e antes do segundo turno —28 de outubro de 2018—. Foram desenvolvidos em uma sala fechada, sem interrupção alguma, sendo mediados pelo pesquisador, cuja função era apresentar, em uma tela, uma série de postagens do *Facebook*, e solicitar para os participantes conversarem abertamente sobre o conteúdo dessas postagens.

Tendo em vista que o estudo visava identificar elementos, não apenas verbais ou linguísticos, mas também paralinguísticos e cinésicos, a dinâmica comunicacional de cada grupo focal foi gravada em vídeo com o consentimento livre e esclarecido dos participantes.

Os critérios de escolha das postagens apresentadas para o grupo focal A, integrado pelos eleitores de Fernando Haddad, assim como a sequência de apresentação dessas postagens, aparece no Quadro 8:

Quadro 8 – Sequência interacional grupo focal A: Fernando Haddad

Sequência	Conteúdo da postagem	Critério de escolha
1	Vídeo oficial de apresentação do candidato emanado da campanha, que contém a narrativa do candidato, construída a partir do ataque ao adversário	Primeiro vídeo a aparecer no horário eleitoral após o primeiro turno das eleições. Fonte: Central M.O., canal do <i>Youtube</i> de 363 mil inscritos. Visualizações: 212.899. Data de publicação: 12 de outubro de 2018.
2	Proposta de Educação	Extraída do programa de governo
3	Fernando Haddad se dirige ao eleitores	Fonte: site de Fernando Haddad; <i>shares</i> : 10.476; comentários: 4,6 mil
4	Proposta de Emprego	Extraída do programa de governo
5	<i>Fake news</i> promovida por alguns eleitores do adversário	<i>Fernando Haddad, Manuela D'Ávila e o PT são os autores do kit-gay</i>
6	Proposta de Integração Regional	Extraída do programa de governo
7	<i>Fake news</i> promovida por alguns eleitores do adversário	<i>Fernando Haddad foi presenteado com uma Bíblia no Ceará que foi logo depois achada no lixo</i>
8	Proposta de Meio Ambiente	Extraída do programa de governo
9	Postagem de encerramento	Conteúdo textual: Você teria coragem de repetir em voz alta para seus amigos e familiares as falas do seu candidato como se fossem suas?

Fonte: Dados da pesquisa

Os critérios de escolha das postagens apresentadas para o grupo focal B, integrado pelos eleitores de Jair Bolsonaro, assim como a sequência de apresentação dessas postagens, aparecem no Quadro 9:

Quadro 9 – Sequência interacional grupo focal B: Jair Bolsonaro

Sequência	Conteúdo da postagem	Critério de escolha
1	Vídeo oficial de apresentação do candidato emanado da campanha, que contém a narrativa do candidato, construída a partir do ataque ao adversário	Primeiro vídeo a aparecer no horário eleitoral após o primeiro turno das eleições em 7 de outubro. Fonte: Central M.O., canal do <i>Youtube</i> de 363 mil inscritos. Visualizações: 89.626. Data de publicação: 11 de outubro de 2018.
2	Proposta de Educação	Extraída do programa de governo
3	Jair Bolsonaro se dirige aos eleitores	Fonte: Canal Jornalistas Livres (34 mil inscritos); data de publicação: 21 de outubro; visualizações: 54.820
4	Proposta de Emprego	Extraída do programa de governo
5	<i>Fake news</i> promovida por alguns eleitores do adversário	<i>Jair Bolsonaro acabará com o décimo-terceiro e a licença de maternidade</i>
6	Proposta de Integração Regional	Extraída do programa de governo
7	<i>Fake news</i> promovida por alguns eleitores do adversário	<i>Jair Bolsonaro armará a população para atirar em mulher, negro e gay</i> . Formato: paródia. Fonte: canal do <i>Youtube</i> do humorista cristão Jhonatan Nemer
8	Proposta de Meio Ambiente	Extraída do programa de governo
9	Postagem de encerramento	Conteúdo textual: Você teria coragem de repetir em voz alta para seus amigos e familiares as falas do seu candidato como se fossem suas?

Fonte: Dados da pesquisa

O grupo focal C ou misto, integrado pelos eleitores de ambos os candidatos, também teve um planejamento sequencial das postagens, parecido com o dos grupos focais A e B; porém, a dinâmica conversacional fez com que a discussão ao redor das primeiras postagens se prolongasse, com a anuência proposital do facilitador, conseguindo abordar apenas as postagens apresentadas no Quadro 10:

Quadro 10 – Sequência interacional grupo focal C: grupo misto

Sequência	Conteúdo da postagem	Critério de escolha
1	Vídeo oficial da campanha de Jair Bolsonaro	Primeiro vídeo a aparecer no horário eleitoral após o primeiro turno das eleições em 7 de outubro. Fonte: Central M.O., canal do <i>Youtube</i> de 363 mil inscritos. Visualizações: 89.626. Data de publicação: 11 de outubro de 2018.
2	Vídeo oficial da campanha de Fernando Haddad	Primeiro vídeo a aparecer no horário eleitoral após o primeiro turno das eleições. Fonte: Central M.O., canal do <i>Youtube</i> de 363 mil inscritos. Visualizações: 212.899. Data de publicação: 12 de outubro
3	Jair Bolsonaro se dirige aos eleitores	Fonte: Canal Jornalistas Livres (34 mil inscritos); data de publicação: 21 de outubro; visualizações: 54.820
4	Fernando Haddad se dirige ao eleitores	Fonte: site de Fernando Haddad; <i>shares</i> : 10.476; comentários: 4,6 mil
5	<i>Fake news</i> promovida por alguns eleitores de Fernando Haddad	<i>Jair Bolsonaro acabará com o décimo-terceiro e a licença de maternidade</i>
6	<i>Fake news</i> promovida por alguns eleitores de Jair Bolsonaro	<i>Fernando Haddad, Manuela D'Ávila e o PT são os autores do kit-gay</i>
7	Postagem de encerramento	Conteúdo textual: Você teria coragem de repetir em voz alta para seus amigos e familiares as falas do seu candidato como se fossem suas?

Fonte: Dados da pesquisa

É importante esclarecer que as postagens relacionadas aos programas de governo dos candidatos, que aparecem nos Quadros 8, 9 e 10, não circulavam como tais nas redes sociais digitais; foi por essa razão que, para efeitos do estudo, foram selecionados trechos textuais dos programas de cada candidato e criadas postagens de *Facebook*, utilizando uma fotografia pública do candidato, como mostram as Figuras 26 e 27.

Figura 26 – Proposta de integração regional de Fernando Haddad



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 27 – Proposta de integração regional de Jair Bolsonaro



Fonte: Dados da pesquisa

Foi realizada a transcrição, tanto do conteúdo falado ou escrito das postagens como das conversações, constituindo dessa maneira um corpus textual por cada grupo focal, que posteriormente foi segmentado em unidades contextuais de registro (UCR). De acordo com Bardin (2011), definimos uma unidade contextual de registro como o excerto ou fragmento de uma fala, que possui coerência semântica no quadro de uma conversação e que independe da sua quantidade de palavras ou da sua estrutura sintática.

O conteúdo segmentado em UCR dos três grupos focais foi transferido a uma grade de observação (vide Figura 28), criada com o propósito de identificar os seguintes elementos relacionados à tríplice estrutura do discurso interativo (Poyatos, 1992, 2003): i) tipo de postagem; ii) as UCR correspondentes a cada emissor ou participante; iii) cognema ou ideia ao redor do qual foi construída cada UCR; iv) *topos* ou princípio de argumentação de cada conjunto de UCR; v) elementos intencionais da mensagem contidos em cada UCR, tais como ironia, caricaturização ou suposição; vi) elementos paralinguísticos como o riso, a repetição involuntária ou muleta e as mudanças no tom da voz dos participantes; e vii) mudanças na expressão facial ou na postura corporal dos participantes.

A Figura 28 mostra que, ao se tratar de um exercício observacional, que levou em consideração, não apenas a verbalização de conteúdos, mas também elementos paralinguísticos e cinésicos, foi necessário usar um código que permitisse evidenciar mudanças no percurso da conversação, comumente sutis, que não podem ser captadas na transcrição de um texto falado. Por essa razão, foi utilizada a letra grega *delta* (Δ) para identificar a existência de uma mudança, criando assim uma cartografia comunicacional visualizável da forma como se desenvolveu a conversação, e dos focos ao redor dos quais se concentrou o que Marková (2006) denomina tensão dialógica.

12), que não necessariamente foram expressos pelos participantes —geralmente são tácitos—, mas que operaram como ponto de partida do exercício conversacional, como ideias geralmente admitidas e não contestadas *ad intra* grupo. A importância de um *topos*, no quadro de um exercício conversacional, pode se evidenciar a partir do número de unidades contextuais de registro (UCR) que agrupa.

Tabela 12 – Topoi identificados no exercício conversacional dos grupos focais

Grupo focal	Topoi identificados	Unidades Contextuais de registro (UCR)
A: eleitores Fernando Haddad	Palavra dada é palavra honrada	27
	O governo do PT melhorou o Brasil	18
	As ideias podem ser atacadas; as pessoas não	17
	Não se pode acreditar em <i>fake news</i>	17
	Bolsonaro legitima o preconceito	12
	A direita brasileira tem moral dupla	12
	Os ricos votam em Bolsonaro	10
	O pensamento latino-americano é colonial	10
	O Brasil é um país desigual	8
	A homossexualidade não se aprende	8
	A escola educa contra o preconceito	7
	Bolsonaro não pensa nos jovens	7
	A educação sexual evita a gravidez precoce	5
B: eleitores Jair Bolsonaro	A legítima defesa é um direito	35
	Lula tem interesses pessoais	22
	O setor privado é mais confiável que o setor público	21
	A soberania do Brasil é inegociável	18
	A mídia brasileira é tendenciosa	13
	A educação desenvolve competências	12
	O Bolsa Família cria assistencialismo	11
	Um professor merece respeito	11
	A esquerda representa pobreza e desemprego	10
	A história do Brasil é contada pela esquerda	9
	A propriedade privada é sagrada	9
	O Brasil é um estado de direito	9
	Bolsonaro é uma opção de mudança	8
	A escola militar fomenta a disciplina	7
A esquerda é traiçoeira	5	
A universidade pública é de esquerda	2	
O décimo-terceiro é um direito	2	
C: grupo focal misto	Bolsonaro legitima atos de violência dos seus eleitores	103
	A ideologia de gênero é uma armadilha	92
	Uma criança é influenciável	62
	Mestre Moa foi assassinado por motivações políticas	54
	O Brasil é um estado laico	48
	A mídia tradicional é de esquerda	38
	A política brasileira é corrupta	32
	É possível conviver com a diferença	27
	Bolsonaro combate a corrupção	26
	O medo coíbe a liberdade de expressão política	18
	O Foro de São Paulo espalha o comunismo na América Latina	17
	A propaganda política convence os eleitores	15
	No <i>Facebook</i> há perseguição política	10
	Bolsonaro é um político tradicional	9
O povo da zona Sul é de esquerda	9	
Bolsonaro combate a diferença	7	
A universidade pública é de esquerda	5	

Tabela 12 – Topoi identificados no exercício conversacional dos grupos focais

Grupo focal	Topoi identificados	Unidades Contextuais de registro (UCR)
	O desemprego é consequência do PT	4
	O pobre vota em Bolsonaro	4
	Bolsonaro é um político incompetente	3

Fonte: Dados da pesquisa

Chama a atenção que uma mesma postagem pudesse ativar *topoi* diferentes, dependendo da orientação ideológica do grupo ou de sua dinâmica tensional, como aconteceu no grupo misto. A modo de exemplo, a Tabela 13 mostra que a postagem, segundo a qual Fernando Haddad, Manuela D’Ávila e o PT foram os autores de algo chamado *kit-gay*³⁵, ativou *topoi* diferentes, tanto no grupo focal A —eleitores de Fernando Haddad— como no grupo focal misto, desencadeando a construção conversacional de entinemas ou mecanismos retóricos de argumentação distintos, com intensidades diversas: enquanto a postagem produziu riso e deboche no grupo dos eleitores de Fernando Haddad, no grupo misto, essa mesma postagem gerou um dos maiores momentos de tensão verbal, paralinguística e cinésica de todo o exercício.

A Tabela 13 também permite evidenciar que, no grupo misto, o valor absoluto de unidades contextuais de registro (UCR) e de cognemas ou objetos ao redor dos quais girou a dinâmica conversacional, foi maior do que no grupo focal dos eleitores de Fernando Haddad, o que pode ser interpretado da seguinte maneira, nos termos do “duelo argumentativo” da erística schopenhaueriana: enquanto no grupo que é ideologicamente similar os *topoi* aparecem conforme os participantes vão compartilhando seus pontos de vista, gerando-se dessa forma uma dinâmica comunicacional que podemos chamar de *convergência topológica gradativa*, no grupo misto há um confronto e, por conseguinte, uma intencionalidade de demonstrar a veracidade e plausibilidade dos *topoi* defendidos.

³⁵ A expressão *kit-gay* popularizou-se no Brasil a partir da fala do então candidato Jair Messias Bolsonaro, que no Jornal Nacional da Rede Globo de 28 de agosto de 2018, mostrou um exemplar do livro *Aparelho Sexual e Cia*, do autor suíço Philippe Chappuis, associando-o a uma iniciativa que incentivava a sexualidade precoce nas crianças e que, segundo ele, tinha sido promovida pelo Ministério da Educação, quando o candidato Fernando Haddad comandava a pasta. Na verdade, tratava-se de um livro traduzido e lançado pela editora *Companhia das Letras* em 2007; à época, 28 exemplares desse livro foram comprados pelo Ministério da Cultura e distribuídos em bibliotecas públicas. Em 2011, o Ministério da Educação tinha financiado uma cartilha de orientação sexual para professores, no quadro do programa *Escola sem Homofobia*, cuja versão impressa finalmente não foi distribuída, dada a pressão da bancada evangélica. Em 15 de outubro de 2018, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) determinou a remoção de vídeos que contivessem a associação da expressão *kit-gay* ao candidato Fernando Haddad, ao considerá-los uma notícia falsa que prejudicava o debate político.

Tabela 13 – Ativação de *topoi* a partir de uma mesma postagem

Grupo	<i>Topoi</i>	Unidades contextuais de registro (UCR)	Cognemas
Eleitores	A direita brasileira tem moral dupla	12	7
F. Haddad	A educação sexual evita a gravidez precoce	5	4
	A homossexualidade não se aprende	8	3
Grupo	Uma criança é influenciável	62	13
focal misto	O Brasil é um estado laico	48	10
	A ideologia de gênero é uma armadilha	92	21

Fonte: Dados da pesquisa

Que os *topoi* presentes no grupo de Fernando Haddad não apareçam no grupo misto não significa que os participantes não os compartilhem; muito pelo contrário, ao analisar o conteúdo das falas dos participantes pró-Haddad, do grupo misto, é possível evidenciar que existe sim uma sintonia com os do grupo ideologicamente similar, mas no exemplo referido foram primeiramente os eleitores pró-Bolsonaro que trouxeram para o centro da conversação os seus próprios *topoi*, tornando-os eixo das premissas de argumentação, justificação e contestação, e criando uma consequente divergência topológica.

Nessa ordem de ideias, ao cruzar os *topoi* identificados em cada grupo focal, com sua fonte de ativação, quer dizer, uma postagem que contém informação falsa ou uma postagem que contém informação emanada diretamente dos programas de governo, foi possível observar, como mostra a Tabela 14, maior aglutinação de unidades contextuais de registro (UCR) ao redor das *fake news*, especialmente no grupo misto, o que se explica pela necessidade de contestação constante do *topos* contrário e de defesa do *topos* próprio no processo de construção dos entinemas, entendidos como mecanismos retóricos de argumentação que servem para “demonstrar a verdade” de um fato.

Tabela 14 – Cruzamento de *topoi* com fonte de informação das postagens ativadoras

Grupo focal	Informação falsa (<i>fake news</i>)		Informação de fonte oficial	
	<i>Topoi</i>	UCR	<i>Topoi</i>	UCR
Fernando Haddad	5	49	8	109
Jair Bolsonaro	4	46	14	146
Misto	5	215	15	368

Fonte: Dados da pesquisa

Porém, é importante esclarecer que nem todos os conteúdos catalogados como *fake news* geraram esse tipo de tensão dialógica ao redor da construção do objeto; essa tensão depende do *topos* ativado, e este, por sua vez, do grau de verossimilhança da informação apresentada. O caso específico da bíblia, supostamente jogada no lixo por Fernando Haddad no Ceará após ter sido apresentado por um eleitor cristão, confirma essa observação. Na postagem, cujo título era *Absurdo!* (em letras vermelhas), *Bíblia que Haddad recebeu de presente é achada no lixo*,

aparece um jovem acima de 20 anos, que se identifica como @andrefernm³⁶ e que interpela Fernando Haddad nos seguintes termos:

E olha só o que foi achado hoje no chão da Praça do Ferreira, a mesma bíblia sagrada que ele recebeu de presente, e antes que você diga que eu estou com mentira, está aqui a dedicatória: “Para meu futuro presidente Haddad. Com muita fé na vitória. Grato, Erineldo, PT Acarati – CE. Em vinte do dez de 2018. Fortaleza- Ceará”. Assinado pelo tal Erineldo. Tá aqui a prova! Antes que você diga que eu tô com mentira, tô com fake news, tá aqui, pode vir que lhe mostro. Agora fica aqui meus questionamentos pro Haddad. Haddad, cadê teu compromisso com teus eleitores? (Grupo Focal A, postagem 7).

4.5.2 Vetor de análise 2: Relação de alteridade

No que tange ao segundo vetor de análise, isto é, à *relação de alteridade* que as postagens suscitaram nos grupos focais, é importante destacar que a grade de observação aplicada permitiu evidenciar concentração de códigos *delta* (Δ) no campo paralinguístico e cinésico do grupo misto e dispersão de códigos *delta* (Δ) nos grupos ideologicamente similares. Esses códigos, ao estarem aglutinados ao redor de elementos observáveis, que não ficam expressos na construção verbal dos entinemas o mecanismos de argumentação, operaram a modo de termômetro da tensão dialógica, medindo a “temperatura” do exercício conversacional.

A concentração ou aglutinação de códigos *delta* (Δ) não é observável nos grupos ideologicamente similares, porque neles não existe o confronto próprio do duelo argumentativo e, por conseguinte, não há *alterações sequenciais* no tom da voz dos participantes, nas suas expressões faciais ou na sua postura corporal. Nesses grupos observam-se, apenas, focos isolados, não sequenciais, de tensão paralinguística e cinésica, tais como a ironia acompanhada de riso coletivo, o surgimento e acolhimento de expressões afetivas espontâneas e o respeito até mesmo do dissenso, quando enquadrado na esfera da opinião pessoal, que não compromete nem ameaça os *topoi* fundamentais do exercício argumentativo do grupo.

Duas situações específicas contribuem para a exemplificação dessa tensão focal nos grupos ideologicamente similares. A primeira aconteceu no grupo dos eleitores do candidato Fernando Haddad, quando uma participante, emocionada pelo conteúdo de uma postagem que abordava atos de violência por motivações políticas, começou a chorar; os outros participantes a acolheram em silêncio e permitiram que se expressasse, incorporando, gradualmente, a

³⁶ Após um processo de comprovação feito no quadro do presente estudo, o jovem foi identificado como André Fernandes, deputado estadual do Ceará eleito em 2018 pelo PSL, mas para os participantes do grupo focal era apenas um jovem com sotaque nordestino.

externalização de sua emoção ao exercício conversacional, que tinha sido ativado pela postagem.

A segunda situação aconteceu no grupo dos eleitores do candidato Jair Bolsonaro, quando um dos participantes, após contar para o grupo que pertencia a uma família de militares, aduziu ser contrário à liberação do porte de armas, porque considerava que os brasileiros não estavam preparados para isso. Mesmo sendo uma posição que não estava em sintonia com o *topos* dominante do exercício conversacional do grupo —*a legítima defesa é um direito*—, a opinião do participante não gerou confronto e foi acolhida como uma posição que, mesmo sendo contrária, era aceita no quadro da dinâmica conversacional construída.

Já no grupo misto, a presença real —não imaginada ou referida— de um “outro” ideologicamente contrário, além de gerar a divergência topológica a que fazíamos referência na construção verbal do objeto, propiciou uma tensão *in crescendo*, caracterizada por alterações sequenciais decorrentes da conjunção de elementos linguísticos, paralinguísticos e cinésicos. Esses elementos foram evidenciados na grade de observação a modo de indicadores de desconforto acumulado ao longo do exercício conversacional, como de fato aconteceu com um dos participantes, cuja postura corporal refletia o mal-estar que lhe produzia estar no meio do exercício e seu aparente desejo de se distanciar da mesa onde estava acontecendo a conversação.

Chamam a atenção dois elementos na construção argumentativa da dinâmica conversacional, atrelados a elementos paralinguísticos, como a mudança no tom da voz, ou cinésicos, como a expressão facial, não só de quem se expressa, mas também de quem age como interlocutor. O primeiro tem a ver com a forma como se desqualifica o argumento do adversário, se utilizando de figuras linguísticas próximas da caricatura: “*No primeiro turno o objetivo era rotular o Bolsonaro de fascista, taxista, bicicletista, tudo o que fosse ‘ista’, não conseguiram (...) terminou o primeiro turno, agora é os eleitores de Bolsonaro*” (Grupo Focal C, postagem 2).

O segundo elemento está associado à carga afetiva, presente na sequencialidade da argumentação, que se evidencia na adjetivação do objeto ao redor do qual se constroem os entinemas, entendidos como mecanismos retóricos de argumentação: “*Então, o fato de essas pessoas, que coincidentemente vão votar em Bolsonaro estarem fazendo coisas horrendas, não significa que ele não é mais uma pessoa horrível; enfim, minha opinião, para mim, ele é uma pessoa horrível*” (Grupo Focal C, postagem 2).

Contudo, a maior aglutinação de códigos *delta* (Δ) no grupo misto não se apresentou em torno da caricaturização ou da adjetivação, senão dos momentos caracterizados pelo que poderíamos denominar *picos de divergência topológica*, isto é, quando os participantes

tentaram confirmar com provas argumentativas a verdade dos seus *topoi*, o que acirrou os ânimos e inflamou a disputa. A seguir, apresenta-se um exemplo da divergência topológica, associada ao assassinato do mestre Moa do Katendê em Salvador (Bahia),³⁷ partindo da leitura da grade de observação, que levou em consideração tanto a transcrição das falas como os elementos paralinguísticos e cinésicos envolvidos na tensão dialógica; o participante pró-Bolsonaro está identificado com a letra B e a participante pró-Haddad com a letra H (Grupo Focal C, postagem 2):

- H: —Matar é pior ainda...
- B: —Mas quem é que morreu por conta disso? Quem morreu por conta disso, fala aí?
- H: —Mestre Moa...
- B: —Quem?
- H: —Mestre Moa morreu por conta disso.
- B: —O cara da Bahia?
- H: —É...
- B: —Você não está vendo jornal não? [B esfrega as mãos; B franze o cenho; B muda o tom da voz]
- H: —Então, e porque assim, eu não sei qual é sua fonte... [interrupção de B]
- B: —[B fala simultaneamente] Não, a minha fonte é a Globo, é internet...
- H: —[H fala simultaneamente]...porque ela é diferente da minha, mas o assassino dele assumiu motivação política [interrupção de B; B muda expressão facial; B muda tom da voz]
- B: —[B fala simultaneamente] Você não deve ter visto a reportagem...
- H: —[H fala simultaneamente] ...e os amigos do mestre Moa que estavam com ele assumiram também [H finaliza afirmação com tom desafiador] [H fixa o olhar no chão e abstrai-se do confronto] [B permanece em silêncio e observa]
- B: —Mas se você falar isso, continuar afirmando isso, isso é um absurdo, [B franze o cenho; B usa um tom de voz mais enfático; B muda a postura corporal; B percebe-se irritado] porque você pode pegar seu celular, ver a entrevista dele nas tevês todas entrevistando, perguntando para ele, e ele falou, tá lá gravado [B eleva o tom da voz], e você fala isso!
- H: —[interrupção de H] [H muda expressão facial] Tá bom, eu vi outra coisa, são fontes diferentes, né?
- B: —Não, você deve ter visto alguém falando como você está falando, você não viu a fonte, [clímax da irritação: B levanta o tom da voz; B reforça sua gestualidade com as mãos; B franze o cenho] porque é um absurdo, é um absurdo chegar aqui e repetir isso quando já está mais do que provado, ele falando nas entrevistas, e aí você fala, como é que vou dar credibilidade a isso se tá notório, é notório que você não viu ele falando isso...
- H: —[interrupção de H] Eu vi em outros lugares...
- B: —[interrupção de B] e se viu está distorcendo...
- H: —[H continua com o mesmo tom enfático] é, mas aí sabe o que é que faz, credibilidade de fonte também.
- B: —[Interrupção de B] Pera aí, pera aí, veja bem...
- H: —Você dá credibilidade para algumas fontes e eu dou para outras, porque a gente tem uma divergência.

³⁷ Em 7 de outubro de 2018 foi assassinado o mestre de capoeira e compositor Romualdo Rosário da Costa, de 63 anos, conhecido como Moa do Katendê, em um bar localizado na comunidade de Dique Pequeno, no Engenho Velho de Brotas (Salvador-BA). Segundo o inquérito policial divulgado em 17 de outubro pela Secretaria de Segurança Pública da Bahia, Sérgio Ferreira de Santana, de 36 anos, agindo por motivações político-partidárias, desferiu 12 facadas na vítima. O assassino entregou-se à polícia e, interpelado inicialmente pela imprensa, disse que o homicídio tinha acontecido no quadro de uma briga supostamente gerada por um xingamento: “*esse senhor me chamou de viado, de viadinho negro*”, manifestou. (Fontes: Jornal A Tarde, 8 de outubro de 2018; G1, 18 de outubro de 2018).

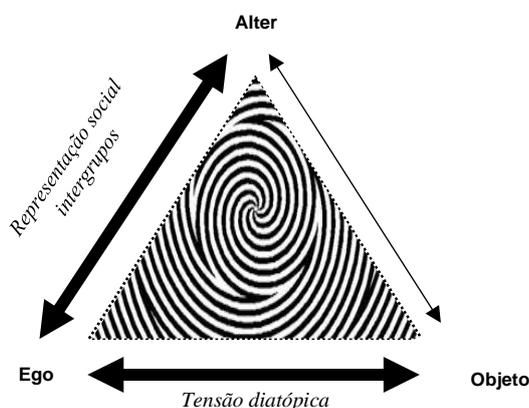
- B: —A questão é fontes, é pessoas falando, e a pessoa que fala? [interpelação de B]
É ele falando...
- H: —Tudo bem [H muda tom], tudo bem, aonde eu vi, aonde eu vi [reiteração nervosa de H] o depoimento dele é outro, diferente do seu...
- B: —Então como é que a mesma pessoa pode dar dois depoimentos diferentes, gravar...
- H: —[interrupção de H] Ah, é muito fácil...
- B: —[tom enfático de B] Gravado!
- H: —É muito fácil...
- B: —[tom ainda mais enfático de B] não, gravado!
- H: —...é muito fácil é muito fácil mesmo [reiteração nervosa de H], e mais agora com as fake news, você vê os dois lugares...
- B: —Aí fica muito complicado. Veja só, aí fica difícil a gente chegar a um acordo,
- H: —[interrupção de H] Não vamos, realmente...
- B: —não vamos chegar a um acordo

4.6 Discussão

O presente estudo teve como objetivo analisar, do ponto de vista tanto psicossocial como comunicacional, o fenômeno de disseminação de informação falsa (*fake news*) nas redes sociais digitais, em momentos de mobilização eleitoral, extrapolando a dinâmica de antagonismo de perfis, própria do ecossistema digital, a um exercício real de conversação entre participantes afins aos dois candidatos do segundo turno da eleição presidencial do Brasil em 2018.

Como explicado no primeiro capítulo da presente tese, o delineamento do estudo partiu da premissa, largamente difundida no campo da teoria das representações sociais, segundo a qual o conhecimento social é um processo interacional, que se constrói na tríade *Ego-Alter-Objeto*. Nessa perspectiva, optamos por construir uma ponte teórica entre o enfoque da epistemologia interacional das representações sociais, desenvolvida por Ivana Marková a partir do conceito de dialogicidade, com a retórica como arte prática do discurso, levando em consideração elementos verbais (*topoi*), paralinguísticos e cinésicos.

Figura 29 – Tensão dialógica de um ecossistema digital



Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados da pesquisa

Como mostra a Figura 29, a leitura dos resultados nos levou a inferir que, em momentos de mobilização coletiva, uma rede social digital se comporta como um campo representacional regido pela lógica tensional da tríade *Ego-Alter-Objeto*, o que pode se explicar da seguinte forma: no que diz respeito à relação *Alter-Ego*, o vetor tensional se forma a partir da premissa psicossocial da representação social intergrupos; e no que tange à relação *Ego-Objeto*, o vetor tensional aparece no quadro de um fenômeno comunicacional que doravante denominaremos tensão diatópica.

À diferença das representações sociais baseadas em crenças e caracterizadas pela relação *Alter-Ego*, ou das representações sociais embasadas em conhecimentos e construídas na relação *Ego-Objeto*, que abordamos no marco teórico do presente estudo, o campo representacional de um ecossistema digital, nas condições de mobilização coletiva supracitadas, leva em consideração a *intensidade de ambas as relações*, sem privilegiar uma em detrimento da outra, toda vez que se trata de uma dinâmica tensional, caracterizada pelo que poderíamos denominar simultaneidade dialógica. A seguir, desenvolveremos a análise de ambos os vetores tensionais, quer dizer, o vetor psicossocial, a partir da representação social intergrupos, e o vetor comunicacional, a partir da tensão diatópica:

4.6.1 Rede social digital e representação social intergrupos

A psicologia social aborda a identidade social como um sentimento de semelhança entre as pessoas de uma mesma pertença, em cujo processo de configuração convergem tanto a categorização como a comparação social. Como explica Marques (1988), a *categorização social* faz com que um grupo crie esquemas de simplificação e generalização, que guiam as ações e conceitos sobre si próprio e sobre os outros grupos; a *comparação social*, por sua vez, acontece quando o endogrupo afirma a sua própria identidade, distanciando-se das outras e criando uma representação social do exogrupo, que além de produzir julgamentos e práticas, contribui para a busca de uma identidade social positiva.

Como vimos no início do estudo, essas representações denominam-se *representações sociais intergrupos* e se caracterizam por i) estar embasadas na natureza cooperativa ou competitiva da relação; e ii) firmar-se, segundo critérios de atribuição, ao redor de estereótipos ou simplificações do outro.

Esses estereótipos, em termos cognitivos e avaliativos, além de serem considerados os elementos mais consensuais das representações sociais intergrupos, estão diretamente

associados às funções práticas da interação, isto é, justificam o comportamento de um grupo em relação ao outro, antecipam esse comportamento e contribuem para sua explicação.

No caso específico do estudo realizado com os grupos focais, essas três funções — justificativa, antecipatória e explicativa— das representações sociais intergrupos tensionaram ainda mais a dinâmica *Alter-Ego*, especialmente no grupo misto, o que se evidenciou, tanto na atribuição de traços estereotipados aos eleitores do grupo contrário, como no desenvolvimento do exercício argumentativo, caracterizado pela prevalência dos *topoi* de um grupo em lugar dos *topoi* do outro.

Essa dinâmica tensional *Alter-Ego*, se extrapolada a um ecossistema digital entendido como campo representacional, materializa-se nos antagonismos identitários dos perfis digitais que, como afirma Malini (2017), se aglutinam ao redor de perspectivas ou pontos de vista comuns e lutam pela hegemonia de suas narrativas. Note-se, então, que o conceito de *luta* remete a uma relação competitiva endogrupo-exogrupo, o que acaba acirrando, ainda mais, a tensão dialógica desses dois vértices da tríade *Ego-Alter-Objeto* em momentos de mobilização coletiva. Parafraseando Fiske (1998), em uma situação de conflito, o exogrupo representa uma ameaça para o endogrupo, o que favorece o surgimento de preconceitos, entendidos como atitudes hostis relacionadas ao simples fato da pertença ao grupo contrário.

4.6.2 Tensão diatópica como fenômeno comunicacional

A transcrição do último exemplo apresentado nos resultados, evidencia a divergência surgida a partir da interpretação da morte do mestre Moa do Katendê, materializando a tensão dialógica, não apenas do *Ego-Alter*, de dois participantes com orientações ideológicas diferentes, mas também do *Ego-Objeto*, no quadro do campo representacional de uma rede social digital. Por essa razão, mais do que uma tensão dialógica, optamos por denominá-la *tensão diatópica*. O termo diatópico refere-se à procedência de dois lugares; Santos (2000, 2004) fala em “hermenêutica diatópica” para fazer alusão ao diálogo intercultural, que emana de procedimentos de tradução de saberes pertencentes a sistemas culturais diversos.

No caso específico do estudo realizado e de sua consequente extrapolação ao campo representacional das redes sociais digitais, em momentos de mobilização coletiva, definimos a tensão diatópica como um *fenômeno retórico*, isto é, comunicacional, que se gera a partir do princípio do *Ego-Alter-Objeto*, e que possui quatro variáveis tensionais interdependentes, nomeadamente, i) divergência topológica, ii) heteroglossia situacional, iii) intensidade afetiva

e iv) aparente percepção de controle fático: variáveis que acabam se materializando na construção de narrativas antagônicas.

A *divergência topológica* refere-se à dificuldade ou, mesmo impossibilidade, de construir campos semânticos comuns, porque o exercício argumentativo, independentemente de sua intencionalidade demonstrativa, persuasiva, refutativa ou dissuasiva, situa-se em *topoi* ou princípios de justificação inferencial irreconciliáveis.

Considerada como antecedente da divergência topológica, a *heteroglossia situacional* pode ser definida como a elasticidade linguística, que os grupos têm para se referirem de formas diferentes a um objeto em termos de descrição e atribuição de características, construindo imagens consensuais desse objeto no grupo através das palavras utilizadas. No quadro do estudo desenvolvido, a *heteroglossia situacional* pode ser exemplificada na coexistência de formas diversas de nomeação do *kit-gay*: enquanto para os eleitores de Bolsonaro, a forma de nomeação remete a material paradidático tangível e observável, para os eleitores de Haddad, trata-se de um objeto inexistente construído pela imaginação distorcida dos adversários.

A *intensidade afetiva*, por sua vez, pode ser externalizada verbalmente a partir da adjetivação, ou por meio da identificação de elementos paralinguísticos e cinésicos, que a linguagem verbal não capta. No campo representacional das redes sociais digitais, em momentos de mobilização coletiva, presume-se intensidade afetiva a partir da presença de *emojis* ou ideogramas que conotam emoções básicas como surpresa, nojo, medo, felicidade, tristeza ou ira, mas corre-se o risco de ser obliterada, ao não ser verbalmente expressa. No estudo realizado, com a aplicação da grade de observação, foi possível evidenciar que a tensão diatópica se forma, não apenas a partir de elementos cognitivos verbalizados associados à argumentação, mas também da intensidade afetiva observável na aglutinação de códigos *delta* (Δ), que apontavam para alterações sequenciais do riso, o tom da voz, a expressão facial e a postura corporal, decorrentes do exercício argumentativo.

Por fim, a *aparente percepção de controle fático* pode ser definida como a impressão compartilhada pelos membros de ambos os grupos de possuírem, tanto os meios quanto as evidências, que comprovam a veracidade ou falsidade de um fato, partindo da possibilidade de acesso irrestrito às fontes de informação que a *Internet* propicia. Esse critério antinômico verdadeiro/falso torna-se crivo do princípio de realidade, construído pelo grupo e fator orientador do seu repertório de *topoi*, toda vez que o que está em jogo é, acima de tudo, um exercício argumentativo sobre a vida cotidiana tal e como os membros do grupo a percebem.

No caso específico das *fake news*, poder-se-ia inferir que a dinâmica comunicacional gerada pela sua disseminação, estaria apenas associada a essa aparente percepção de controle

dos fatos, caracterizada pela fidedignidade das fontes que os provariam ou pela contundência das evidências que os contestariam; porém, ao se tratar de uma variável ou vetor tensional interdependente, essa aparente percepção de controle dos fatos não pode se desconectar da divergência topológica, da heteroglossia situacional e da intensidade afetiva, inerentes à tensão diatópica, toda vez que se trata de princípios comunicacionais basilares do ecossistema digital do ponto de vista retórico, isto é, de produção do discurso argumentativo.

Em síntese, a abordagem de uma rede social digital, em momentos de mobilização coletiva, no quadro da premissa segundo a qual o conhecimento social é um processo interacional que se constrói na tríade *Ego-Alter-Objeto*, deve partir da concepção de ecossistema digital como campo representacional, no qual prevalecem tanto relações de tensão identitárias (*Ego-Alter*) como relações de tensão diatópica (*Ego-Objeto*). No caso específico das *fake news*, o atrelamento de ambos os tipos de relações é evidente, porque se trata de conteúdos que geram conflito, envolvendo a identidade social dos grupos que os disseminam e defendem, tanto quanto os mecanismos discursivos utilizados no processo de argumentação.

EPÍLOGO

No âmbito da literatura e do teatro, é comum fazer referência ao epílogo como a parte final da narrativa ou da peça que alude ao destino dos personagens após ocorrido o desenlace, revelando fatos posteriores à ação. Optamos por usar o conceito de epílogo, no quadro da tese *Ecossistemas digitais e mobilização coletiva: as redes sociais como campo de expressão do pensamento social*, não apenas como um resumo dos achados, mas como uma reflexão teórico-metodológica sobre os ecossistemas digitais, do ponto de vista psicossocial, levando em consideração a comunicação como uma disciplina transversal que contribui para sua descrição, explicação e análise.

Iniciamos o processo de construção teórica e delineamento metodológico da presente tese problematizando a *Internet* como fenômeno comunicacional, a partir de três premissas largamente abordadas no campo das representações sociais, no intuito de responder a uma pergunta: como se produz o pensamento social em uma rede social digital face a eventos de mobilização coletiva?

Como mostra o Quadro 11, selecionamos a ocupação das escolas do estado do Rio de Janeiro em 2016 e o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil em 2018 como fenômenos de mobilização, e começamos a responder à pergunta de pesquisa de forma gradual, por meio de três estudos independentes, seguindo as premissas utilizadas no capítulo teórico inicial, o que acabou estruturando o texto de uma forma orgânica:

Quadro 11 – Premissas psicossociais vs. estudos desenvolvidos

Premissa	Estudo
A sociedade é um sistema de pensamento.	<i>Internet e mobilização coletiva: representações sociais da ocupação das escolas do Rio de Janeiro em 2016</i>
As representações sociais são condição das práticas sociais e estas, por sua vez, são agentes transformadores das representações sociais.	<i>Redes sociais digitais e construção de narrativas: o caso da ocupação das escolas do Rio de Janeiro</i>
O conhecimento social é um processo interacional que se constrói na tríade <i>Ego-Alter-Objeto</i> .	<i>Redes sociais digitais e tensão diatópica: um estudo com eleitores de Haddad e Bolsonaro</i>

Fonte: Dados da pesquisa

No primeiro estudo, intitulado *Internet e mobilização coletiva: representações sociais da ocupação das escolas do Rio de Janeiro em 2016*, analisamos o fenômeno da ocupação como um sistema representacional, do ponto de vista da abordagem estrutural das representações sociais. A triangulação das técnicas de relação entre elementos cognitivos —análise prototípica e análise de similitude *choix-par-bloc*— nos levou a inferir que, ao redor da ocupação como

fenômeno, foram construídas por parte dos estudantes duas possíveis representações sociais, predominantemente normativas, correspondentes a dois grupos diferentes dentro das escolas: os *ocupas* e os *desocupas*.

Aliás, esse primeiro estudo também se aproximou dos estudantes em termos de práticas de consumo de informação, partindo do critério psicossocial segundo o qual, uma prática pode ser vista como uma ação recorrente em termos de frequência ou, como um *modus operandi* em termos performativos, e foi possível observar que o perfil de consumo de informação dos jovens estava associado, especialmente, ao que Manuel Castells denomina autocomunicação de massas (cf. pág. 31), quer dizer, à comunicação que contém tanto um potencial de alcance global, do ponto de vista da audiência, quanto características de produção individuais.

O segundo estudo, que denominamos *Redes sociais digitais e construção de narrativas: o caso da ocupação das escolas do Rio de Janeiro*, visou analisar a dinâmica comunicacional de geração, circulação e reprodução do pensamento social em uma rede social digital, no quadro de um fenômeno de mobilização coletiva, e nos permitiu evidenciar a maneira como o formalismo espontâneo, o dualismo causal, a primazia da conclusão e a criação de analogia incidem na construção colaborativa das narrativas digitais. Esse segundo estudo, aliás, nos levou a propor uma adaptação aos ecossistemas digitais do conceito de arquitetura do pensamento social, elaborado por Michel-Louis Rouquette (cf. pág. 110), partindo de um modelo circular de interação das diferentes formas do pensamento social ativadas pelo afeto como vetor mobilizador.

Já o terceiro e último estudo, intitulado *Redes sociais digitais e tensão diatópica: um estudo com eleitores de Haddad e Bolsonaro*, analisou o fenômeno de disseminação de informação falsa (*fake news*) nas redes sociais digitais, em momentos de mobilização eleitoral, extrapolando a dinâmica de antagonismo de perfis, própria de um ecossistema digital, a um exercício real de interação conversacional face a face, levando em consideração tanto o conceito de tensão dialógica, proposto por Ivana Marková (cf. pág. 119), como elementos verbais, paralinguísticos e cinésicos na construção social do discurso.

Elaborado a partir da confluência da abordagem dialógica das representações sociais com a retórica, entendida como arte prática da argumentação, o terceiro estudo nos levou a concluir que, em um ecossistema digital, em momentos de mobilização coletiva, prevalecem tanto relações de tensão identitárias (*Ego-Alter*) entre os grupos em conflito, como relações de tensão dialógica, ao redor da interpretação que esses grupos constroem sobre um objeto determinado (*Ego-Objeto*), e para denominar essas últimas relações criamos o conceito de tensão diatópica.

A tensão diatópica seria, então, um fenômeno eminentemente retórico, associado à construção comunicacional do discurso por parte de dois grupos antagônicos, que se caracterizaria pela coexistência de quatro variáveis intimamente atreladas, a saber: i) divergência topológica ou impossibilidade de construir campos semânticos comuns; ii) heteroglossia situacional ou elasticidade linguística para fazer referência a um objeto em termos de descrição e atribuição de características; iii) intensidade afetiva, que se expressa a partir da adjetivação e de elementos não verbais; e iv) aparente percepção de controle fático ou impressão compartilhada pelos membros de ambos os grupos de possuírem tanto os meios quanto as evidências que comprovam a veracidade ou falsidade de um fato.

Ao fazermos uma leitura transversal dos resultados dos três estudos, é possível evidenciar que eles fazem referência a fenômenos pautados em termos de tensão/conflito, como de fato são abordados pela *análise perspectivista de rede* proposta por Fábio Malini (cf. pág. 40), que leva em consideração a dinâmica digital de relações de convergência e antagonismo e a consequente identificação de perspectivas que lutam pela hegemonia das narrativas.

No entanto, consideramos importante abordar uma rede social digital em momentos de mobilização coletiva, acima de tudo, como um *campo representacional*, construído no quadro de três princípios configuradores, que provêm das mesmas três premissas que nortearam a presente pesquisa do ponto de vista psicossocial: i) campo como sistema; ii) campo como relação biunívoca entre práticas e representações; e iii) campo como tensão dialógica.

Nessa ordem de ideias, no quadro do primeiro princípio configurador do campo representacional, uma rede social digital operaria como um sistema —ainda mais, como um ecossistema— porque se trata de um espaço relacional, construído a partir da comunicação. Seguindo o raciocínio de Niklas Luhmann (cf. pág. 22), trata-se de uma comunicação autopoietica, porque possui a capacidade de autorreprodução ou criação constante de novos elementos vinculados aos precedentes, o que se torna uma ponte de diálogo com a teoria das representações sociais, que pressupõe a comunicação como base da produção, circulação e reprodução do pensamento social. Foi por essa razão, que o primeiro estudo optou por abordar o fenômeno da ocupação das escolas do Rio de Janeiro como sistema representacional, identificando a relação dinâmica entre elementos cognitivos e evidenciando dois possíveis sistemas de interpretação do fenômeno por parte dos estudantes.

Que um ecossistema digital se estruture a partir da relação biunívoca entre práticas e representações, como segundo princípio configurador do campo representacional, nos leva a conceber as redes sociais digitais, não apenas como plataformas de organização e coordenação de uma ação coletiva, senão também em termos de *networked communities* ou *comunidades em*

rede, o que implica, segundo a interpretação de Barry Wellman (cf. pág. 39), a construção coletiva de uma dinâmica *online* de significados, pertencimentos e identidades.

Do ponto de vista psicossocial, isso significa que os sistemas de interpretação que os grupos constroem sobre um objeto determinado estão atravessados pela experiência, isto é, pelas práticas que esses grupos desenvolvem no mundo material. E esse foi precisamente o cerne do segundo estudo, que se concentrou na construção da narrativa e sua relação com a ocupação das escolas como uma prática de mobilização coletiva, levando-nos a coincidir com a afirmação de Friedrich von Hayek, segundo a qual, no que diz respeito às ações humanas, as coisas são o que as pessoas acham que elas são.

Já o terceiro princípio configurador dos ecossistemas digitais, como campos representacionais, seria a relação *Ego-Alter-Objeto*, entendida como unidade epistemológica ou de construção interacional do conhecimento. Seguindo o raciocínio de Antonio Castorina (cf. pág. 35), essa relação entre um sujeito e um objeto, mediada pelo outro, opera como uma conexão semiótica que, além de situar-nos no quadro de uma ação comunicativa, que acontece em um contexto social e em um horizonte temporal específicos, nos permite identificar relações de tensão, inerentes a qualquer conflito.

De fato, no terceiro estudo foi possível evidenciar, de forma mais concreta, essa relação tensional durante o exercício conversacional entre participantes de grupos ideologicamente contrários: do ponto de vista psicossocial, observamos a prevalência de uma representação social intergrupos, embasada na natureza competitiva da relação e em critérios de estereotipia ou simplificação do grupo opositor; e do ponto de vista comunicacional, evidenciamos a confluência de elementos verbais e não verbais na construção argumentativa do discurso de ambos os grupos.

A modo de síntese, então, é possível analisar um ecossistema digital, associado a uma mobilização coletiva, como um *campo representacional*, que se configura a partir dos princípios supracitados, isto é, a concepção de sistema, a relação pensamento social-práticas e a tensão dialógica. Contudo, é importante levar em consideração mais um elemento, que opera a modo de vetor ativador desse campo representacional: trata-se do afeto, entendido como experiência de tensão entre corpo, linguagem, valor e objeto.

No segundo estudo, o afeto aparece como um vetor mobilizador das diferentes formas do pensamento social, o que se faz particularmente evidente na construção das narrativas e na proposta de arquitetura concêntrica de uma rede social digital; já no terceiro estudo, a intensidade afetiva aparece como variável da tensão diatópica, associada a alterações sequenciais do riso, o tom da voz, a expressão facial e a postura corporal, decorrentes do

exercício argumentativo. Nessa perspectiva, de acordo com a modelo de cruzamento das dimensões cognitiva e afetiva proposto por Rafael Wolter (cf. pág. 82), podemos situar os ecossistemas digitais de uma mobilização coletiva no quadrante correspondente aos objetos nos quais predomina uma cognição baixa e um nível de afeto alto. Por outras palavras, não é possível explicar a dinâmica tensional de um ecossistema digital sem levar em consideração o afeto como vetor mobilizador e ativador desse campo representacional.

Nessa perspectiva, é importante destacar que esses ecossistemas digitais, associados à dinâmica tensional de uma mobilização coletiva, ao se configurarem como campos representacionais, acabam se constituindo, também, como *campos comunicacionais*, toda vez que, como explica Michel-Louis Rouquette, no seu livro *La Communication Sociale* (cf. pág. 38), o pensamento social corresponde ao lado cognitivo da comunicação. Essa premissa nos leva a auscultar esse outro lado da moeda, o lado da comunicação como disciplina teórico-metodológica.

No entanto, os resultados dessa busca são pouco alvissareiros porque, como explica Robert Craig (cf. pág. 42), não existe uma teoria da comunicação como campo, apenas um conjunto de tradições teóricas, que explicam os fenômenos de forma isolada, sem esforços evidentes por construir uma teorização da comunicação como prática social. Porém, o só fato de conceber as redes sociais como ecossistemas digitais, que operam a modo de campo comunicacional, pode significar um passo à frente nessa empreitada.

A modo de exemplo, no terceiro estudo, foi possível abordar o fenômeno de disseminação de *fake news*, no quadro da campanha presidencial do Brasil em 2018, fazendo com que a tradição retórica da comunicação entrasse em diálogo construtivo com a epistemologia interacional das representações sociais. Se o delineamento teórico-metodológico desse estudo tivesse sido embasado, apenas, em uma das vertentes supracitadas, quer dizer, na retórica como arte prática do discurso ou na teoria das representações sociais, a riqueza e complementaridade dos resultados não teria sido a mesma.

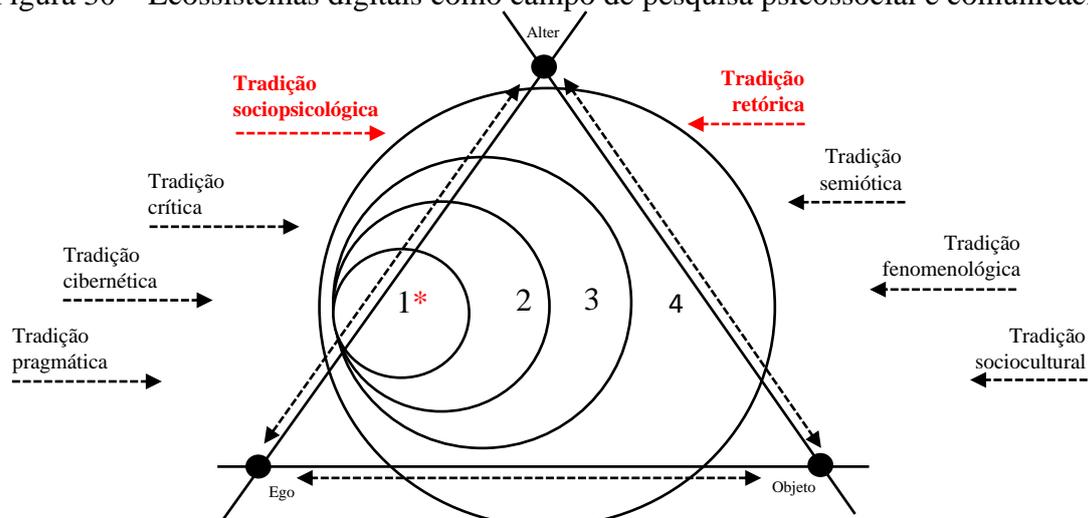
É por essa razão que, fazer uma aproximação das redes sociais digitais em momentos de mobilização coletiva, como ecossistemas que operam a modo de campos representacionais e comunicacionais, supõe um desafio para os pesquisadores que decidam optar por perspectivas psicossociais integradoras, isto é, que articulem níveis de explicação psicológicos, sociológicos e comunicacionais.

No primeiro capítulo, ao citarmos o livro *Smart Mobs: The Next Social Revolution* de Howard Rheingold, abordamos os impactos gerados pela *Internet* móvel como fenômeno comunicacional e tentamos construir um paralelo com os níveis de pesquisa, comumente

trabalhados no campo da Psicologia Social. Consideramos que a abordagem de um fenômeno específico, que leve em conta a articulação dos níveis intraindividual, interindividual, posicional e ideológico, propostos por Willem Doise na década de 80 (cf. pág. 39), ainda cobra vigência nos ecossistemas digitais face a eventos de mobilização coletiva.

No entanto, resulta pertinente assinalar alguns elementos que podem contribuir para a abertura de novas perspectivas de pesquisa, partindo sempre desse olhar integrador de leitura, explicação e análise de um fenômeno. Como mostra a Figura 30, o princípio configurador do *Ego-Alter-Objeto* continuaria a ser a base de qualquer tipo de análise, toda vez que estaremos fazendo referência a dinâmicas comunicacionais, caracterizadas por relações de tensão e conflito. No quadro desse olhar epistemológico interacional, apareceriam os níveis de pesquisa identificados por Willem Doise, integrados a modo de *dimensões reticulares*, que se conectam e conversam dentro do ecossistema.

Figura 30 – Ecossistemas digitais como campo de pesquisa psicossocial e comunicacional



* Os números 1, 2, 3 e 4 correspondem às dimensões intraindividual, nodal, posicional e ideológica, respectivamente. Fonte: Elaboração do autor a partir dos dados da pesquisa.

A *dimensão intraindividual* se concentraria na forma como os indivíduos organizam suas experiências no ecossistema digital, na linha do *bios virtual* proposto por Muniz Sodré (cf. pág. 32), isto é, da percepção subjetiva do tempo e do espaço, caracterizados pela simultaneidade, instantaneidade e globalidade. A *dimensão nodal*, que corresponderia ao nível interindividual, se enfocaria na dinâmica relacional entre perfis de uma mesma comunidade virtual ou *cluster*, um termo frequentemente utilizado na análise de redes. A *dimensão posicional* remeteria à relação de tensão entre comunidades virtuais ou *clusters*, a partir da convergência/divergência de elementos tanto cognitivos como comportamentais. E por fim, a *dimensão ideológica* se concentraria na análise do conjunto de crenças, representações e normas

sociais, que orientam pensamento socialmente construído e, por conseguinte, o comportamento das comunidades virtuais no quadro do ecossistema digital.

No caso específico dos estudos desenvolvidos na presente tese, é possível evidenciar o trânsito, quer explícito quer tácito, pelas três últimas dimensões supracitadas. Contudo, o aspecto mais importante, que torna-se dica indispensável para quem quiser abordar os ecossistemas digitais como campos representacionais-comunicacionais, seria a construção proposital de pontes teóricas e metodológicas com as tradições da comunicação, que Robert Craig classificou a modo de taxonomia na década de 90.

A Figura 30 mostra, também, que o delineamento teórico-metodológico da presente tese fez questão de construir um diálogo com as tradições sociopsicológica e retórica da comunicação, o que foi particularmente evidente nos resultados do terceiro estudo. Porém, isso não significa, de modo algum, que seja inviável fazer uma aproximação de fenômenos de mobilização coletiva, no quadro de um ecossistema digital, partindo de tradições da comunicação como a semiótica, a fenomenológica, a sociocultural ou a crítica; ao contrário, isso contribuiria para a consolidação de uma teoria mais robusta sobre o pensamento social em termos comunicacionais, ou dito de outra forma, para a construção de um metadiscorso teórico da comunicação, a partir do pensamento social como arcabouço conceitual.

Ao nos atermos ao objetivo da presente tese, de construir marcos explicativos de referência, que servissem de orientação teórica e de estímulo para a pesquisa das redes sociais digitais e dos fenômenos de mobilização associados a elas, consideramos que o objetivo foi alcançado. No entanto, é importante frisar que a ressonância desses resultados deve ir para além do âmbito acadêmico, porque estamos nos referindo a um assunto que afeta diretamente o mundo da vida das pessoas e a configuração dos sistemas políticos a que pertencem.

Os fenômenos escolhidos no quadro da presente pesquisa, mesmo correspondendo a mobilizações coletivas, divergiam tanto na sua intencionalidade quanto na sua dinâmica: a ocupação das escolas era uma ação de resistência civil não-violenta, em tanto que a disseminação das notícias falsas obedecia a um evento de mobilização eleitoral, como era o segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. Contudo, tratava-se de estudos cujos protagonistas eram, na sua grande maioria, jovens abaixo dos 25 anos, que interagem nos ecossistemas digitais.

Ao analisarmos o Movimento dos Indignados da Espanha de 2011, comumente denominado 15-M, ou mais recentemente, os protestos de 2019 contra a lei de extradição em Hong Kong, é possível evidenciar que se trata de movimentos sociais em rede, espontâneos, sem lideranças visíveis, integrados principalmente por jovens, que se utilizam das redes sociais

digitais como plataformas de organização e coordenação. Nessa mesma linha de análise, aparece o relatório de 2017 do Instituto Reuters e a Universidade de Oxford (cf. pág. 72), mostrando que 64% dos jovens de 36 países, entre 18 e 24 anos, acessa às notícias através da *Internet*, e 33% o faz só através das redes sociais, o que demonstra que estamos perante uma transformação radical da esfera pública (*Öffentlichkeit*), entendida bem como o pensamento socialmente construído sobre o que é comum a todos, assim como o *lugar* onde esse pensamento gera-se, circula e se reproduz.

Podemos até compactuar com a visão otimista de Manuel Castells, segundo a qual, os movimentos sociais em rede podem ser considerados agentes de mudança em sociedades com instituições políticas obsoletas, toda vez que eles propõem um modelo horizontal de democracia direta; ou assumir uma posição mais cética, por vezes quase apocalíptica, junto a Byung-Chul Han (2013), que considera a indignação digital como um estado afetivo, que não desenvolve uma força com poder de ação similar às massas da era industrial: no campo das ideias, ambas as posições podem ser contestadas e isso é válido.

No entanto, mais do que uma ideia, a *Internet* é uma realidade, e os ecossistemas digitais tornam-se uma expressão dela, não apenas em termos de pensamento socialmente construído, senão também de ações coletivas, que se apresentam em termos de conflito/tensão, e que podem acabar gerando mudanças. Mas, a que tipo de mudanças estamos nos referindo? A resposta depende do tipo de ação desencadeada e pode oscilar, segundo a especificidade do contexto: podemos estar fazendo alusão tanto a um exercício de assembleia deliberativa —como de fato aconteceu nas ocupações das escolas do Rio de Janeiro ou no Movimento dos Indignados da Espanha, de onde emergiu *Podemos* como partido político institucionalizado—, como a processos de tomada de decisões que, mesmo sendo democráticas, podem representar um prejuízo para uma sociedade, tais como a eleição/rejeição de um candidato, a partir da disseminação de informação falsa, ou a distorção proposital de um evento político, e.g. o *Brexit* ou o acordo de paz na Colômbia.

O cerne do assunto seria pensar a relação entre ecossistemas digitais e mobilização coletiva em termos de racionalidade política. Exercícios de pesquisa comparada, como os desenvolvidos por Jonathan Pinckney (2018), permitem entender, por exemplo, que além do número de pessoas que participam dos protestos nas ruas, existe uma racionalidade das mobilizações, caracterizada pela unidade de propósito, pelo planejamento estratégico e por uma disciplina não-violenta, que mina a justificação para uma repressão governamental.

Contudo, uma mobilização coletiva nem sempre obedece a uma dinâmica de tensão entre um governo repressor e multidões, geralmente de jovens, que se organizam de modo a

conseguirem um objetivo específico. Os ecossistemas digitais, como víamos no terceiro estudo, também operam a modo de câmaras de eco, amplificando informação falsa, que acaba se tornando *topos* ou princípio de justificação inferencial para muitas pessoas, e desencadeando atitudes de avaliação favorável ou desfavorável sobre um candidato ou um assunto político. Foi por essa razão que começaram a aparecer centros de monitoramento e checagem de informação duvidosa ou inverídica, geralmente adscritos aos grandes veículos de notícias, no intuito de concorrer com as *fake news* no âmbito dos ecossistemas digitais.

Mesmo sendo necessária e louvável, do ponto de vista da racionalidade política a que estamos fazendo referência, essa iniciativa ainda é insuficiente, porque os ecossistemas digitais não são apenas cenários de circulação de informação, senão *ciberlugares* de socialização inerentes à vida dos jovens contemporâneos, tanto do jovem engajado e ativista, passando pelo jovem que simplesmente circula como *flâneur* pelas autoestradas da informação, até chegar nos *hikikomori*, como se denomina em japonês aos jovens isolados em casa, que apenas se conectam com o mundo por meio dos dispositivos tecnológicos (Saito, 2012).

É nessa perspectiva do *Lebenswelt*, das relações do jovem com seu mundo da vida, que os ecossistemas digitais devem ser abordados, atrelando a racionalidade política a uma racionalidade educativa. Trabalhar nessa racionalidade educativa não significa, de modo algum, que o esforço de idealizá-la ou de torná-la prática educativa seja apenas uma responsabilidade da escola; porém, dada a magnitude do desafio, cabe a ela desempenhar uma função basilar nessa empreitada.

A racionalidade educativa pode ser materializada a partir de uma estratégia de *educação para a cidadania digital*, que vise ao *desenvolvimento de competências*, como explicam Janice Richardson e Elizabeth Molovidov, autoras de um manual sobre esse tema publicado pelo Conselho Europeu (2019). A Figura 31³⁸ mostra que essas competências seriam entendidas como o resultado de um processo de formação em valores, atitudes, habilidades e conhecimentos —daí a metáfora da borboleta como sinônimo de mudança—, que lhe permitiriam a um sujeito integrar-se, de forma ativa, nos diferentes espaços de participação política. Por outras palavras, tratar-se-ia de práticas associadas a uma cultura democrática.

³⁸ Esta figura é conhecida nas publicações do Conselho Europeu como a *borboleta das competências para uma cultura democrática* (*CDC butterfly* pelas suas siglas em inglês).

Figura 31 – Vinte competências para uma cultura democrática



Fonte: *Digital Citizenship Education Handbook* do Conselho Europeu (2019)

De alguma maneira, esse tipo de proposta conversa com mais outros modelos implementados nos últimos anos, no contexto latino-americano, no que diz respeito à educação para a cidadania, como o *Programa de Competências Cidadãs da Colômbia* de 2003 (Echeverri & Andrade, 2018), que se propunha a desenvolver gradualmente competências cognitivas, emocionais e comunicacionais dos estudantes, face a situações conflituosas da vida cotidiana.

Não se tratava apenas de transmissão de informação sobre resolução de conflitos, senão de um acompanhamento à forma como os estudantes pensavam, sentiam e agiam em relação aos conflitos em termos de práticas cotidianas, porque uma competência é fundamentalmente isso: uma prática individual ou coletiva, entendida como passagem da teoria à ação, ação reiterativa, modo de fazer e/ou cálculo de uma ação (cf. pág. 32).

Um modelo de educação para a cidadania digital, embasado na formação de competências, poderia orientar-se dessa forma: abordando os ecossistemas digitais como *campos de aprendizagem por descoberta*, o que faria com que os docentes conseguissem se inserir nesses universos consensuais, a partir da lógica do “aprender fazendo”, isto é, da experiência. Essa abordagem, sem dúvida, dialoga abertamente com a visão de Marc Prensky (2013), especialista em *videogames* aplicados à educação, para quem é impreterível que os

docentes “comecem a falar a língua dos nativos digitais”, no intuito de propiciarem ambientes de comunicação real que favoreçam os processos de construção do conhecimento.

Ora, do ponto de vista integrador da Psicologia Social, essa *lógica da experiência*, como ativadora de processos de aprendizagem, permitiria abordar a relação *Ego-Alter-Objeto* como unidade de tensão criativa em termos de construção do conhecimento e, ao mesmo tempo, contribuir para a ressignificação da figura do docente, como *mediador* de processos de comunicação pedagógica *online* e *offline*. Ao tratar-se de uma proposta que leva em consideração a relação biunívoca entre pensamento social e práticas associadas à *cultura democrática*, como concebida no Ocidente, a abordagem de futuras pesquisas poderia centrar-se no mapeamento dessas práticas em termos de mudança, partindo de indicadores que evidenciem um *antes*, um *durante* e um *depois* da implementação.

O tema da construção de indicadores vinculados a práticas educativas não é novo; de fato, é possível evidenciar seu uso em projetos pedagógicos associados ao cuidado do meio ambiente, por exemplo. Para nós, como pesquisadores, docentes e cidadãos, o desafio seria, então, abordarmos a dinâmica dos ecossistemas digitais, especialmente em momentos de mobilização coletiva, como campos ainda inexplorados de aprendizagem para a democracia, a partir da experiência digital, fazendo com que o modelo ideal proposto na Figura 31 converse com a realidade espaço-temporal dos docentes e dos estudantes em termos de inclusão digital, isto é, de utilização das tecnologias da informação e a comunicação como ferramentas educativas para a mudança social.

REFERÊNCIAS

- Abric, J.-C.(1994). Représentations sociales: aspects théoriques. In J.-C. Abric (Org.). *Pratiques sociales et representations* (pp. 11-36). Paris: PUF.
- Álvaro, J.L. & Garrido, A. (2006). *Psicologia Social: perspectivas psicológicas e sociológicas*; tradução Miguel Cabrera Fernandes. São Paulo: McGraw-Hill.
- Anderson J.A. (1996). *Communication Theory: Epistemological foundations*. New York: Guilford Press.
- Asencio-Guillén, A. & Navío-Marco, J. (2017). El Ciberespacio como sistema y entorno social: una propuesta teórica a partir de Niklas Luhmann. *Communication & Society*, 31(1), 23-38.
- Bakhtin, M.M. (1981). *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press.
- Bakhtin, M.M. (1984). *Problems of Dostoyevsky's poetics*. Manchester: Manchester University Press.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*, tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo, SP: Edições 70.
- Bettani M. de Jesus, P. (2015). Considerações acerca da noção de afeto em Espinosa. *Cadernos Espinosanos*, 33, 159-190.
- Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2008). Social Network Sites: Definition, History and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13, 210-230.
- Bouriche, B. (2003). L'analyse de similitude. In J.-C. Abric (Org.), *Méthodes d'étude des représentations sociales* (pp. 221-252). Ramonville Saint-Agne: Érès.
- Brühler, K. (1934). *Theory of language: the representational function of language*. Amsterdam: John Benjamins.
- Canavilhas, J. (2011). El nuevo ecosistema mediático. *Revista Index Comunicación*, 1, 13-24.
- Canavilhas, J. (2013). Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In D. Renó, C. Campalans, S. Ruiz & V. Gosciola (Orgs.), *Periodismo transmídia: miradas múltiples* (pp.53-67). Bogotá: Editorial Universidad del Rosario.
- Carvalho, O. de. (1997). *Arthur Schopenhauer - Como vencer um debate sem precisar ter razão em 38 estratégias: dialética erística*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Castells, M. (1996). *The Information Age: The Rise of the Network Society*. Oxford, RU: Blackwell.
- Castells, M. (2000a). *The Information Age : Economy, Society and Culture*, 3 volumes. Oxford, RU : Blackwell.
- Castells, M. (2000b). Materials for an Explanatory Theory of the Network Society. *British Journal of Sociology*, 51, 4-24.

- Castells, M. (2001). *The Internet Galaxy, Reflections on the Internet, Business and Society*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press
- Castells, M. (2009). *Power Communication*. Oxford, Reino Unido: Oxford University Press.
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castorina, A. (2016). El significado del marco epistémico en la teoría de las representaciones sociales. *Cultura y representaciones sociales*, 11(21), 79-108.
- Codol, J.-P. (1969). Note terminologique sur l'emploi de quelques expressions concernant les activités et processus cognitifs em psychologie social. *Bulletin de Psychologie*, 23, 63-71.
- Craig, R. (1999). Communication Theory as a Field. *Communication Theory* 9(2), 119-161.
- Craig, R. (2009). Reflection on "Communication Theory as a Field". *Communiquer*, 2, online. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/communiquer/346> >. Acesso em: 25 dez. 2019.
- Craig, R. & Muller, H. (Eds.) (2007). *Theorizing communication: Readings across traditions*. Thousand Oaks, California: Sage.
- Deschamps, J-C. & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: Dos processos identitários às representações sociais*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes.
- Doise, W. (1973). Relations et représentations intergroupes. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la Psychologie Sociale* (Vol. 2). Paris: Larousse.
- Doise, W. (2002). Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27-35.
- Doise, W. (2014). Sistema e metassistema. In A.M.O. Almeida; M.F.S. Santos & Z.A.Trindade (Orgs.), *Teoria das Representações Sociais: 50 anos* (pp. 123-156). Brasília: Technopolitik.
- Dijk van, T. A. (2005). Ideología y análisis del discurso. *Utopía y Praxis Latinoamericana*, 10(29), 9-36.
- Eagly A. H. & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Fort North, Philadelphia: Harcourt Brace Javanovich
- Echeverri, G. & Andrade, R. (2016). Cultura cidadã: aproximação psicossocial da norma legal no contexto de uma favela carioca. *Revista de Paz y Conflictos* 9(2), 151-178.
- Echeverri, G. & Andrade, R. (2018). *Aventureiros: Programa de Educação para a Cidadania com crianças da Mangueira (Rio de Janeiro-Brasil)*. Beau Bassin, Maurício: Editorial Académica Española EAE.
- Echeverri, G. & Andrade, R. (2019). Redes sociais digitais: a lógica do pensamento social em eventos de mobilização coletiva. *Polêmica*, 19(1), 1-19.

Echeverri, G., Wolter, R.P. & Peixoto, Á. (2019). Redes sociais digitais y pensamiento social: el caso de la ocupación de las escuelas de Río de Janeiro. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 9(1), 106-131.

Farr, R. M. (1998). *As raízes da Psicologia Social moderna*. Petrópolis: Vozes.

Farr, R. M. (1987). Social representations: a French tradition of research. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 17(4), 343-369.

Figa i Faura, L. (1993). *Lógica, tópica y razonamiento jurídico*. Discurso de ingreso en la Real Academia de Jurisprudencia y Legislación. Madrid: RAJL.

Figueiredo, C.A.P. (2016). Narrativa transmídia: modos de narrar e tipos de histórias. *Letras, Santa Maria*, 26(53), 45-64

Fiske, S. (1998). Stereotyping, prejudice and discrimination. In: Gilbert, D.; Fiske, S.; Lindzey, G. (Eds.), *The handbook of social psychology* (pp. 357-411). New York : McGraw-Hill, 1998.

Flament, C. (1981). L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. *Cahiers de Psychologie Cognitive*, 4, 357-396.

Flament, C. (1994). Structure, dynamique et transformation des représentations sociales. In J. C. Abric (Org.), *Pratiques sociales et représentations* (pp. 37-57). Paris: PUF.

Flament, C. & Rouquette, M.-L. (2003). *Anatomie des idées ordinaires. Comment étudier les représentations sociales*. Paris: Armand Colin.

Gibson, W. (1984). *Neuromancer*. Nova York: Ace Science Fiction Books.

Giovanelli, L.M. (2017). *#OcupaCairu: juventude e luta política a partir da ocupação de uma escola no subúrbio do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidade, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil.

Guareschi, P. (2007). O que é mesmo Psicologia Social? Uma perspectiva crítica de sua história e seu estado hoje. In A. Jacó-Vilela & L. Sato (Orgs.), *Diálogos em Psicologia Social* (pp.37-52). Porto Alegre: Evangraf.

Guess, A., Nyhan, B. & Reifler, J. (2018). *Selective Exposure to Misinformation: Evidence from the consumption of fake news during the 2016 U.S. presidential campaign*. Bruxelas: European Research Council. Disponível em: <<https://www.dartmouth.edu/~nyhan/fake-news-2016.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Guimelli, C. (1999). *La pensée sociale*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF).

Han, B-C. (2013). *O enxame: perspectivas do digital*, tradução de Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes.

Hayek, F. von (1953). *Scientisme et sciences sociales*. Paris : Plon

Hessen, J. (1925). *Teoría del Conocimiento*. Instituto Latinoamericano de Ciencia y Artes. Disponível em: <<https://gnoseologia1.files.wordpress.com/2011/03/teoria-del-conocimiento1.pdf>>. Acesso em : 20 jan. 2020.

- Howard, P.N. & Hussain, M.M. (2013). *Democracy's Fourth Wave? Digital Media and Arab Spring*. Oxford: Oxford University Press.
- Jenkins, H. (2009). *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph
- Jodelet, D. (1984). Représentation sociale: phénomènes, concept et théorie. In S. Moscovici (Org.), *Psychologie sociale*. Paris: PUF.
- Jodelet, D. (1989). *Les représentations sociales*. Paris : Presses Universitaires de France (PUF).
- Jodelet, D. (Org.) (2001). *As representações sociais*, tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro : EdUERJ.
- Kuzmanich, D. (2008). *Cartilla de narrativa audiovisual*. Bogotá: Ministerio de Cultura.
- Latour, B. (2007). *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Latour, B., Jensen, P., Venturini, T., Grauwin, S. & Boullier, D. (2012). 'The whole is always smaller than its parts' – a digital test of Gabriel Tarde's monads. *The British Journal of Sociology*, 63(4), 590-615.
- Lazzarato, M. & Negri, A. (2001). *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Levy, D; Newman, N; Fletcher, R; Kalogelopoulos, A; & Nielsen, R. (2017). *Digital News Report 2017*. Instituto Reuters y Universidad de Oxford. Disponível em: <<http://www.digitalnewsreport.org/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*, tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34.
- Lévy, P. (2004). *Inteligencia colectiva: por una antropología del ciberespacio*, traducción de Felino Martínez Álvarez. Washington: Organización Panamericana de la Salud (OPS).
- Lima, L. P. de (2004). Atitudes: estrutura e mudança. In Vala J.; M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (pp. 187-225). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Littlejohn, S. W.; Foss, K.A. (Orgs). (2009). *Encyclopedia of Communication Theory*. Thousand Oaks, California: Sage Publications.
- Littlejohn, S. W.; Foss, K.A. (2011). *Theories of human communication*. Long Grove, Illinois: Waveland Press.
- López, M. (2006). *Política sin violencia: la noviolencia como humanización de la política*. Bogotá: Uniminuto.
- Luhmann, N. (1984). *Soziale Systeme. Grundriß einer allgemeinen Theorie*. Frankfurt am Mein: Suhrkamp.
- Luhmann, N. (1991). *Sistemas sociales: lineamentos para una teoría general*. México: Alianza/Universidad Iberoamericana.
- Luhmann, N. (1997). *Die Gesellschaft der Gesellschaft*. Frankfurt am Mein: Suhrkamp.

- Luhmann, N. (1998). *Sistemas sociales: lineamientos para una teoría general*. Bogotá: CEJA.
- Luhmann, N. (1999). *Politique et complexité*. Paris: Cerf
- Luhmann, N. (2005). Sociologia como teoria dos sistemas sociais. In J.M. Santos (Org.), *O pensamento de Niklas Luhmann* (pp. 71-119). Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior.
- Malini, F. & Antoun, H. (2013). *@Internet e #Rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina.
- Malini, F. (2017). Um método perspectivista de análise de rede social: cartografando territórios e tempos na rede. In D. Zanetti & R. Reis (Orgs.), *Comunicação e Territorialidades: poder e cultura, redes e mídias* (pp.83-106). Vitória: EDUFES.
- Marín, Ó. (2013). Emociones colectivas y lenguaje en el sistema red 15M. In J. Toret (Org.), *Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas:El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida* (pp. 69-85). Barcelona: Universitat Oberta de Catalunya. Disponível em: <[https://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20\(2\).pdf](https://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 24 nov. 2019.
- Marková, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: a dinâmica da mente*, tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Marková, I. (2017). A fabricação da teoria das representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, 47(163), 358-375.
- Marques, J. (1988). Categorização social, identidade social e homogeneidade de outgroup: uma análise conceptual. *Análise Psicológica*, 3-4(6), 279-305.
- Mathis, A. (2004). A sociedade na teoria de sistemas de Niklas Luhmann. *Presença Revista de Cultura, Comunicação e Meio Ambiente*, 8(28), 1-23.
- Maturana, H. & Varela F. (1984). *El árbol del conocimiento*. Santiago: OEA/Editorial Universitaria.
- Maurer, K. (2010). Communication and Language in Niklas Luhmann's Systems-Theory. *Pandaemonium germanicum* 16(2), 1-21.
- Menezes, A.P. (2007). Para pensar o afeto. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, 10(2), 231-254
- Menezes, M. (2008). Comunicação a partir da complexidade contingente da modernidade segundo a perspectiva de Niklas Luhmann. *Intercom- Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 31(2), 15-33.
- Moliner, P. & Guimelli, C. (2015). *Les représentations sociales*. Grenoble, França: Presses Universitaires Grenoble.
- Moscovici, S. (1961/2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*, tradução Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes.

Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public*. 2^{ème} édition. Paris : Presses Universitaires de France.

Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. In R. Farr & S. Moscovici (Orgs.), *Social Representations*. Cambridge: Cambridge University Press.

Moscovici, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Org.), *The psychology of the social* (pp. 209-247). Nova Iorque : Cambridge University Press.

Moscovici, S. (2003). *Discurso de aceitação do Prêmio Balzan categoria Psicologia Social*. Berna: Fundación Internacional Balzan. Disponível em: <<https://www.balzan.org/fr/laureats/serge-moscovici/berne-07-11-2003-moscovici>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Moscovici, S. (2011). *Psicologia das minorias ativas*, tradução Grupo de Leitura Ideologia, Comunicação e Representações Sociais, responsável Pedrinho Guareschi. Petrópolis (RJ) : Vozes.

Moscovici, S. & Hewstone M. (1981). De la science au sens commun. In S. Moscovici (Org.), *Psychologie sociale*. Paris: PUF.

Moscovici, S. & Marková, I. (2000). Ideas and their development: a dialogue between Serge Moscovici and Ivana Marková. In S. Moscovici & G. Duveen (Orgs), *Social representations: explorations in social psychology* (pp. 224-286). Londres (RU): Polity.

Moya, S., M. & Herrera D., S. (2015). Hacia una comunicación política avanzada en la Internet 2.0. *Observatorio (OBS*) Journal*, 9(4), 113-139.

Mucci, L.I. (2006). Signos do corpo: Réquichot, Barthes e nós, os outros. *Alea*, 8(2), 219-229.

Neves, C.E.B. & Neves, F.M. (2006). O que há de complexo no mundo complexo? Niklas Luhmann e a Teoria dos Sistemas Sociais. *Sociologias-Porto Alegre*, 8(15), 182-207.

Oberer, B.; Erkollar, A. & Stein, A. (2019). Social Bots – Act Like a Human, Think Like a Bot. In Marcus Stumpf (Org.), *Digitalisierung und Kommunikation: Konsequenzen der digitalen Transformation für die Wirtschaftskommunikation* (pp. 311-327). Frankfurt/Main, Alemanha: Springer.

Oliveira, D.C., Marques, S.C., Gomes, A.M.T, & Teixeira, M.C.T.V. (2005). Análise das Evocações Livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. In A.S. P. Moreira, B.V. Camargo, J.C. Jesuíno, & S.M. Nóbrega (Orgs.), *Perspectivas Teórico-Metodológicas em Representações Sociais* (pp. 573-603). João Pessoa (PA): Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba.

Parisier, E. (2011). *The Filter Bubble*. New York: The Penguin Press.

Parsons, T. (1984). *El sistema social*. Madrid: Alianza Editorial.

Pascal Moliner, P. & Guimelli, C. (2015). *Les représentations sociales*. Grenoble, França: Presses Universitaires.

Pinckney, J. (2018). *When civil resistance succeeds: building democracy after popular nonviolent uprisings*. Washington: ICNC (International Center on Nonviolent Conflict). Disponível em: <<https://www.nonviolent-conflict.org/civil-resistance-building-democracy-popular-nonviolent-uprisings/>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

Polonski, V. (2016). Impact of social media on the outcome of the EU referendum. *Blog Views from Oxford*. Disponível em: <<http://www.ox.ac.uk/news-and-events/oxford-and-brexit/brexit-analysis/views-from-oxford>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Poyatos, F. (1992). The interdisciplinary teaching of nonverbal communication: academic and sociocultural implications. In F. Poyatos (Ed.), *Advances in Nonverbal Communication: Sociocultural, Clinical, Aesthetic and Literary Perspectives* (pp. 363-397). Amsterdam: John Benjamins.

Poyatos, F. (2003). La comunicación no verbal: algunas de sus perspectivas de estudio e investigación. *Revista de Investigación Lingüística*, 6(2), 67-83.

Prensky, M. (2013). *Enseñar a nativos digitales: una propuesta pedagógica para la sociedad del conocimiento*. México: Ediciones SM.

Price, V. (1992). *Opinión Pública*. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara.

Ramos, R. & Vargas, M. (1996). The probabilistic basis of Jaccard's index of similarity. *Systematic biology*, 45(3), 380-385.

Reales, L. & Confortin, R. S. (2011). *Introdução aos Estudos da Narrativa: 2º período*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Recuero, R. & Gruzd, A. (2019). Cascata de Fake News Políticas: um estudo de caso no Twitter. *Galáxia (São Paulo online)*, 41, 31-47.

Reinghold, H. (2000). *The virtual community*. Cambridge, MA: MIT Press.

Reinghold, H. (2002). *Smart Mobs: The Next Social Revolution*. Cambridge, MA: Perseus.

Rey, J. (2009). Sobre la reason why, los topoi y la argumentación: una lectura (comparada) de los clásicos de la publicidad y la retórica. *Pensar la publicidad*, 3(2), 89-108.

Richardson, J. & Milovidov, E. (2019). *Digital Citizenship Education Handbook*. Bruxelas: Council of Europe.

Rodrigues, R.P. (2019). *A universidade nas representações sociais de estudantes do ensino médio da cidade do Rio de Janeiro: diferenças estruturais, de implicação pessoal e de capitais*. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Rodríguez, D. & Torres J. (2003). Autopoiesis, la unidad de una diferencia: Luhmann y Maturana. *Sociologias-Porto Alegre*, 5(9), 106-140.

Rosenzweig, F. (1921). *Stern der Erlösung*. Frankfurt: Kauffmann.

Rosenzweig, F. (2001). *Foi et savoir*. Paris: J. Vrin.

Rouquette, M.-L. (1994). *Sur la connaissance des masses: essai de psychologie politique*. Préface de Serge Moscovici. Grenoble, França: Presses Universitaires de Grenoble.

Rouquette, M.-L. (1996). Représentations et idéologie. In J.-C. Deschamps & J.-L. Beauvois (Orgs.), *Des attitudes aux attributions* (pp. 163-173). Grenoble, França: Presses Universitaires de Grenoble.

Rouquette, M.-L. (1998). *La communication sociale*. Paris: Dunod.

Rouquette, M.-L. (2000). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. In A.S.P. Moreira & D.C. Oliveira (Eds.), *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.

Rouquette, M.-L. (2009). *La pensée sociale : perspectives fondamentales et recherches appliquées*. Toulouse : Éditions Érès

Ryan, M-L. (2005). Narrative. In D. Herman, M. Jahn & M-L. Ryan (Orgs.), *Routledge Encyclopedia of Narrative Theory* (pp.344-348). Oxfordshire, NY: Routledge.

Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.

Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Sá, C.P. de (2015). *Estudos de Psicologia Social: história, comportamento, representações e memória*. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ.

Saito, C.N.I. (2012). Cultura pop japonesa e as novas referências midiáticas: o fenômeno otaku e hikikomori. *REU*, 38(2), 249-260.

Santos, B. de S. (2000). *Crítica de la razón indolente: contra el desperdicio de la experiencia*. Bilbao: Desclée de Brouwer.

Santos, B. de S. (2004). Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, In B. S. Santos (Org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente: 'Um Discurso sobre as Ciências' revisitado* (pp. 777-821). São Paulo: Cortez.

Sell, C.E. & Martins, C.B. (Orgs.) (2017). *Teoria sociológica contemporânea*. São Paulo: Annablume.

Serway, R.A. & Jewett, J.W. (2004). *Princípios de Física: Óptica e Física Moderna*. Rio de Janeiro: LTC.

Sharp, G. (1973). *The Politics of Nonviolent Action*. Boston: Porter Sargent.

Sharp, G. (2003). *There are realistic alternatives*. Boston: Albert Einstein Institution.

Sodré, M. (2014). *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Toret, J. (Org.)(2013). *Tecnopolítica, la potencia de las multitudes conectadas: El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. Barcelona: Universitat Oberta de

Catalunya. Disponível em: <[http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20\(2\).pdf](http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2019.

Toffler, A. (1980). *La tercera ola*. Barcelona, Espanha: Plaza y Janés.

UNESCO – ITU. (2016). *The State of Broadband: Broadband catalyzing sustainable development*. Disponível em: <<http://www.broadbandcommission.org/Documents/reports/bb-annualreport2016.pdf>> Acesso em: 20 jan.2020.

Urteaga, E. (2010). La teoría de sistemas de Niklas Luhmann. *Contrastes Revista Internacional de Filosofía*, 15, 301-317.

Vallespín, F. (2001). Teoría del discurso y acción comunicativa en Jürgen Habermas. In R. Máiz (Org.), *Teorías políticas contemporáneas* (pp. 137-164). Valencia (España): Tirant Lo Blanch.

Vega Reñón, L. (2004). “Entinemas”. *Doxa, Cuadernos de Filosofía del Derecho*, 27, 283-315.

Vergès, P. (1994) Approche du noyau central: propriétés quantitatives et structurales. In C. Guimelli (Org.), *Structures et transformations des représentations sociales* (pp. 233-253). París: Francia: Delachaux et Niestlé.

Viveiros de Castro, E. (2012). Immanence and fear: stranger-events and subjects in Amazonia. *HAU:Journal of Ethnographic Theory*, 2(1), 27-43.

Viveros de Castro, E. (2013). *La mirada del jaguar: introducción al perspectivismo amerindio*. Buenos Aires: Tinta Limón.

Wachelke, J., & Wolter, R.P. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521- 526.

Wellman, B. (2001). Physical Place and Cyberplace: The Rise of Personalized Networking. *International Journal of Urban and Regional Research*, 25(2), 227-252.

Williams, R. (2011). *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Vozes.

Wolfsfeld, G., Segev, E. & Sheaffer, T. (2013). Social Media and the Arab Spring: Politics Comes First. *The International Journal of Press/Politics* 18(2), 115-137.

Wolter, R. P. (2008). *Pensée sociale et situations de crise*. Tese de Doutorado em Psicologia. Université Paris Descartes, Paris, França.

Wolter, R. P. (2009). Les objets à forte valence affective : la notion de *nexus*. In M.-L. Rouquette (Org), *La pensée sociale : perspectives fondamentales et recherches appliquées* (pp. 59-72). Toulouse, France : Éditions Érès.

Wolter, R.P. (2018). The Structural Approach to Social Representations: Bridges between Theory and Methods. *Psico-USF*, 23(4), 621-631.

Wolter, R.P., Gurrieri, C. & Sorribas, E. (2009). Empirical illustration of the hierarchical organization of social thought: a domino effect? *Interamerican Journal of Psychology* 43(1), 1-11.

Wolter, R.P. & Sá, C.P. de. (2013). As relações entre representações e práticas : O caminho esquecido. *Revista Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades*, 23(1-2), 87-105.

Wolter, R. P., Wachelke, J., Sá, C., Passeri, C. & Naiff, D. (2015). Temporalidade e representações sociais: estabilidade e dinâmica dos elementos ativados pelo Regime Militar brasileiro. *Psychologica (Coimbra)*, 28(1), 107-125.

Zapata-Vallejo, D.C.. (2019). *Mi Comuna 2: análisis del proceso de creación y consolidación de un periódico comunitario de Medellín*. Tesis de maestría en Comunicación para el Cambio Social, Corporación Universitaria Minuto de Dios, Bogotá, Colombia.

APÊNDICE A - Estudo 1: aplicação de questionário



PESQUISA SOBRE A OCUPAÇÃO DOS COLÉGIOS DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO EM 2016



<p>1. No primeiro semestre de 2016, estudantes de vários colégios do Estado do Rio de Janeiro ocuparam suas escolas. Você estudava neste colégio em que estamos agora quando a ocupação aconteceu?</p> <p>Sim __ Em outro __ Qual? _____</p> <p>Esse outro colégio também foi ocupado? Sim Não</p> <p>Você ocupou? Sim __ Não __</p>	<p>2. Quais são as três primeiras palavras ou expressões que passam pela sua cabeça quando pensa em OCUPAÇÃO?</p> <p>1 _____</p> <p>2 _____</p> <p>3 _____</p>
--	--

3. Qual é a frequência semanal com que você realiza as seguintes atividades? Coloque um X em frente de cada atividade:

Descrição da atividade	SEMPRE	QUASE SEMPRE	ALGUMAS VEZES	POUCAS VEZES	NUNCA
	Todos os dias	5 a 6 dias por semana	3 a 4 dias por semana	1 a 2 dias por semana	
Ler jornais impressos.					
Assistir ao jornal na televisão.					
Escutar notícias na rádio.					
Entrar aos sites dos jornais na internet.					
Compartilhar notícias dos jornais nas redes sociais.					
Compartilhar notícias em grupos do WhatsApp.					
Postar fotografias próprias no Facebook.					
Postar vídeos próprios no Facebook.					
Compartilhar fotos/vídeos de outros no Facebook.					
Curtir postagens de outros no Facebook.					
Comentar postagens de outros no Facebook.					
Atualizar minha conta no Twitter.					
Atualizar minha conta no Instagram.					
Jogar videogames.					
Assistir a programas religiosos na TV.					
Assistir a séries na Netflix.					
Assistir a séries/filmes na TV a cabo.					
Usar aplicativo para achar amigos ou namorado(a).					
Acompanhar o site de algum youtuber.					
Ler livros impressos diferentes dos escolares.					
Ler revistas impressas.					
Atualizar meu próprio blog.					
Atualizar meu próprio canal de Youtube.					



4. Na página seguinte aparecerão 21 palavras ou expressões. Por favor, escolha e escreva na primeira coluna as 7 palavras ou expressões que, na sua opinião, **tenham mais a ver** com a ocupação. Depois, escolha e escreva as 7 palavras ou expressões que **tenham menos a ver** com a ocupação. Finalmente, na terceira coluna, escreva as 7 palavras ou expressões **que sobram**:

alienação	trabalho em equipe	aprendizado	superlotação	denúncia	luta
conquista	grêmio estudantil	#ocupatudo	democracia	desleixo	direito
repressão	redes sociais	alimentação	matar aula	SAERJ	
	secundaristas	diretor	bagunça	greve	

Palavras que têm MAIS a ver com a ocupação 2016	Palavras que têm MENOS a ver com a ocupação 2016	Palavras ou expressões QUE SOBREM
1. _____	1. _____	1. _____
2. _____	2. _____	2. _____
3. _____	3. _____	3. _____
4. _____	4. _____	4. _____
5. _____	5. _____	5. _____
6. _____	6. _____	6. _____
7. _____	7. _____	7. _____



Você quer expressar mais alguma coisa sobre a ocupação de 2016? (resposta opcional) _____

Informação do(da) participante:

Você se reconhece como: homem ___ mulher ___ outro ___

Idade: ___ anos

Série: ___ Colégio : _____ Município _____

Obrigado!

